

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

FLAVIO MARCELO CONEGLIAN

O Rural e o Virtual: a cultura local do distrito rural de Guaragi, Ponta
Grossa - PR e o uso da Internet.

PONTA GROSSA
2015

FLAVIO MARCELO CONEGLIAN

O Rural e o Virtual: a cultura local do distrito rural de Guaragi, Ponta
Grossa - PR e o uso da Internet.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientação: Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky

PONTA GROSSA
2015

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

Coneglian, Flavio Marcelo
C747 O Rural e o virtual: a cultura local do
 distrito rural de Guaragi, Ponta Grossa -
 PR e o uso da Internet/ Flavio Marcelo
 Coneglian. Ponta Grossa, 2015.
 112f.

 Dissertação (Mestrado em Gestão do
 Território - Área de Concentração: Gestão
 do Território: Sociedade e Natureza),
 Universidade Estadual de Ponta Grossa.

 Orientador: Prof. Dr. Leonel Brizolla
 Monastirsky.

 1.Rural e urbano. 2.Distrito.
 3.Globalização. 4.Internet. I.Monastirsky,
 Leonel Brizolla. II. Universidade
 Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em
 Gestão do Território. III. T.

CDD: 911.3

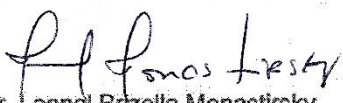
TERMO DE APROVAÇÃO

FLAVIO MARCELO CONEGLIAN

**"O RURAL E O VIRTUAL: A CULTURA LOCAL DO DISTRITO RURAL DE GUARAGI,
PONTA GROSSA – PR E O USO DA INTERNET"**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:


Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky

UEPG


Prof. Dr. Sergio Fajardo

UNICENTRO


Prof. Dr. Celso Antonio Ramos da Fonseca Rosas

UEPG

Ponta Grossa, 20 de março de 2015.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Professor Leonel Brizolla Monastirsky, pela companhia em minha formação profissional na Geografia e por todo apoio e orientação durante o desenvolvimento deste trabalho que contribuiu, também, para minha formação pessoal.

Aos demais professores da Graduação e do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa que colaboraram, ao longo dos anos, para a construção de meu caminho pelo saber geográfico.

Agradeço à Banca de Qualificação, Professor Dr.º Sergio Fajardo e Professor Dr.º Celso Antonio R. da F. Rosas pelas excelentes contribuições para a conclusão desta pesquisa.

Aos meus pais e irmão. Agradeço por todo o apoio incondicional que me ajudou a chegar até mais esta etapa de minha vida. Meu reconhecimento é eterno para com vocês que me viram crescer e hoje completo mais um importante passo da minha vida ao seu lado.

Em especial a minha companheira Jeanine C. Ressetti, que mais do que compartilharmos nossas vidas, dividimos as mais diversas angústias e felicidades únicas de um processo de dissertação. Com longas conversas/discussões utilizando de seu olhar de historiadora, me fez expandir minha visão sobre meu próprio tema. Agradeço-a por todo carinho, companheirismo e apoio que tornou este período muito mais agradável e meus dias mais felizes.

À minha tia Zoraide Coneglian, por todo carinho e dedicação com que me auxiliou na reta final da escrita deste trabalho, obrigado por tudo.

Agradeço aos moradores da vila do distrito de Guaragi pela gentileza e acolhimento com que aceitaram participar e expor suas experiências e vivências à mim.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa durante todo o período de realização deste Mestrado.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram e torceram para a conclusão desta pesquisa.

Motivo cibernético

Polimultiplurimáquinas
estiram os nossos nervos
nos giros da exatidão.

No campo vibrante
de circuitos e painéis,
tecniscravos apascentam
rebanhos sagrados
de monstros eletrônicos.

Helena Kolody, In Tempo, 1970.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo compreender como a cultura local rural do distrito de Guaragi, Ponta Grossa – PR se reelabora com o uso da Internet. Dessa forma, as discussões giram em torno da relação dialética entre os modos de vida rural e urbano. A coleta de dados em campo conta com a aplicação de dois questionários quantitativos, um para os moradores que têm acesso à Internet e outro para os moradores que não têm contato com ela em seu cotidiano. A metodologia aplicada para as entrevistas é a saturação de dados, que busca a aquisição de informações até que elas não tragam contribuições adicionais à sua análise. A redação deste trabalho consiste em três capítulos, o primeiro abrange discussões teóricas acerca de campo, cidade, rural, urbano, territorialidades e representações sociais. O segundo apresenta conteúdo referente ao processo de globalização, mídia, tecnologias e a criação e expansão da Internet. O terceiro capítulo apresenta as informações e as análises obtidas com os dados do trabalho de campo.

Palavras-chave: Rural e urbano, distrito, globalização, Internet.

ABSTRACT

This study aims to understand how the local rural culture of Guaragi district, Ponta Grossa - PR is reworks using the Internet. Thus, the discussions revolve around the dialectical relationship between modes of rural and urban life. The field data collection relies on the application of two quantitative questionnaires, one for residents who have Internet access and one for residents who have no contact with it in their daily lives. The methodology used for the interviews is the saturation data that seeks to acquire information until they do not bring additional contributions to the analysis. The writing of this search consists of three chapters, the first covers theoretical discussions of countryside, city, rural, urban, territoriality and social representations. The second provides content for the globalization process, media, technologies and the creation and expansion of the Internet. The third chapter presents information and analysis with the field research data.

Keywords: Rural and urban, district, globalization, Internet.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<i>Figura 1. Localização do município de Ponta Grossa – Paraná.</i>	<i>11</i>
<i>Figura 2. Divisão territorial do município de Ponta Grossa e seus distritos.</i>	<i>12</i>
<i>Figura 3. Capa do Almanaque Temático Chico Bento Nº19 – A roça e a cidade.</i>	<i>33</i>
<i>Figura 4. Quadrinhos da história “É só ligar”</i>	<i>33</i>
<i>Figura 5. Quadrinho da história “Pressa danada”.</i>	<i>34</i>
<i>Figura 6. Quadrinho da história “Pressa danada”.</i>	<i>35</i>
<i>Figura 7. Quadrinho da história “Barulhos noturnos”.</i>	<i>35</i>
<i>Figura 8. Quadrinho da história “tome cuidado com você”.</i>	<i>36</i>
<i>Figura 9. Imagem da entrada de acesso do usuário.</i>	<i>60</i>

LISTA DE GRÁFICOS

<i>Gráfico 1. Tipos de conexão utilizada em Guaragi.</i>	<i>47</i>
<i>Gráfico 2. Associações livres do imaginário sobre a Internet (Grupo off-line).....</i>	<i>62</i>
<i>Gráfico 3. Associações livres do imaginário sobre a Internet (Grupo on-line).....</i>	<i>65</i>
<i>Gráfico 4. Usos da Internet pelo grupo on-line de Guaragi.</i>	<i>72</i>
<i>Gráfico 5. Uso primário e da Internet pelo grupo on-line de Guaragi.</i>	<i>72</i>
<i>Gráfico 6. Serviços específicos da Internet.....</i>	<i>74</i>
<i>Gráfico 7. Equipamentos utilizados para conexão à Internet no distrito.....</i>	<i>75</i>
<i>Gráfico 8. Locais de conexão à Internet no distrito.....</i>	<i>76</i>
<i>Gráfico 9. Divisão do grupo off-line.....</i>	<i>77</i>
<i>Gráfico 10. Tempo de utilização diária da Internet.</i>	<i>82</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. OS ESPAÇOS E OS MODOS DE VIDA: O CAMPO E A CIDADE, O RURAL E O URBANO.	17
1.1 DAS MATERIALIDADES: O CAMPO E A CIDADE	17
1.2 DOS MODOS DE VIDA: RELAÇÕES ENTRE O RURAL E O URBANO	21
1.3 DAS TERRITORIALIDADES: RURALIDADE E URBANIDADE	25
1.4 DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: AS IMAGENS DO RURAL E URBANO.	30
2. TEMPOS MODERNOS: O GLOBAL, AS TECNOLOGIAS E A INTERNET	37
2.1 O PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO	37
2.2 UMA NOTA SOBRE MÍDIAS E TECNOLOGIAS.....	41
2.3 DA GÊNESE À EXPANSÃO DA INTERNET	47
3. O RURAL E O VIRTUAL: AS RELAÇÕES DOS MORADORES DE GUARAGI COM A INTERNET.	54
3.1 OLHANDO PARA O OUTRO: PRODUÇÕES DE SENTIDOS DE SI.	55
3.1.1 <i>Os navegadores para os off-lines.</i>	55
3.1.2 <i>Os excluídos virtuais para os on-lines.</i>	57
3.2 OS IMAGINÁRIOS SOBRE A INTERNET.....	58
3.2.1 <i>Imaginando a Internet de longe.</i>	59
3.2.2 <i>Pensando a Internet na proximidade.</i>	62
3.3 PENSANDO A INTERNET EM ESCALAS.	65
3.3.1 <i>A Importância da Internet para os off-lines.</i>	65
3.3.1.1 <i>Pra todos, para o mundo.</i>	66
3.3.1.2 <i>Para o distrito.</i>	66
3.3.2 <i>A importância da Internet para os on-lines.</i>	68
3.3.2.1 <i>Para todos, para o mundo.</i>	68
3.3.2.2 <i>Para o distrito.</i>	70
3.3.2.3 <i>Para suas vivências cotidianas.</i>	71
3.4 A INSERÇÃO DA INTERNET NA LÓGICA DO DISTRITO.....	74
3.5 AS BARREIRAS PARA O USO DA INTERNET.	76
3.5.1 <i>As barreiras do Grupo a.</i>	77
3.5.2 <i>Os obstáculos do Grupo b.</i>	78
3.6. A VIDA “REAL” E VIRTUAL DOS MORADORES.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS.....	88
APÊNDICE A	93
APÊNDICE B	95
APÊNDICE C	97
APÊNDICE D	100
APÊNDICE E.....	102
ANEXO A.....	108
ANEXO B.....	110

INTRODUÇÃO

O uso e a expansão das mídias em geral (radiofônicas, impressas e televisivas) vêm crescendo de forma visível¹ no espaço urbano brasileiro. O problema a ser investigado está relacionado à inserção no espaço rural da mídia virtual que se encontra em fase de grande expansão no Brasil.

Os distritos rurais brasileiros se mostram enquanto uma alternativa ao espaço urbano e suas artificialidades², porém não devem ser considerados como um lugar de atraso frente à ideia de progresso muitas vezes vinculada ao espaço urbano devido à sua influência capitalista. Portanto, devemos pensar os distritos como resultantes de processos de constante relação (dialética) entre equipamentos urbanos e rurais e, também, de relações culturais e sociais que ocorrem em seu espaço. Tendo como base de análise o pensamento de que, guardando-se de generalizações, o urbano é fortemente associado ao processo de globalização e o rural possui uma cultura historicamente tradicional, isso não porque as modernidades são exclusividades do espaço urbano, mas sim porque é nesse espaço que as tecnologias em geral acontecem e são absorvidas antes, isso não impede de acontecerem no rural também, porém em tempo e ritmo distintos. Exemplos de tecnologias avançadas no campo estão no maquinário e na transgenia presentes em diversas propriedades em que a lógica capitalista impera.

Segundo Barreto (2011), a formação territorial dos municípios brasileiros é determinada como a menor unidade territorial com governo próprio, ou seja, os municípios surgem como um poder local, com o objetivo de organizar e administrar demandas que extrapolam a cidade e abrangem, assim, as áreas urbanas e rurais dentro de seu território. Os municípios são formados pelo “distrito-sede (...) que corresponde à zona urbana municipal e (...) pela zona rural municipal (...) dividida em distritos, cuja maior povoação recebe, geralmente, o nome de vila” (PINTO, 2003, p.29 apud MONTES, 2006, p.28). A vila de um distrito é denominada de Sede Urbana de Distrito Administrativo e é constituído por núcleo com características urbanas delimitado em lei, possui a concentração de atividades predominantemente

¹ De acordo com pesquisas realizadas pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (disponível em www.nic.br) e pelo Banco Nacional do Desenvolvimento – BNDES (disponível em www.bndes.gov.br) sobre a expansão e os usos da Internet no Brasil.

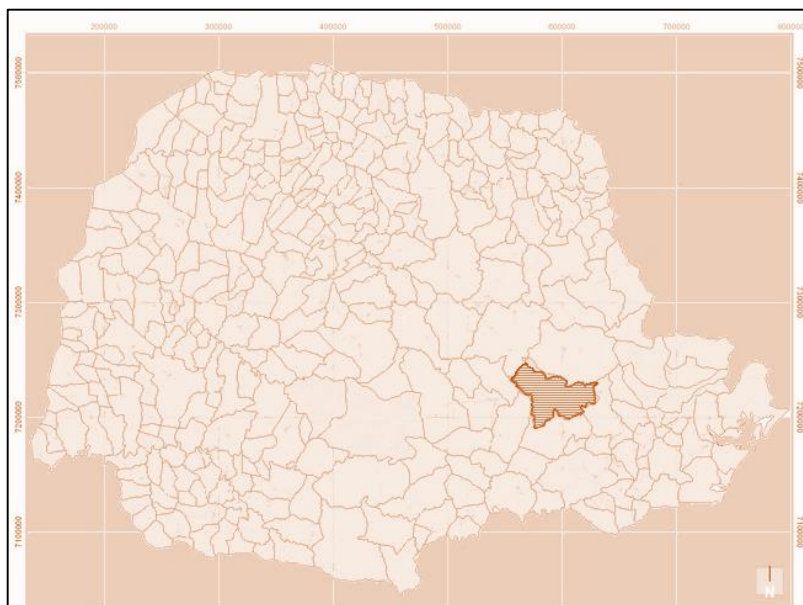
² Entendemos essa alternativa às artificialidades do urbano como sendo as possibilidades que o espaço rural oferece como, por exemplo, paisagens silvestres, silêncio, água e ar puros de acordo com Veiga (2002).

não agrícolas para atender demandas da população residente do distrito, como unidades de saúde, comércio, escolas, etc. (BARRETO, 2011).

Dessa forma, no Brasil a classificação entre rural e urbano é feita de acordo com critérios político-administrativo que, de acordo com Barreto (2011), é realizada independentemente de características singulares e estruturais como o modo de vida e a cultura de cada espaço, sendo considerada urbana, de forma generalizada, toda sede de município e sede de distrito (vila). Sobre isso, Abramovay (2000) aponta que essa perspectiva fortalece a ideia de que o meio rural corresponde aos remanescentes que não foram ainda atingidos pela expansão das cidades, pois se torna “urbana” toda população que possui um mínimo de adensamento e acesso a infraestruturas e serviços básicos, distorcendo e refazendo, assim, a cultura e história de cada localidade.

O distrito de Guaragi pertence ao município de Ponta Grossa (Figura 1) localizado no segundo planalto paranaense:

Figura 1. Localização do município de Ponta Grossa – Paraná.



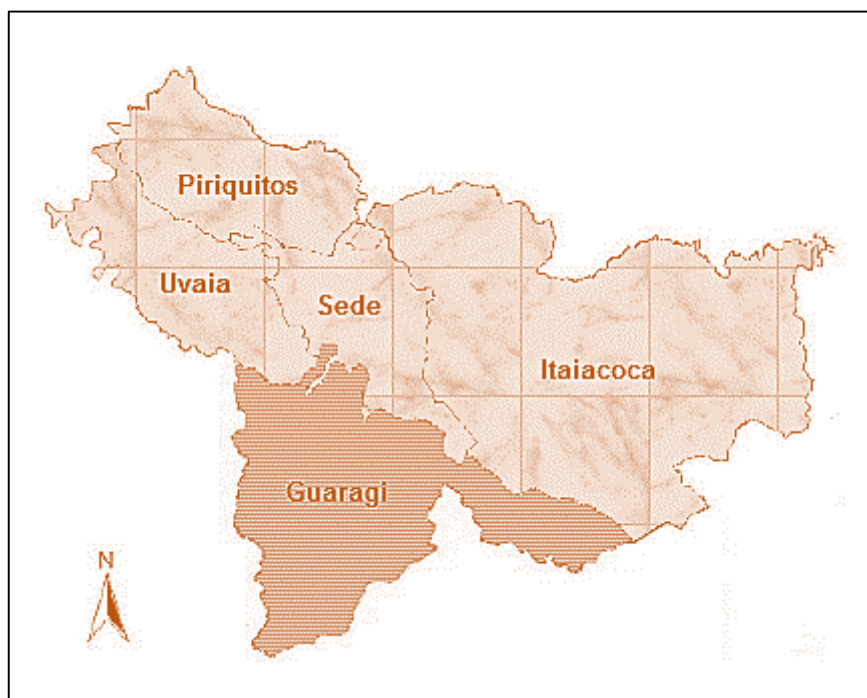
Fonte: Plano diretor participativo de Ponta Grossa (disponível em geo.pontagrossapr.gov.br/portal/plano_diretor, acessado em fevereiro de 2015).

Org.: CONEGLIAN, F. M. (2014).

Guaragi está localizado a 32km da sede municipal. Atualmente, existe a divisão territorial do município em 5 distritos (Figura 2): Ponta Grossa (distrito sede), Guaragi, Itaiacoca, Piriqitos e Uvaia, totalizando 2.067,547 km²³ de área total (BARRETO, 2011).

³ Área atualizada pelo censo demográfico do IBGE (2010).

Figura 2. Divisão territorial do município de Ponta Grossa e seus distritos.



Fonte: Plano diretor participativo de Ponta Grossa (disponível em geo.pontagrossapr.gov.br/portal/plano_diretor, acessado em fevereiro de 2015).
Org.: CONEGLIAN, F. M. (2014).

De acordo com Barreto (2011), a proximidade de Guaragi com o distrito sede concede características singulares ao distrito, pois existe grande interação entre os moradores rurais com o município e com o modo de vida urbano. A vila do distrito apresenta alguns equipamentos e serviços urbanos (Apêndice F) como:

(...) energia elétrica, água encanada, uma unidade de Saúde Básica, Escola de ensino fundamental e médio, unidade da Agência de Correios (funciona na escola), sistema de telefonia, Posto Policial (desativado) e uma Subprefeitura (desativada), um cartório, um posto de combustível, um restaurante, pequenas mercearias e bares, loja de material de construção, uma loja de roupas, transporte coletivo, cancha de esportes e templos religiosos (BARRETO, 2011, p 18).

Essas características urbanas⁴ da vila do distrito são heranças de Entre-Rios (município ao qual a área do atual distrito de Guaragi pertencia) que, por apresentar prestígio enquanto exportador de erva-mate, madeira e couro, possuía características de uma pequena cidade durante o início dos anos 1900 (BARRETO, 2011).

⁴ Essas características ditas urbanas não devem ser pensadas como essencial e exclusivamente pertencentes ao urbano, portanto não existe impedimentos delas ocorrerem em espaços com outras lógicas, porém consideramos esses equipamentos urbanos por estarem bastante sedimentadas no cotidiano das cidades pertencendo, assim, às representações que envolvem esse espaço.

Para Pretto (2014), o processo de aproximação cultural entre o rural e o urbano é intensificado pela rápida e eficiente troca de informações possibilitada e facilitada pela globalização. Portanto, muitos símbolos urbanos são cada vez mais introduzidos nos campos, isso dificulta limitar e definir fronteiras culturais entre os modos de vida. O papel das tecnologias de informação é crucial para a acentuação desta homogeneização, principalmente na atuação sobre quem tem mais contato com esses meios de comunicação de massa. Apesar das características individuais e de personalidade dos moradores rurais, existem grandes tendências à absorção dos elementos culturais ditados pelas mídias, sendo assim o comportamento urbano está cada vez mais inserido no campo.

O objetivo deste trabalho é compreender como a cultura local rural do distrito de Guaragi, Ponta Grossa – PR se reelabora com o uso da Internet, ou seja, o presente estudo abrange a relação de trocas entre o espaço urbano (a Internet como um equipamento urbano⁵ que representa uma das “modernidades” presentes no distrito) e o espaço rural (a manutenção do modo de vida e dos costumes locais rurais) e o resultado que essa relação proporciona nas reelaborações culturais e cotidianas dos moradores da vila do distrito.

Este objetivo foi desdobrado em três objetivos específicos aos quais perseguiremos ao longo do trabalho, são eles:

- Compreender a configuração do cotidiano rural na vila do distrito (através de levantamentos bibliográficos acerca do distrito de Guaragi);
- Traçar um perfil geral dos usos que os moradores fazem da Internet em seu cotidiano (através de pesquisa qualitativa); e
- Analisar as expectativas e impressões da população em geral com relação à Internet (por meio de pesquisa quantitativa).

Como método para atingir os objetivos deste trabalho foi utilizado questionário fechado (Apêndice A) para analisarmos os usos e impressões dos moradores que têm acesso à Internet diariamente. Também foi aplicado questionário (Apêndice B) para os moradores que não têm contato com a Internet em seu dia a dia, essas informações auxiliarão para a definição de suas expectativas e pensamentos acerca do uso da Internet na vila do distrito. A seleção dos moradores para a aplicação dos

⁵ Por equipamento urbano, queremos dizer que a Internet tem no espaço urbano sua primeira inserção, dessa forma o modo de vida das cidades já a tem presente e solidificada em seu cotidiano. Assim, sua representação está associada ao urbano e, para o modo de vida rural a Internet é um elemento “de fora”.

questionários foi feita de duas formas: de maneira aleatória com transeuntes nas áreas públicas e também por indicação de parentes e vizinhos em suas casas, porém tentando envolver a maior dispersão no espaço do distrito.

A metodologia aplicada para as entrevistas é a saturação de dados que, segundo Minayo (2000), consiste na coleta de informações até quando não surjam relatos singulares, ou seja, deve-se coletar dados até que estes não apresentem novidades de discurso e que não se constituem com contribuições significativas e adicionais à análise dos mesmos. As respostas se tornam semelhantes mesmo considerando a experiência individual dos entrevistados, pois as representações sociais da realidade são produzidas por um processo social (BAUER e GASKELL, 2005).

Os questionários foram aplicados na vila do distrito rural de Guaragi que, junto com os distritos de Uvaia, Itaiacoca e Piriquitos, compõem a divisão territorial do distrito sede Ponta Grossa. Guaragi possui população total de 2.936 habitantes, sendo 1241 (42,2%) moradores da vila do distrito⁶. A vila do distrito de Guaragi tem configurações um pouco distintas do seu campo, pois os moradores possuem muitos aparelhos tecnológicos e bens para conforto que são considerados típicos do modo de vida urbano, além de infraestrutura urbana. Esses aparatos são consumidos principalmente por representar melhorias nas condições sociais e financeiras dos habitantes. Porém, a vila do distrito tem seu modo de vida bastante condicionado pelo campo, sendo que hábitos e costumes são preservados e conduzidos pelas vivências rurais⁷ (PRETTO, 2013).

As aplicações dos questionários aos moradores do distrito aconteceram entre os meses de julho e dezembro de 2014. O número total de entrevistados é de 36 pessoas, sendo do grupo *on-line* 22 pessoas, e do grupo *off-line* foram 14 entrevistados. Foi realizada uma pré-entrevista para verificar a disposição do entrevistado em falar sobre o tema e para estabelecer sua adequação ao grupo estudado *on-line* ou *off-line* para, assim, iniciar a aplicação do questionário. A entrevista buscou considerar aspectos específicos também em relação aos gêneros, faixa etária e escolaridade dos entrevistados.

⁶ Informações baseadas no censo do IBGE sobre o distrito de Guaragi, disponível em <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/>, acessado em janeiro de 2015.

⁷ Características rurais apontadas pela autora que encontramos na vila do distrito são bucólicas, como “o canto das aves, a tranquilidade, as relações fraternas de vizinhança, as casas com quintais grandes com pomares e hortas, a presença de animais” (PRETTO, 2013 p. 320).

A estruturação deste trabalho consiste em três capítulos:

O primeiro capítulo “OS ESPAÇOS E OS MODOS DE VIDA: O CAMPO E A CIDADE, O RURAL E O URBANO” aborda através de discussão teórica as definições de campo e cidade (enquanto materialidade) e de rural e urbano (enquanto modos de vida) comumente usadas e entendidas por diversos campos científicos. As diferentes perspectivas acerca dessas definições nos levam a atentar para as diferentes análises e discussões já realizadas, dessa forma, este primeiro capítulo visa perceber como são tratados seus significados para, assim, compreender e contextualizar o objeto de estudo.

Abordamos também as relações entre os indivíduos que vivem na vila de Guaragi com a cidade, isso permite pensar que a cultura rural não é fechada e limitada ao espaço local, ela está em constante mudança.

As manifestações e expressões indidentárias dos indivíduos rurais, bem como suas práticas sociais, estão fortemente associadas ao território, dessa forma, discorreremos sobre o conceito de ruralidades e urbanidades enquanto conjuntos de objetos, práticas e ações que fazem parte da identidade das populações rural e urbana respectivamente.

No segundo capítulo “TEMPOS MODERNOS: O GLOBAL, AS TECNOLOGIAS E A INTERNET” pensamos a expansão do modo de produção capitalista através da globalização e o processo que leva os diferentes modos de vida a cada vez mais se aproximarem. O grande apelo ao consumo de produtos e culturas aproxima urbanidades e modernidades ao campo e à cidade.

Dessa forma, o presente capítulo busca ponderar acerca do processo de globalização e dos equipamentos imbricados em suas inclusões nas sociedades, equipamentos relacionados como urbanidades. Também analisaremos a construção e a expansão da Internet e as novas conjunturas que surgem no mundo atual com o seu uso cada vez mais intenso.

No terceiro capítulo “O RURAL E O VIRTUAL: AS RELAÇÕES DOS MORADORES DE GUARAGI COM A INTERNET” serão apresentados os dados e realizadas as análises sobre as sistematizações dos questionários aplicados à população da vila de Guaragi. As análises buscarão responder aos questionamentos levantados pelos objetivos específicos acerca do uso e das expectativas dos moradores do distrito frente à Internet.

Portanto, ponderamos através dos dados coletados nas entrevistas sobre as representações que reproduzem a visão do “outro” para os moradores, analisamos a construção dos imaginários que abordam o mundo virtual e as novas tecnologias, o pensamento segmentado em escalas, o grau de inserção desta modernidade efetivamente na vida da população, os motivos do não acesso aos meios virtuais, dentre outras análises.

1. OS ESPAÇOS E OS MODOS DE VIDA: O CAMPO E A CIDADE, O RURAL E O URBANO.

As categorias referentes ao urbano, ao rural, ao campo e à cidade são comumente usadas e entendidas por diversos campos científicos. As diferentes perspectivas acerca dessas definições nos levam a atentar para as diversas análises e discussões já realizadas dentro da Geografia, dessa forma, este primeiro capítulo visa compreender como são abordados seus significados para, assim, compreender e contextualizar o objeto de estudo.

1.1 DAS MATERIALIDADES: O CAMPO E A CIDADE

O campo e a cidade, enquanto categorias de análise, são relacionados às formas físicas do espaço, detidos no território, na materialidade (ROCHA, 2009). Segundo Sobarzo (2010), a cidade e o campo já tiveram grandes diferenças entre si no passado, porém atualmente essa oposição entre eles é atenuada devido à sua aproximação.

O fator que primeiramente serve como separação entre o campo e a cidade é a divisão do trabalho. Segundo Lefebvre (1969) o afastamento entre eles inicia-se na antiguidade com a separação do trabalho material do trabalho intelectual, sendo o primeiro especificamente do campo com os trabalhos manuais (semear, arar, irrigar, etc.), já o segundo com as funções de organização, direção, política, militar, dentre outras específicas da cidade.

Durante o final do período Medieval⁸ a demarcação era definida pela construção de muros que cercam a cidade e, portanto, separando-a do campo. Essas demarcações tornaram a limitação entre esses espaços facilmente percebida (ENDLICH, 2010). Porém, como nos mostra Norbert Elias (1994), esses limites iam além das fronteiras físicas, onde uma invenção de costumes foi posta em prática para separar o campo e a cidade, o nobre e o camponês.

Segundo Endlich (2010) atualmente é complexa a tarefa de encontrar fronteiras físicas que separam o campo da cidade, e isso ocorre devido ao atual estágio de desenvolvimento do modo de produção capitalista, conjuntura que

⁸ Definimos o final da Idade Média considerando o período de transição entre o feudalismo e o capitalismo, dessa forma observamos a crise do sistema feudal (a partir do século XIV e XV). Este contexto é marcado pelos primeiros sinais do surgimento do capitalismo, onde o comércio emergia e existia uma “acomodação” de forças entre as classes nobres e burguesas (ANDERSON, 1995).

sobrepõe estes espaços. A cidade não foi criada pelo modo de produção capitalista⁹, porém foi nela que historicamente o capitalismo se desenvolveu, sendo assim, as atividades deste sistema econômico estão intrinsecamente ligadas ao espaço da cidade. Dessa forma, a expansão da lógica capitalista também se dá sobre o espaço rural através da crescente apropriação de atividades deste modo de produção dentro do campo, ou seja,

os avanços técnicos e a atual reestruturação capitalista indicam a possibilidade de desconcentração espacial das atividades econômicas, mais especificamente, as produtivas, viabilizando cenários de desenvolvimento econômico de áreas não densamente povoadas ou áreas não metropolitanas (ENDLICH, 2010, p.12).

Dessa forma passaram a ser desenvolvidas no campo atividades diferentes das tradicionais como, por exemplo, a “incorporação de novos produtos agropecuários, industriais, prestação de serviços e atividades de entretenimento” (ENDLICH, 2010, p 12), porém, essa apropriação de atividades capitalistas no campo não indica uma dissolução dos limites entre o rural e o urbano, ao contrário de como a autora defende através de uma visão urbanista, onde se tende à urbanização das sociedades.

As peculiaridades dos espaços rurais atualmente estão sob a atenção do capital, convertendo o que era “atrasado” em mercadoria. Dessa forma existe a apropriação das temporalidades naturais do campo (incluindo o modo de vida) para estender os objetivos do modo de produção capitalista, ou seja, o capital incorporou espaços e tempos diferenciados. (BAGLI, 2010, p. 85).

A preocupação principal em delimitar territorialmente o campo e a cidade parte das perspectivas econômicas e políticas, pois a atual situação gestora (prefeituras, associações, conselhos, etc.) necessita dessa clara delimitação física para prover as diferentes necessidades da população que vive nos dois espaços, além da importância dessas delimitações para a coleta de impostos e para determinações jurídicas de especulação imobiliária, dentre outros.

Porém, buscamos uma visão cultural acerca da diferenciação entre o campo e a cidade, sendo assim, abrimos espaço para a discussão das categorias de rural e urbano que, a partir de uma perspectiva culturalista, se referem a modos de vida.

⁹ Compreendemos modo de produção capitalista pela ótica de Hobsbawn (1982) como a sociedade que baseia seu crescimento econômico na competição e na iniciativa privada, concentra-se na busca incessante pelo lucro e tem como fundação a classe burguesa.

Endlich (2010) realizou uma crítica à forma como é caracterizado o urbano e o rural atualmente que utiliza alguns critérios como, por exemplo, através de delimitações administrativas, patamares demográficos (o rural como dispersão e o urbano como aglomeração), densidade demográfica e ocupação econômica da população. Dessa forma, para a autora “estabelecer o rural e o urbano a partir dos critérios mencionados, de forma descontextualizada (...) parece estático demais (...) torna-se inadequado para compreender a dinâmica da sociedade” (ENDLICH, 2010, p 19).

Portanto, devemos ir além das materialidades, assim compreendemos, segundo Sobarzo (2010), o rural e o urbano como modos de vida que extrapolam os limites da materialidade e ultrapassam os territórios, devemos pensar o rural e o urbano como conceitos que compreendem a cultura, os costumes e os hábitos de uma população.

Tendo então essa perspectiva de que o rural e o urbano se referem a modos de vida, segundo Santos (1997), no atual momento técnico, as compreensões desses conceitos não mais se restringem a uma cidade e seu campo imediato, ou seja, as relações entre o urbano e o rural possuem uma amplitude muito maior que suas materialidades.

Para Endlich (2010), historicamente, a cidade aparece como centralidade e exerce influência sobre o entorno (ao campo), indicando que o urbano se estende para além da cidade. Porém, dessa mesma forma como a autora pensa o urbano, o modo de vida rural também ultrapassa suas fronteiras, não ficando unicamente limitado ao campo como, por exemplo, as hortas e criação de animais para consumo (ruralidades) nas áreas urbanas e os campos altamente tecnificados que determinam as relações com o urbano de seu entorno. Portanto, existe a sobreposição e continuidade em diversas formas e intensidades entre estes modos de vida.

Aqui se deve solidificar a ideia de que o rural, enquanto modo de vida, é composto por elementos espaciais e culturais, portanto, possui duas faces:

Em primeiro lugar, enquanto um espaço físico diferenciado. Faz-se, aqui, referência à construção social do espaço rural, resultante especialmente da ocupação do território, das formas de dominação social que tem como base material a estrutura de posse e uso da terra e outros recursos naturais, como a água, da conservação e uso social das paisagens naturais e construídas e das relações campo-cidade. Em segundo lugar, enquanto um lugar de vida, isto é, lugar onde se vive (particularidades do modo de vida e referência “identitária”) e lugar de onde se vê e se vive o mundo (a

cidadania do homem rural e sua inserção na sociedade nacional) (WANDERLEY, 2001, p. 32).

Ainda, Vila Verde (2004) diz que o rural se distanciou de suas ideias relacionadas como espaço predominante de produção agrícola, extrapolando para seu reconhecimento enquanto hábitos e costumes, ou seja, as populações rurais são agentes e promotores de um modo de vida. Acompanhando este raciocínio,

O rural torna-se, cada vez mais, diferente de agrícola. Ao mesmo tempo, distingue-se cidade e urbano explicitando a crescente complexidade que marca tais relações. Rural e urbano fundem-se, mas sem se tornarem a mesma coisa, já que preservam suas especificidades (MARAFON, 2014, p. 5).

Consequentemente, através de uma perspectiva cultural, o rural é qualificado conforme relações sociais e valores, mais do que com a técnica (o que o diferencia do agrícola). Portanto, nesta perspectiva, considera-se que o modo de vida rural não é passivo, ou seja, é mutável, pois é capaz de incorporar valores e se reelaborar, mesmo que seja considerada como tradicional (BIAZZO, 2008).

A cultura compartilhada entre os indivíduos que vivem em Guaragi é formada pelas práticas e relações sociais locais e também pelas relações estabelecidas com a cidade. Essa cultura, portanto, não é fechada e limitada ao espaço local, ela está em constante mudança, pois o processo de globalização atua em diversos locais por diferentes formas e com diferentes intensidades. Porém, os moradores do campo não são sujeitos passivos, eles participam do processo permitindo, negando ou reelaborando símbolos, valores, hábitos e usos do modo de vida urbano. Dessa forma, as especificidades do seu modo de vida rural marcam o seu cotidiano (PRETTO, 2014).

Tendo em vista que esses modos de vida estão em constante interação, devemos pensar essa relação enquanto uma relação dialética (Rural ↔ Urbano), de trocas e interações que acumulam transformações nos dois polos, e não de uma relação de oposição (Rural X Urbano), enquanto categorias dicotômicas em uma relação de embate e choques.

Para analisar essas relações entre o rural e o urbano precisamos levar em consideração um ponto importante relacionado ao contexto dos modos de vida, sendo assim, Queiroz (1979) menciona que nunca podemos estudar o meio rural (nem o urbano) em si mesmo, pois necessitamos sempre encará-lo como pertencente a um grupo social mais amplo, no qual também faz parte a cidade.

Deste modo, Wanderley (2001), quando pensa o rural brasileiro não vê o mundo rural como uma peça estanque e isolada do resto do mundo, mas sim pertencente

a um universo socialmente integrado ao conjunto da sociedade brasileira e ao contexto atual das relações internacionais. Não estou, portanto, supondo a existência de um qualquer universo isolado, autônomo em relação ao conjunto da sociedade e que tenha lógicas exclusivas de funcionamento e reprodução. Porém, considero que este mundo rural mantém particularidades históricas, sociais, culturais e ecológicas, que o recortam como uma realidade própria, da qual fazem parte, inclusive, as próprias formas de inserção na sociedade que o engloba (WANDERLEY, 2001, p. 32).

Dessa forma, vemos o rural não como um fruto de criação urbana (BIAZZO, 2008), pois os habitantes das áreas rurais não se comportam apenas como espectadores das transformações, eles têm autonomia para protagonizar o seu modo de vida, ou seja, a população rural mantém suas “tradições” ao mesmo tempo em que reelabora novas vivências através das próprias escolhas.

Ponderando, então, o campo e a cidade enquanto estruturas materiais e o rural e o urbano enquanto modos de vida, devemos pensá-las também como não estáticas, ou seja, estão em constante transformação, não em forma de domínio de uma sobre a outra, mas em uma relação dialética, onde todos os envolvidos possuem um papel importante dentro dessa relação. Conforme Costa (2003, p. 8), falando da conexão entre campo e cidade, define que “não há campo sem cidade e nem cidade sem campo”. Precisamos destacar que os quatro elementos abordados neste capítulo fazem parte de um mesmo contexto e, dessa forma, através das relações entre eles é que os espaços, as identidades, os cotidianos e os imaginários são construídos.

Para este trabalho, iremos focar nas interações através da cultura, abordando, assim, os conceitos de rural e urbano, pois vamos pensar a (re)elaboração do espaço através das relações sociais.

1.2 DOS MODOS DE VIDA: RELAÇÕES ENTRE O RURAL E O URBANO

Para podermos compreender a relação entre os modos de vida rural e urbanos devemos, primeiramente, entender as particularidades existentes neles para, assim, definir suas formas de interação. Portanto, necessitamos pensar, segundo Nunes (2009), o rural e o urbano como condições de vida diferentes.

Segundo Williams (1989), existem múltiplas práticas e funções dentro dos espaços rurais e urbanos. O campo engloba diversas práticas, desde caçadores e pastores até fazendeiros e empresários agroindustriais, “e sua organização varia da tribo ao feudo, do camponês e pequeno arrendatário à comuna rural, dos latifúndios e *plantation* às grandes empresas agroindustriais capitalistas” (WILLIAMS, 1989, p. 11). As práticas da cidade aparecem em diversas formas, como centro administrativo, religioso, comercial, polo industrial, etc.

Sendo assim, tanto as formas imaginárias sociais quanto as formas materiais de constituição dos dois modos de vida ganham um caráter de oposição. Os ideários dos modos de vida urbano e rural são reproduzidos com generalizações tanto positivas como negativas, discordando, desta forma, com a continuidade, a sobreposição e a existência de concentrações humanas que divergem dos extremos entre campo e cidade, como os subúrbios, as favelas, os complexos industriais e os distritos. Apesar de todas as sobreposições, persistem imagens e associações que remetem o rural e o urbano enquanto oposição subjetiva e material (WILLIAMS, 1989).

Existem diferenciações físicas que frequentemente são utilizadas para definir se espaços são rurais ou urbanos, como os dados sobre concentração demográfica onde,

(...) é tomada como atributo das cidades, em comparação ao campo, onde as atividades desenvolvidas, muito mais marcadas pela extensão territorial, promovem relativa dispersão populacional, não gerando condições favoráveis ao adensamento (SPOSITO, 2010, p. 113).

Nessa perspectiva, tem-se o rural como dispersão e o urbano como aglomeração (densidade demográfica). Outros exemplos de diferenciação são a ocupação econômica da população (indústria, comércio, agricultura, etc.) e o acesso à infraestrutura e serviços (ENDLICH, 2010).

Além destas delimitações físicas apresentadas, o imaginário também delimita ações específicas de cada modo de vida, pois “o campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples” (WILLIAMS, 1989, p. 11), além de ser considerado, ao mesmo tempo, um lugar de atraso, limitação e ignorância, já a cidade é associada à ideia de centralidade de ações, como o saber e a comunicação, além de associações negativas como sendo um lugar de barulho, mundanidade e ambição (WILLIAMS, 1989).

Segundo Nunes (2009) a cidade é associada a uma imagem de futuro, de progresso, enquanto o campo é uma imagem do passado, do retrocesso. Devido ao avanço do modo de produção capitalista na cidade e a ideia consequente de modernização, de desenvolvimento e de futuro ficarem atreladas ao espaço urbano, o campo é associado ao passado, à tradição e aos costumes humanos e naturais (MARQUES, 2002). Assim sendo, essas representações estão presentes no imaginário comum, levando à solidificação dessas imagens dicotômicas entre os dois modos de vida, ou seja, isso alimenta a ideia de que o rural e o urbano estão em extremos opostos.

Ainda no campo das imagens, guardando-se de generalizações, Monte-Mór (2004) aponta que, com a transformação das cidades, as diferentes formas, funções e representações do urbano ficam atreladas às centralidades, como o centro do poder político, jurídico e social, concentração de serviços sociais e urbanos, equipamentos coletivos, capital financeiro, comércio, indústria e concentração de trabalhadores assalariados. Enquanto o meio rural representava relações em escalas menores como, por exemplo, as relações familiares, além de passar a ideia de rústico, de espaço de coronelismo, de analfabetismo, ausência de serviços coletivos, energia, transporte e comunicação, falta de acesso a modernidades, ideia de arcaico e isolamento.

Outra característica singular dos dois modos de vida é a relação com o tempo. O tempo das transformações e a forma como o tempo é apropriado pelas pessoas que vivem nesses espaços são diferenciados. No espaço urbano, com seu processo de produção e reprodução, as mudanças são observadas a todo instante, pois esse espaço passa por constantes renovações e transformações que permitem o sentir e o presenciar dos fluxos (BAGLI, 2010).

No urbano, o cotidiano é construído sobre um tempo mecânico. As formas como as pessoas se apropriam do tempo e dele se utilizam não são compassadas pelas mudanças naturais. O ritmo do tempo segue a velocidade da mobilidade excessiva dos processos de produção, circulação, troca e consumo de mercadorias. O tempo é movimento no urbano, e é sobre esse constante movimento que são construídos referenciais, hábitos e costumes. (BAGLI, 2010, p. 83).

Para Santos (2008), o tempo e o espaço se fundem no mundo globalizado, esse processo leva à unificação e à generalização de gostos e desejos. Para quem deseja participar da modernidade atual é desejável que o indivíduo se coloque em

harmonia ao “tempo do mundo”, que é o tempo rápido, que abrange de forma veloz as relações de quem habita a cidade (SANTOS,2000).

Porém, como o processo de globalização é perverso¹⁰ e as desigualdades estão em paralelo com o modo de produção capitalista, o urbano não se apresenta como um todo homogêneo, nele encontramos tempos descompassados e dissonantes. Dessa forma,

a construção de diferentes temporalidades se realiza sobre as múltiplas formas de inserção social. As perversidades do modo de produção excluem e promovem, contraditoriamente, formas de inserção desconectadas da lógica produtiva. (BAGLI, 2010, p. 84).

Quanto à relação do tempo no rural, é evidenciada a intensa ligação com o meio natural, “onde as relações cotidianas são construídas sobre um tempo mais ligado a uma lógica territorial” pautada numa cadência natural (BAGLI, 2010, p. 85).

Segundo Bagli (2010), o tempo das transformações no rural existe, porém ele pode ser sentido e visualizado em diferentes escalas e intensidades (nos hábitos, no cotidiano, nos serviços, nos equipamentos, etc.) e não é tão perceptível comparado ao urbano. A característica do fluxo e da transitoriedade não são, também, tão evidentes como acontece nas cidades. Aqui vale ressaltar que no campo onde a lógica do capital está presente de forma mais intensa, existe a necessidade de um ritmo acelerado na área profissional para cobrir as demandas de produção e mercado, porém a vivência desses indivíduos se mantém determinada pelas relações rurais, tanto com o tempo lento como com seu meio.

Mostrando a diferença da relação do homem com o tempo no rural e a construção de seus hábitos e costumes:

(...) as transformações estão atreladas às possibilidades apresentadas pela natureza. O tempo também é movimento, mas um movimento nem tão perceptível aparentemente. Existem outros tempos, outros horários. As pessoas estão imbuídas por uma outra lógica. Temporalidades diferenciadas: do plantio, da colheita, da poda, da entressafra. Horários que seguem outras rotinas e normas, portanto, que expressam um outro modo de vida (BAGLI, 2010, p. 84).

A autora ainda afirma que, da mesma forma como acontece no urbano, no rural também existem outras lógicas de relação com o tempo, pois “o desenvolvimento tecnológico dos meios de produção tem permitido aumentar a

¹⁰ A perversidade da globalização possui diversas faces e aparece na polarização da riqueza e da pobreza, na destruição da natureza e na segmentação de mercados e de populações, porém a grande perversidade desse processo consiste na tentativa de criação de um único espaço homogêneo de dominação (SANTOS, 2000).

capacidade de interferência na natureza” (BAGLI, 2010, p. 84), ou seja, existe no rural, em diferentes escalas, a determinação de um tempo ditado pelo capitalismo. Sobre isso, Fajardo (2008) pondera que a globalização atinge o campo diretamente através de transformações decorrentes de seu processo de desenvolvimento, isso pode ser percebido por atividades agroindustriais e agropecuárias em rede que alastram padrões e hábitos de consumo determinadas por lógicas globais.

A relação da velocidade no campo leva a uma singular relação dos moradores rurais com o tempo vivido. Consideramos que, mesmo no campo onde os trabalhadores rurais devem seguir os ritmos de produtividade da dinâmica do capital, isso só se reflete em sua vida profissional, pois em sua vida cotidiana, fora do trabalho, o indivíduo é envolto por toda uma conjuntura de tempo lento.

Assim, mesmo com um contato intenso com lógicas de tempo rápido do setor produtivo, em sua vida particular, na visão de mundo, nas relações familiares e com seu espaço, impera a lógica historicamente construída do tempo lento. Essa permanência de tempo lento no campo é muitas vezes apropriada pelo mercado e procurada por cidadãos que buscam um refúgio das conjunturas rápidas encontradas nas cidades (PRETTO, 2013), portanto, da mesma forma que os moradores rurais, após seu período de trabalho voltam para seu tempo “natural”, muitos moradores urbanos em seus períodos de férias e fins de semana se refugiam no tempo lento de suas casas de veraneio encontradas no campo.

Sendo assim, não compreendemos o rural e o urbano enquanto oposições extremas, mas sim como modos de vida historicamente distintos onde os tempos e as relações são mediados de maneiras diferentes, por fatores e atividades que demandam distintas lógicas.

1.3 DAS TERRITORIALIDADES: RURALIDADE E URBANIDADE

As manifestações e expressões identitárias dos indivíduos rurais, bem como suas práticas sociais, estão fortemente associadas ao território¹¹, dessa forma, discorreremos sobre o conceito de ruralidades.

¹¹ A identidade dos atores rurais possui uma vinculação local bastante intensa, ou seja, a territorialidade identitária desses indivíduos está “vinculada às relações sociais de um indivíduo e ao sentimento de pertencimento a um grupo ou espaço” (CANDIOTTO, 2008, p. 237). Ainda neste sentido, Wanderley (2001) discorre que a cultura é indissociável do sentimento de pertencimento e essa relação com o território é sedimentada na identidade dos indivíduos. Sobre o sentimento de

Para Candiottto (2008), o espaço geográfico é híbrido, isso ocorre devido à tecnicização constante do rural, pois aumenta a coexistência de ações e objetos característicos do rural ou do urbano, dessa forma, qualquer tentativa de separação dos espaços é limitada. Neste sentido, é conveniente abordar os conceitos de ruralidades e urbanidades enquanto manifestações de territorialidade¹², através de ações e objetos, percebidos pela sociedade como elementos particulares do modo de vida rural ou do urbano. Portanto, compreendemos que as ruralidades e as urbanidades são conjuntos de objetos, práticas e ações que fazem parte da identidade¹³ das populações rural e urbana respectivamente (CANDIOTTO, 2008).

As ruralidades e urbanidades são manifestadas por meio de ações, através de práticas sociais. Assim, Biazzo (2008), quando pensa sobre os sujeitos, associa ruralidade e urbanidade enquanto conteúdos incorporados no curso de suas vidas, sendo representações originárias de distintos universos simbólicos e que são reproduzidos por cada indivíduo em seu convívio coletivo. Portanto,

Em paisagens do campo e das cidades (formas, conjuntos de objetos) existem urbanidades e ruralidades (conteúdos - heranças, origens, hábitos, relações, conjuntos de ações) que se combinam, gerando novas territorialidades, admitindo-se que cada local ou região pode abrigar diferentes territorialidades superpostas, relativas a diferentes agentes sociais (BIAZZO, 2008, p.145).

De acordo com Rua (2002), o processo de tecnicização do campo amplia as urbanidades (valores urbanos) neste espaço através de indústrias, serviços (comercialização, lazer, turismo, etc.) e comunicação (celulares, Internet, dentre outros), porém, este processo não leva, fundamentalmente, à urbanização física e ideológica do rural, pois as ruralidades (valores rurais) são potencialmente resgatadas e reafirmadas como elementos da identidade do modo de vida rural.

Assim sendo, Rua (2002) aponta que o rural não será destruído pela crescente inserção do capitalismo no campo, pois o desenvolvimento do capitalismo

pertencimento, Tuan (2012) aborda o conceito de topofilia como sendo o conjunto de todos os laços afetivos entre o indivíduo e o meio ambiente material, as expressões ao meio podem ser estéticas, táteis e sentimentais “por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida” (TUAN, 2012, p. 136).

¹² De acordo com Haesbaert (2007), a identificação ao território está atrelada à territorialidade que, por sua vez, entende-se pela criação de mediações espaciais (simbólica, cognitiva e prática) que proporcionam a reprodução de grupos sociais, ou seja, urbanidades e ruralidades consistem em mediações abertamente influenciadas por elementos culturais e de identidade que a materialidade do território permite.

¹³ Compreendemos que a identidade dos indivíduos possui um caráter mutável, ou seja, não é fixa, portanto ela é formada e transformada de acordo com os sistemas culturais que os cercam (HALL, 2000).

acontece de maneiras desiguais nos espaços. Dessa forma, mesmo submetido à lógica de uma urbanização homogeneizadora, o modo de vida rural pode guardar elementos de seu cotidiano, ou seja, persistem as particularidades.

É crescente o envolvimento da população do distrito de Guaragi com os centros urbanos, isso se deve à dependência dos moradores a bens de consumo e serviços não disponíveis dentro do distrito. Segundo Pretto (2014), essa grande aproximação da vila com a cidade se deve a pouca representatividade política e econômica do local junto ao município de Ponta Grossa, dessa forma são fracas as estruturas comerciais e a prestação de serviços básicos no distrito, portanto os moradores encontram assistência para atender suas necessidades de consumo de bens e serviços apenas nos centros urbanos próximos (Ponta Grossa e Irati).

Entretanto, essa maior aproximação dos moradores do distrito com os centros urbanos não consequentemente está ligada ao afastamento da população local com seus vínculos e atividades rurais, pois essa maior vivência possibilitou aos moradores balizarem as vantagens e qualidades do seu modo de vida rural em comparação aos problemas urbanos da violência, desemprego, poluição, estresse etc. (PRETTO, 2014).

Mesmo com o aumento da inserção de modernidades na cultura local rural de Guaragi devido à aproximação com o modo de vida urbano, há um reforço das identidades rurais locais devido ao seu modo de vida, pois guardam hábitos cotidianos e costumes característicos de quem vive no campo.

A realidade dessa sociedade se adapta as novas relações sociais, políticas, econômicas e culturais que se estabelecem com a cidade, mas preserva os traços do modo de vida rural estruturado no passado (PRETTO, 2014, p. 64).

Sendo assim, alguns elementos que são preservados (mantidos de geração para geração) em seu cotidiano são responsáveis por estruturar sua identidade rural. Na sequência do raciocínio, mesmo com a pressão de uma nova conjuntura entre campo e cidade e algumas características do cotidiano e de relações sociais do modo de vida do distrito passarem por alterações, são nesses elementos singulares¹⁴ da vida no campo que a identidade rural se mantém. Assim, apesar de atualmente o modo de vida rural estar absorvendo algumas modernidades e sendo

¹⁴ Entendemos que estes elementos singulares do modo de vida rural (ruralidades) são os costumes, hábitos, o sentimento de pertencimento ao lugar, identidade com a história, trabalhos diários, tratamento com os visitantes, dentre outros.

absorvido pelo atual estágio do modo de produção capitalista, ele mantém ainda características específicas do rural historicamente construído.

O ato de manter especificidades das suas populações e das suas práticas espaciais, devido a própria constituição histórica do rural frente às difusões técnicas e culturais que partem das cidades, fortalece a identidade territorial desses indivíduos rurais, o que permite certa autodeterminação dessas populações, sendo assim, modernidades podem ser absorvidas pelo rural, porém os significados e os usos são definidos a partir de sua própria vivência espacial. (RUA, 2002).

A inclusão de hábitos de consumo urbanos no rural possui dois aspectos de acordo com Rua (2005), um físico e outro cultural, o primeiro referente às materialidades e o segundo seriam as manifestadas em dimensões sociais e por meio de ações. Para o autor existe a integração entre as ruralidades e urbanidades, estas vinculadas à dimensão cultural e identitária e desenhadas por territorialidades híbridas de urbano e rural. Assim sendo, não se pode entender ruralidade exclusivamente a partir da urbanização física do rural (penetração do mundo urbano-industrial), mas também através do consumo de bens simbólicos e materiais reconhecidos como singulares do mundo rural pela sociedade urbana (RUA, 2005). As manifestações das urbanidades no rural possuem uma grande variedade, tanto materiais (melhoria de infraestrutura, comunicação, novas formas de lazer, turismo, segunda residência, indústrias, dentre outros) quanto imateriais traduzidos por novos valores (moda, costumes, hábitos, etc.) (RUA, 2007).

Essa aproximação possibilitou a inserção de muitas urbanidades (objetos urbanos) no cotidiano dos moradores do distrito de Guaragi, devido principalmente ao conforto e a melhoria da produtividade proporcionada por elas em seu dia a dia. Dessa forma, as influências do modo de vida urbano permitiram o estabelecimento de novas relações e mudanças no cotidiano rural. Este não é um caso específico, pois a manutenção ou substituições de saberes tradicionais por outros conhecimentos carecidos pela influência do urbano é um processo comum no campo brasileiro, onde as tradições passam por mudanças continuamente para suprir novas demandas e interesses (PRETTO, 2014).

As urbanidades no rural são mais visíveis nas materializações encontradas em distritos e pequenos municípios através de suas estruturas de serviços (escolas, posto de saúde, clubes, mercearias, postos de combustíveis, *lan houses*, etc.) que

se portam, também, como espaço de socialização que organizam, de certa forma, a vivência cotidiana (VILA VERDE, 2010).

Contudo, essa inserção de urbanidades no rural, pensada por Rua (2007), não faz com que o rural deixe de existir, mas sim faz com que seja transformado. Dessa forma, as urbanidades correspondem às manifestações (materiais e imateriais) que possuem caráter inovador nas áreas rurais, estas são mais aparentes nas impressões concretizadas em áreas com maior densidade de urbanidade (RUA, 2007).

Portanto, não devemos falar em um processo de “urbanização do rural”, pois isso pressupõe o desaparecimento do rural que daria lugar ao urbano. Para pensarmos esse processo de absorver elementos urbanos no espaço rural, devemos pensar então na ideia de “urbanidades no rural” defendida por Rua (2006), pois considera a preservação de especificidades rurais e a reelaboração de usos para as urbanidades. Dessa forma, o rural deve ser considerado um território híbrido, com a interação dialética com o urbano.

Sendo assim, de acordo com Pretto (2014), a vila¹⁵ de Guaragi reflete essa intensificação da inserção de urbanidades no rural, é o modo de vida tradicional que se mantém e se reelabora com o contato ao urbano. A vida de seus moradores é marcada pela adaptação e pela resistência às mudanças, suas vivências são determinadas pelo cotidiano rural e pela sua relação com modernidades gradativamente instaladas em seu espaço.

Porém, não só há urbanidades que penetram no campo, também existem valores rurais cada vez mais presentes nas cidades:

Além da existência de atores, objetos técnicos e ações de caráter urbano no meio rural, conduzindo a urbanidades no espaço e na sociedade rural, existem ações e objetos técnicos característicos do rural (com origem rural ou industrial-urbana) que acabam se inserindo no urbano (estilo *country*, músicas, festas, hortas), levando a ruralidades no espaço e na sociedade urbana. (CANDIOTTO, 2008, p. 230).

Segundo Pretto (2014), os moradores do distrito de Guaragi tem definido que muitas de suas práticas cotidianas são diferentes das práticas urbanas, dessa forma definem suas atividades como tipicamente pertencentes ao modo de vida rural. Porém, devido à aproximação cada vez maior entre o urbano e o rural, podem ser

¹⁵ A vila do distrito é considerada uma área urbana pelo IBGE devido à infraestrutura encontrada nela, porém a vida dos moradores é bastante condicionada pelos hábitos e costumes do modo de vida rural.

encontradas atividades tipicamente rurais sendo praticadas em determinadas localidades da cidade e também vice-versa. As hortas e criação de animais são bastante recorrentes na sede urbana do município de Ponta Grossa e, dessa forma, são exemplificações das ruralidades existentes na cidade.

Portanto, existe uma lógica dialética entre ruralidades e urbanidades permitidas pelas relações sociais contemporâneas onde, através dos fluxos materiais, imateriais e culturais, as ruralidades dilatam-se também nos espaços urbanos da mesma forma que as urbanidades desenvolvem-se nos espaços rurais (MARAFON, 2014). Logo, a ruralidade não pode ser vista como uma etapa a ser superada com o avanço da urbanização e a ideia de desenvolvimento e progresso, dessa forma, as ruralidades são cada vez mais solidificadas como um valor para a sociedade contemporânea (ABRAMOVAY, 2000)

Candiotto (2008, p. 238) discorre que as territorialidades da população rural (ruralidades) são correspondentes ao “apego à terra, às atividades agropecuárias, o modo de vida rural, o vínculo com as plantas e animais, o jeito de falar, o orgulho por ser do campo, entre outros fatores”, porém, a população urbana também possui seus ideários sobre as ruralidades, que consistem em aspectos que essa população considera identitários do rural. Dessa forma,

Além de a população rural possuir suas ruralidades (que vão se modificando a partir da relação desta com as técnicas e com o urbano), a população urbana também acaba apresentando ruralidades, estas ligadas ao seu interesse pelo rural. As ruralidades dos urbanos podem ser profundamente idealizadas pela mídia e por atores interessados no rural como mercadoria, vendendo a ideia de rural como natureza, e como espaço de vida mais saudável. Da mesma forma, a mídia tem forte influência nas urbanidades dos rurais, isto é, na incorporação de valores urbanos pela população rural, seja por meio da TV (novelas, telejornais, etc.), da internet ou do *marketing* (CANDIOTTO, 2008, p.234).

Aqui podemos citar, também, o papel da literatura como idealizadora de imaginários acerca das ruralidades e urbanidades e, portanto, como construtora de percepções. Para isso, precisamos pensar a edificação de imagens através do conceito de representação social.

1.4 DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: AS IMAGENS DO RURAL E URBANO

Considerando que as imagens que se formam sobre os habitantes de espaços urbanos e rurais e seus modos de vida ganham aspectos tanto positivos

quanto negativos, para compreendermos a reprodução dos ideários de ruralidades e urbanidades, devemos nos ater ao conceito de representação social onde, segundo Jodelet (2001) é um conhecimento socialmente construído, é ideológico e se reproduz e circula através dos discursos.

As representações, segundo Chartier (1990), são classificações e divisões que servem para organizar as apreensões como categorias para perceber o mundo real. Essas representações têm uma visão de universalidade, porém, são determinadas pelos interesses dos grupos que as constroem.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam. Daí para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de que os utiliza (CHARTIER, 1990, p. 17).

De acordo com Chartier (1990), o objetivo das representações é dado pelo sentido de substituir um objeto ausente (ou com pouco contato) por uma imagem que é capaz de reconstruí-lo na memória, ou seja, as representações sociais criam um imaginário sobre um determinado elemento que serve de referência, dentro de um sistema simbólico, para a produção de objetos.

As representações sociais variam em diferentes tempos e espaços, ou seja, cada coletividade, de cada período histórico e de cada localidade, possui formas específicas de "imaginar, reagrupar e renovar suas representações socioculturais". (MOLAR, 2009, p. 590).

Jodelet (2001) atenta para a importante intervenção das mídias na elaboração e difusão de representações, onde muitas vezes a forma como são passadas mensagens e imagens é manipuladora, isso converge à ideia de Chartier (1990) sobre a determinação dos interesses de grupos específicos.

Tomamos para uma breve análise, portanto, as representações sociais e o ideário de campo e cidade na literatura brasileira, para ilustrar os conceitos de urbanidade e ruralidade. Assim sendo, investigamos a dualidade explícita entre a imagem de rural e urbano nas histórias do personagem Chico Bento e seu primo Zeca criado por Maurício de Souza (2011). Os modos de representação acerca do homem e da vida rural variam fortemente no que se refere à qualificação positiva ou negativa. A construção de representações com valores opostos é claramente visível nas obras de Maurício de Souza, principalmente nas histórias que envolvem o personagem Chico Bento.

Esse personagem foi criado em 1963, a partir da observação de Maurício de Souza sobre camponeses no interior de São Paulo associado à imagem que tinha de seu tio-avô, morador rural. Podemos considerar que o discurso construído de Maurício de Souza é uma reprodução das representações sociais já existentes no Brasil, isso fica evidente na citação de que Chico Bento “era uma versão mirim do Jeca Tatu, personagem clássico das histórias de Monteiro Lobato” presente no site oficial das obras do autor¹⁶.

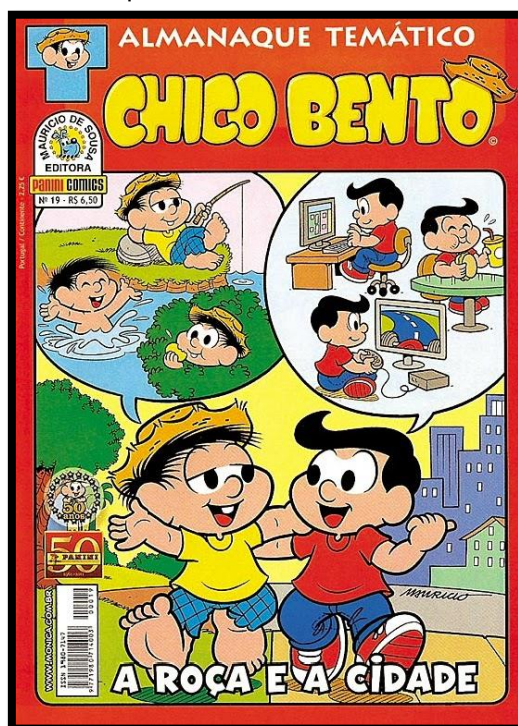
Para compreendermos a construção desses imaginários, analisamos, assim, o Almanaque Temático Chico Bento Nº 19 – A Roça e a Cidade publicado em 2011, que traz uma coletânea de republicações com 22 histórias.

O que nos permite fazer a análise sobre essa fonte é a noção de semiótica, que consiste em preocupar-se com várias modalidades de representação, tanto representações verbais, sonoras ou visuais. O uso da análise semiótica nos permite extrapolar as matrizes linguísticas, permitindo focar em elementos que não se limitam no domínio oral, mas que a transcende (BORTOLOTTI, 2011), ou seja, analisaremos o conteúdo exposto nesta obra em busca das representações que o autor constrói através de seu discurso escrito e imagético.

A capa desta edição (Figura 3) já nos contempla com muitos ideários e imagens que o autor possui acerca de ruralidades e de urbanidades. Nela percebemos a representação da vida em contato com a natureza, com a alimentação natural, com o ar e água puros imaginados por Chico Bento e, representando a virtualidade, a vida enclausurada, a alimentação rápida e o contato com a tecnologia que temos no imaginário do Zeca. Dessa forma fica nítido o discurso dos extremos, onde cada um dos personagens vive em um mundo totalmente diferente do outro.

¹⁶ Disponível em www.turmadamonica.uol.com.br/personagem/chico-bento, acessado em 10 de julho de 2014.

Figura 3. Capa do Almanaque Temático Chico Bento Nº19 – A roça e a cidade.



Fonte: acervo do autor (2014).

É recorrente a representação que Souza (2011) apresenta de atraso do campo e do indivíduo rural em relação à cidade enquanto acesso à tecnologia, isso fica evidente na história “É só ligar” (Figura 4), mesmo sendo tecnologias já presentes em diversas residências rurais, aqui é mostrado que geladeiras, aspiradores e batedeiras são instrumentos que o personagem rural não possui conhecimento e domínio de seus usos:

Figura 4. Quadrinhos da história “É só ligar”.



Fonte: acervo do autor (2014).

Marques (2002) discorre que a ideia de modernização, de desenvolvimento e de futuro estão atreladas ao espaço urbano, já o campo fica associado ao passado. Dessa forma, as representações presentes nestes quadrinhos fazem parte do imaginário comum, isso leva à consolidação dessas imagens dicotômicas, ou seja, alimenta o conceito de que o rural e o urbano estão em extremos contrários.

Essa visão de atraso do rural perde força na conjuntura atual, onde a aproximação maior do capital com o campo contribuiu para a constante mudança de visão de um rural atrasado. Atividades comumente praticadas em espaços urbanos agora são largamente praticadas também no campo, dentre elas as industriais, turísticas e recreativas que servem como refúgio do dia a dia urbano (BARRETO, 2011).

Porém, também são ressaltadas outras características do personagem rural como a sua consciência ecológica, seu carinho com animais e a atenção com as outras pessoas, além do personagem representar a pureza, a simplicidade e a ingenuidade.

O espaço rural aparece, no Almanaque, representando qualidades sempre positivas (Figura 5). As imagens relacionadas às ruralidades são o contato com a natureza “pura”, a água e o ar sem poluição; a alimentação saudável e sempre fresca; a vida tranquila, lenta, sem pressa, sem barulhos e tumulto; o lugar da sabedoria popular e; o contato fraterno entre homens e animais.

Figura 5. Quadrinho da história “Pressa danada”.



Fonte: acervo do autor (2014).

O autor também dá visões bastante distintas para os espaços rural e urbano, o campo possui em sua maioria as características agradáveis, da boa vida, já a cidade possui atributos desagradáveis para se viver.

A representação acerca da imagem da cidade pode ser analisada na história “Pressa danada” (Figura 6) onde Chico Bento está passeando na cidade e se depara com o problema da grande velocidade com que as coisas acontecem, desde a alimentação até o entretenimento.

Figura 6. Quadrinho da história “Pressa danada”.

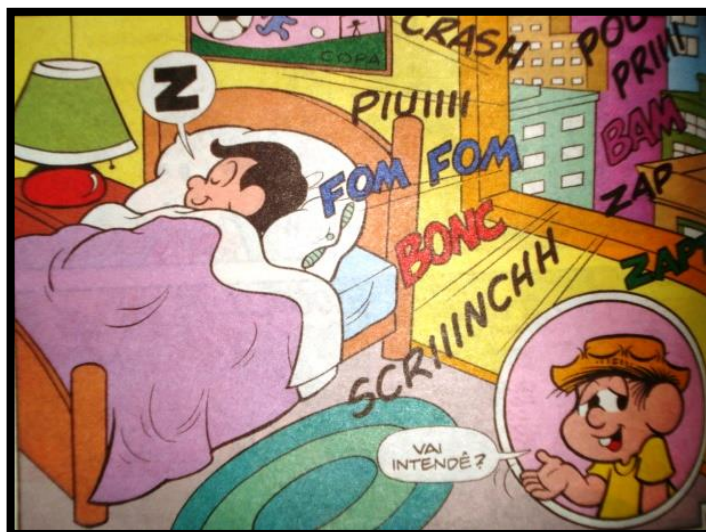


Fonte: acervo do autor (2014).

O tempo rápido é marca do modo de vida urbano (SANTOS, 2000), ou seja, nas cidades existe a imaginária necessidade de perseguição aos movimentos rápidos, estes por sua vez atravessam de forma veloz as relações de quem habita a cidade. Essa característica é comumente apresentada nos enredos do autor.

A pressa é constantemente abordada como uma urbanidade, porém, ao lado dessa característica, encontra-se em várias histórias o personagem rural se incomodando com os intensos e incessantes barulhos da cidade (Figura 7).

Figura 7. Quadrinho da história “Barulhos noturnos”.



Fonte: acervo do autor (2014).

Como extremo da imagem do campo, podemos encontrar a associação da urbanidade com a poluição, onde fica bastante claro na história “Tome cuidado com você” (Figura 8) que possui como objetivo exclusivo do enredo enfatizar o imaginário de poluição da cidade.

Figura 8. Quadrinho da história “tome cuidado com você”.



Fonte: acervo do autor (2014).

Dessa forma, o autor não dá visibilidade aos conflitos e contradições presentes no campo, o uso de agrotóxicos no cultivo e a poluição de solos e águas, por exemplo, está presente no espaço rural e, sendo omitidos por Souza (2011), contribuem para a criação de imagem pura do espaço e indivíduo rural.

As representações de campo, cidade, rural e urbano possuem como foco a diferença entre os modos de vida e as diferentes características dos espaços. Sendo assim, são fortes as oposições extremas das características relacionadas à representação dos personagens analisados, o urbano e o rural são expostos como paradoxos.

Portanto, concluímos que a literatura (dentre outras mídias) possui importante papel no processo de idealização das ruralidades e urbanidades através das representações presentes em seus conteúdos. Assim sendo, podemos afirmar que Souza (2011), com suas representações solidificadas em seus personagens contribuiu, em diferentes escalas e intensidades, para formar o imaginário brasileiro e as representações sociais acerca de ruralidades e urbanidades.

Convergindo com o pensamento de Williams (1989), acredita-se que a reprodução do imaginário estereotipado contribui para a negação de continuidade e sobreposição entre campo e cidade, e também auxilia na criação de imagens que consideram os modos de vida enquanto oposição, sem associação entre eles.

De acordo com Biazzo (2008), as manifestações rurais não necessariamente encontrarão seu fim devido à modernização, pois tanto as ruralidades e as urbanidades podem conviver nos mesmos espaços e nas práticas dos mesmos atores sociais, diferentemente do que as representações acerca do tema tendem a apresentar e a solidificar no imaginário popular.

2. TEMPOS MODERNOS: O GLOBAL, AS TECNOLOGIAS E A INTERNET

A sociedade capitalista contemporânea tem sua construção histórica baseada no distanciamento entre o meio natural e o técnico, ou seja, existe a progressiva fissura entre o homem e seu entorno. Esse movimento encontra na atualidade seu mais avançado estágio, portanto, o natural cada vez mais é substituído pela técnica e pela racionalização (SANTOS, 2008). É por meio da expansão do modo de produção capitalista através da globalização que os diferentes modos de vida estão cada vez mais em contato. O grande apelo ao consumo de produtos e culturas aproxima urbanidades e modernidades ao campo e à cidade. Dessa forma, o presente capítulo busca ponderar acerca do processo de globalização e dos equipamentos imbricados em suas inclusões nas sociedades, equipamentos relacionados como urbanidades.

2.1 O PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO

As multiplicidades humanas e naturais são sobrepostas por um modelo técnico¹⁷ único, ou seja, as sociedades de modo geral adotam, com diferentes formas e intensidades, um ideal baseado em um modelo mundializado. Essa adoção de um modelo técnico mundial leva à redefinição dos tempos e espaços. Dessa forma, “a técnica é a grande banalidade e o grande enigma, e é como enigma que ela comanda nossa vida, nos impõe relações, modela nosso entorno, administra nossas relações com o entorno” (SANTOS, 2008, p. 20).

Esse modelo técnico de caráter global é produto do desenvolvimento do modo de produção capitalista, mais especificamente da economia que ganhou proporções planetárias nas últimas décadas do século XX. Essa globalização econômica demandou novas tecnologias para comunicação que são capazes de ultrapassar as limitações referentes à distância geográfica, ao tempo e aos custos (TIGRE, 1999) e que, segundo Castells (2007), tem as características de ser informacional, global e em rede:

É informacional porque a produtividade e a competitividade de unidades ou agentes nessa economia (sejam empresas, regiões ou nações) dependem

¹⁷ Quando fala-se em modelo técnico e técnica explicita-se o pensamento de Santos (2006), que aborda a técnica como sendo um conjunto de meios instrumentais e sociais que condicionam a relação entre o homem e o meio. A técnica faz parte do território e, portanto, é elemento que o constitui e o transforma.

basicamente de sua capacidade de gerar, processar, e aplicar de forma eficiente a informação baseada em conhecimentos. É *global* porque as principais atividades produtivas, o consumo e a circulação, assim como seus componentes (capital, trabalho, matéria-prima, administração, informação, tecnologia e mercados) estão organizados em escala global, diretamente ou mediante uma rede de conexões entre agentes econômicos. É *rede* porque, nas novas condições históricas, a produtividade é gerada, e a concorrência é feita em uma rede global de interação entre redes empresariais (CASTELLS, 2007, p. 119).

De acordo com Passos (1999), o capitalismo em escala mundial possui um grande ciclo expansionista logo após a Segunda Guerra Mundial, isso ocorreu, dentre outros motivos, devido ao aumento da demanda por bens de consumo e pelos investimentos dos países industrializados em tecnologia avançada incorporadas durante a guerra¹⁸.

Pensando, então, o processo de globalização como um produto do capitalismo mundial, ele é tido como uma contribuição ao modo cumulativo de capital dos grandes conglomerados. Dessa forma, as redes de informação recebem investimentos em suas instalações para que os interesses globais possam ser articulados (através de financiamentos, administração, produção, marketing) em escala global (LASTRES, 1999).

A relação do homem com as diversas formas de energia possibilitou o avanço tecnológico no transporte de pessoas, objetos e ideias, além da consequente explosão urbana e da explosão do consumo. Sendo assim, novos ritmos são impostos às sociedades e a relação com o tempo ganhou novas perspectivas (SANTOS, 2008). Conforme Cardoso (2007), os progressos na criação e disseminação de tecnologias na sociedade atual permite, cada vez mais, o distanciamento entre os indivíduos e suas referências de tempo e espaço.

Para Santos (2008), existe um tempo universal e hegemônico responsável por criar temporalidades hierárquicas (em diferentes escalas), portanto, todos os tempos são globais. Contudo, o que existe são temporalidades hegemônicas e temporalidades não hegemônicas que respectivamente representam o vetor de ação de agentes hegemônicos da economia, da política e da cultura e os agentes sociais hegemônicos por eles que são levados à convivência com tempos mais lentos.

¹⁸ McLuhan (1964) aponta que as tecnologias que foram utilizadas para tornar as relações sociais mais complexas, partiram da tentativa de especializar tecnologicamente os armamentos de guerra para aumentar suas potências e alcance.

A velocidade acentuada do ritmo de vida adotado hoje por pessoas, instituições e empresas não passa de uma imposição ideológica de uma minoria (grandes empresas que se utilizam de grande competitividade) que acaba se estendendo para a totalidade (SANTOS, 2000), ou seja, faz-se acreditar que há a indiscutível necessidade de evoluir junto com as tecnologias oferecidas pelo mercado para não ser ultrapassado pela “evolução”.

Existem os tempos rápidos e os tempos lentos, os dois movimentam diferentemente os homens, as firmas, as instituições e demais atores da sociedade:

Tempo rápido é o tempo das firmas, dos indivíduos e das instituições hegemônicas e tempo lento é o tempo das instituições, das firmas e dos homens hegemonizados. A economia pobre trabalha nas áreas onde as velocidades são lentas. Quem necessita de velocidades rápidas é a economia hegemônica, são as firmas hegemônicas (SANTOS, 1989, p.25).

Conforme Harvey (1996), esse ritmo é adotado, a princípio, devido às possibilidades oferecidas pelo artifício onde o tempo natural da ocorrência das coisas dá lugar ao tempo artificial, ou seja, o que precisava de certo período de tempo para ser realizado naturalmente, hoje, com a disposição e aperfeiçoamento das técnicas, essa mesma tarefa é feita em maior velocidade, exemplos disso podemos ter nas locomoções, na transmissão de informações e até na luminosidade artificial que possibilita o aumento do “dia produtivo”.

Segundo Lipovetski (2004), esse apelo ao movimento acelerado da vida diária se dá pela obrigação de evoluir para não ser ultrapassado e de ser mais eficiente e melhor que o outro, onde o tempo escasso se torna um problema social e a ociosidade e a contemplação perdem importância. Onde, para Balandier (1997), o homem contemporâneo se encontra em uma temporalidade “despedaçada e mal sinalizada”¹⁹.

Devido a esse processo de globalização, além do tempo, os espaços²⁰ também possuem conjunturas novas, pois os lugares se redefiniram para abranger e possibilitar o encontro de interesses globais e de interesses locais. Portanto, o espaço aparece como uma base que aceita o novo e, ao mesmo tempo, resiste às

¹⁹ Os três autores citados nesta sequência, David Harvey, Gilles Lipovetsky e Georges Balandier, mesmo possuindo diferentes concepções acerca do período atual, sendo pós-modernista, hipermodernista e modernista respectivamente, possuem convergências no que diz respeito aos aspectos referentes às características dos indivíduos, à relação com o tempo e à lógica global atual.

²⁰ Consideramos espaço como “o conjunto indissociável de sistemas de objetos naturais ou fabricados e de sistemas de ações, deliberadas ou não” (SANTOS, 2008, p. 49).

mudanças, ou seja, mantém-se através da força de sua herança cultural e material, e reelabora o novo de acordo com suas singularidades (SANTOS, 2008).

Segundo Fajardo (2008), as transformações decorrentes do processo de globalização afetam diretamente o campo, as atividades agropecuárias e agroindustriais, pois existe a propagação de padrões e hábitos de consumo que partem de áreas centrais do capital e exigem a inserção internacional. No Brasil, a presença de capitais multinacionais transforma os hábitos de consumo interno, levando a atender critérios de produção internacionais.

O Estado apoia o estabelecimento da lógica global através do agronegócio, impulsionado pela sua organização em rede. Grande parte das atividades agropecuárias são dominadas por grandes empresas multinacionais, pois elas tem acesso ao mercado tecnológico voltado à agropecuária (biotecnologia, microeletrônica, de produção, transporte e distribuição) para a modernização e industrialização do campo (FAJARDO, 2008).

Pretto (2014), analisando o modo de vida no distrito de Guaragi, percebe que, mesmo em localidades rurais onde o agronegócio não está presente de forma tão efetiva, o processo de aproximação cultural entre o rural e o urbano é intensificado pela rápida e eficiente troca de informações possibilitada e facilitada pela globalização. Assim sendo, muitos símbolos urbanos são cada vez mais introduzidos nos campos.

Porém, o processo de globalização e seus atributos técnicos, de acordo com Santos (2008), encontram na cidade a sua base fundamental e sua associação com o ambiente urbano ganha força (é por isso que a industrialização e a tecnologia sempre estão associadas ao espaço urbano – são urbanidades). A noção de sociedade global é fortificada nas cidades, pois é o lugar em que o tempo da técnica se impõe sobre os homens que, com maior ou menor rapidez, se expõem a ele.

Na cidade, hoje, a “naturalidade” do objeto técnico – uma mecânica repetitiva, um sistema de gestos sem surpresa – crava no organismo urbano, áreas “luminosas”, construídas ao sabor da modernidade e que se justapõem, superpõem e contrapõem ao resto da cidade onde vivem os pobres. São esses espaços inorgânicos, abertos e não racionalizados, são espaços de lentidão (SANTOS, 2008, p. 83).

Dessa forma, a própria inserção de um tempo rápido e um espaço móvel na cidade cria também espaços não hegemônicos onde as temporalidades são lentas. Podemos concluir que, além dos espaços onde vivem os pobres na cidade

como explicita Santos (2008), os espaços rurais em torno da cidade, que passam por um processo de abertura e interação com as “modernidades”²¹, também podem ser considerados espaços lentos, entretanto neste caso não pela situação da pobreza, mas pela própria constituição histórica do espaço rural, que possui características únicas e distintas do espaço urbano como já exposto anteriormente.

Da mesma forma que existem focos de tempo lento nas cidades, existe também áreas no campo onde a lógica do tempo rápido está presente, a produtividade é a área que necessita seguir as determinações de uma conjuntura hegemônica, exigida para a competitividade e a inserção no mercado, ou seja, o ritmo de trabalho em alguns espaços rurais é determinado pela necessidade de adequação à velocidade da economia global.

Por conseguinte, o processo de globalização não possui somente uma dimensão econômica, devemos compreendê-lo, também, como um elemento de comunicação, ou seja, a globalização gera mudanças nos sistemas comunicacionais que alteram as vidas locais dos indivíduos através da lógica das informações instantâneas e globais (CARDOSO, 2007).

A aceleração do processo de globalização se dá pela geração e propagação de informações em volume, alcance e rapidez através dos avanços das telecomunicações e da informática e, assim, junto com essa difusão agregam-se as ideologias de acumulação fundamentadas nas tecnologias da informação (LASTRES, 1999). Os meios técnicos propiciaram, assim, a articulação entre organizações e indivíduos em tempo real e a aproximação de interesses geograficamente distantes.

2.2 UMA NOTA SOBRE MÍDIAS E TECNOLOGIAS

O processo de globalização tem na mídia um forte aliado responsável por disseminar a ideologia de um modelo mundializado. Segundo Williams (1979), os valores, significados e crenças da classe dominante são integradas durante a negociação com as diferentes culturas onde as mídias se inserem, ou seja, ela é reflexo do processo hegemônico.

²¹ Definimos o termo “modernidade” para indicar a aquisição e/ou aproximação de produtos e serviços que apresentam a simbologia das inovações tecnológicas que permeiam as mudanças constantes, rápidas e permanentes da sociedade capitalista industrial” (MONASTIRSKY, 2009, p 10).

O processo de imposição ideológica não se dá de forma direta, pois as mensagens midiáticas são filtradas, reelaboradas, negadas e aceitas de diferentes formas a partir do repertório cultural dos receptores, ou seja, o indivíduo não é passivo, ele busca convergências entre os sentidos expressados pela mídia e suas vivências experimentadas (BARBERO, 2003). Dessa forma, a relação entre o artifício e a sociedade deve ser pensada enquanto influencia e não impacto, ou seja, a mídia interage com a cultura na qual está sendo inserida e suas mensagens são filtradas e condicionadas (CARDOSO, 2007).

Segundo Lastres (1999), a economia globalizada baseada na informação abre novas possibilidades ao mercado para a expansão da produção e do consumo em massa (e em escala global) de diversos bens e serviços. Sendo assim, a geração e difusão de informações possui importante e estratégico papel na lógica da economia global para a acumulação de riquezas.

As corporações de mídia e entretenimento exercem um duplo papel na contemporaneidade. O primeiro diz respeito à sua condição peculiar de agentes operacionais da globalização, do ponto de vista da enunciação discursiva. Elas não apenas vendem e legitimam o ideário global, como também o transformam no discurso social hegemônico, propagando visões de mundo e modos de vida que transferem para o mercado a regulação das demandas coletivas. A retórica da globalização intenta incutir a convicção de que a fonte primeira de expressão cultural se mede pelo nível de consumo dos indivíduos e coletividades. (MORAES, 2003, p.187)

Assim sendo, a mídia é utilizada como um instrumento a serviço dos conglomerados e agentes econômicos globais que contribuem para renovar continuamente e expandir o modo de produção capitalista (MORAES, 2003).

As mídias evoluíram tecnologicamente e permitiram novas formas de organização da produção, do contato com o conhecimento, do funcionamento da economia e, também, da cultura e, conseqüentemente, segundo Cardoso (2007), as mídias gerenciaram diferentes lógicas para a relação com o tempo e espaço através das redes entre empresas, pessoas e Estado.

No distrito de Guaragi, de acordo com Pretto (2014), o papel das tecnologias de informação é crucial para a acentuação do contato do local rural com as lógicas globais, principalmente na atuação sobre quem tem mais contato com esses meios de comunicação de massa. Apesar das características individuais e de personalidade dos moradores rurais, existem grandes tendências à absorção dos elementos culturais ditados pelas mídias, sendo assim, o comportamento urbano está cada vez mais inserido no campo.

Sobre as tecnologias de informação, Lastres (1999) atenta para a sua articulação com os setores financeiros, pois através delas as materialidades são atenuadas nas atividades (transformadas em produtos de informações²²), o que propicia a abertura de novos mercados consumidores e a extensão da produção.

Existe uma gama extensa de diferentes tecnologias de informação, porém todas elas são mídias, do telefone à Internet, pois através de seus distintos formatos de som, texto e imagem, garantem a transmissão de símbolos codificados entre emissores e receptores (CARDOSO, 2007).

Segundo McLuhan (1964), logo a partir do aparecimento do telégrafo a informação passou a circular de forma mais eficaz na sociedade, mesmo a escrita já possuindo grande presença na vida social, ela tornou-se mais efetiva e abrangente com o advento da técnica incursada no aparelho de telégrafo. Ainda para o autor, a comunicação ganha novos atributos e seu sentido passa a ser empregado com a ideia de conexão entre expressões sociais que aproximam a informação do receptor, independente de distâncias.

As tecnologias empregadas na propagação de informações devem obter cada vez maior praticidade, especialidade e velocidade, assim elas ganham espaço e se transformam de objetos de adorno a objetos indispensáveis para a vida social. As tecnologias são inseridas cada vez mais conforme as populações comportam sua participação diária nas relações sociais e se envolvem (emocionalmente e simbolicamente) com esses dispositivos, é o caso do aparelho de telefone que deixou de ser associado como um meio de diversão e peça de decoração para assumir papel de objeto imprescindível na sociedade por estabelecer o estreitamento de relações (MCLUHAN, 1964). Da mesma forma, McLuhan (1964) explica que a televisão é capaz de cultivar nos receptores de suas mensagens o sentimento de envolvimento e, assim, aprofundar e integrar, de forma complexa, a massa social.

Os avanços tecnológicos e a acessibilidade maior dos consumidores permitiu a explosão de constantes revoluções sobre artifícios já existentes e a criação de novos aparelhos e sistemas de tecnologias da informação que associam, cada vez mais, a interatividade e a informação, assim sendo,

²² Nicho com intensiva exploração, pois apresenta progressivo crescimento com os avanços tecnológicos. São consideradas as tele transferências financeiras, tele comércio, tele trabalho, produtos digitalizados (músicas, jogos, textos), dentre outros capazes de alterar as dimensões econômicas do físico para o informacional (LASTRES, 1999).

O novo paradigma das tecnologias da informação é visto como baseado em um conjunto interligado de inovações em computação, eletrônica, engenharia de software, sistemas de controle, circuitos integrados e telecomunicações, que reduziram drasticamente os custos de armazenagem, processamento, comunicação e disseminação de informação (LASTRES, 1999, p. 33).

Portanto, as novas mídias estabelecidas são assim chamadas por serem mediadores da comunicação e incorporar novas lógicas tecnológicas numa mesma plataforma (CASTRO, 2007). Essas mídias inovadas tecnologicamente para a transmissão de informações referem-se, também, às “novas formas de produzir e comercializar bens e serviços” (LASTRES, 1999, p. 31). Assim sendo, o sistema capitalista encontrou neste novo nicho tecnológico oportunidade de resposta para, com o esgotamento do padrão de acumulação baseado na utilização de matéria e energia finitas (fordista), renovar suas estratégias (LASTRES, 1999).

Assim, as novas tecnologias apropriadas pelo mercado possuem vantagens para o modelo capitalista de acumulação pelo fato de:

(a) a informação e o conhecimento passarem a se constituir os recursos básicos do crescimento econômico (em lugar dos tradicionais insumos energéticos e materiais) e (b) tais recursos não serem esgotáveis; além disso, o consumo dos mesmos não os destrói e seu descarte geralmente não deixa vestígios físicos (LASTRES, 1999, p. 38).

A Internet e sua virtualidade são frutos da evolução das tecnologias e do interesse de mercado sobre a interconexão mundial de pessoas e empresas, portanto ela também possui seu avanço baseado na “busca incessante de aumentar a velocidade de rotação do capital e das transações mercantis e financeiras em escala planetária” (SILVA, 1999, p. 58).

Por conseguinte, mesmo a imaterialidade das informações digitais, necessita de uma estrutura material que permita esses fluxos. Lastres (1999) associa a infraestrutura utilizada como base para as tecnologias de informação, as autoestradas (denominadas pela autora como rodovias da informação), fazendo uma analogia sobre o aumento grandioso da produção de bens pós-revolução industrial que exigiram infraestrutura de transporte renovada para seu escoamento, da mesma forma que “as atuais infovias dão base ao também vertiginoso aumento da produção e fluxo de informação” (LASTRES, 1999, p. 44).

Sendo assim, exigem-se investimentos para a tecnologia de informação ser abrangente e permitir inserção no mercado. As técnicas necessárias para colocar em funcionamento todos os sistemas informacionais podem ser expressas e

aparentes nos espaços nas formas de satélites, cabos de fibra ótica, cabos de energia, redes de computadores (associados às constantes inovações em softwares e hardwares) e em tantos outros elementos e dispositivos necessários para dar base às intermediações entre mensagem e receptor (SILVA, 1999).

Ponderando sobre as tecnologias de infraestrutura para conexão à Internet, são necessários desde estruturas gigantescas como cabos de fibra ótica submarinas que ligam servidores do mundo todo, até a disponibilidade de sinal e a compatibilidade de aparelhos com os serviços que chegam ao consumidor. Precisamos, portanto, compreender as necessidades técnicas básicas para que um indivíduo obtenha acesso e interação às informações presentes na rede global de computadores.

Assim sendo, focalizando na parte final deste sistema de infraestrutura (que termina no usuário), além de aparelhos que permitem conexão à Internet (como aparelhos smartphone, celulares, notebooks, desktops, etc.), necessita-se de empresas (provedoras) encarregadas da distribuição e manutenção de serviços de conexão, isso envolve desde manutenção de torres de distribuição até o controle de servidores.

Existem diversos tipos de conexão que as empresas provedoras oferecem no Brasil, sendo as mais conhecidas e utilizadas atualmente as conexões ADSL (a cabo), 3G (principalmente através de celulares) e Wireless que variam em suas velocidades e preços.

Segundo Petracioli (2008), as conexões ADSL oferecem a maior estabilidade e velocidade entre as formas de conexão, ela é específica para computadores e notebooks, pois necessita dispositivo específico (*cable modem*) para a conexão instalado no aparelho, porém essa infraestrutura só está presente, na maioria dos casos, nas grandes e médias cidades onde a infraestrutura de telefonia móvel e televisão a cabo já estão sedimentadas.

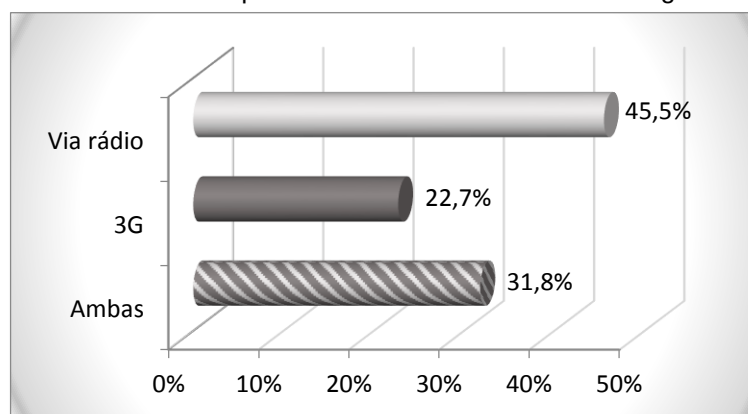
A rede 3G disponibilizada para conexão à Internet principalmente através de celulares é bastante utilizada atualmente, a grande característica atrativa desta conexão é a mobilidade que ela oferece (PETRACIOLI, 2008). Porém, as dificuldades encontradas para esta conexão é a pobreza na infraestrutura de sinal para celulares (torres) em determinadas localidades, pois é através das operadoras de telefonia móvel que são realizadas as conexões 3G, também, nem todos os

celulares disponíveis no mercado (principalmente os que foram produzidos antes da popularização deste tipo de conexão) são aptos ao acesso à Internet.

Por fim, de acordo com Petracioli (2008), a conexão popularmente conhecida como “via rádio” é, nada mais, que a extensão do sinal recebido via ADSL em um ponto onde este serviço é disponibilizado, a outro ponto qualquer através de tecnologias *Wi-fi* (transmissão de dados sem cabo, através de dispositivos que espalham os sinais para conexão – rádio), muitas empresas prestadoras deste serviço utilizam as torres de transmissão da telefonia móvel já existentes para instalar seus aparelhos de dispersão para acesso à Internet. Este tipo de conexão possui as vantagens de possuir tarifa relativamente mais baixa (pois possui manutenção e instalação de baixo custo) e de permitir a mobilidade dos usuários que podem se conectar de todos os aparelhos (desde que possuam adaptador ou receptor de rede sem fio para captar o sinal) em toda área coberta pela rede.

Porém, a distribuição desta infraestrutura necessária para a conexão com redes de informação de escala global não é esparsa igualmente sobre as localidades, ela chega em maior ou menor quantidade e qualidade nos espaços, o que podemos exemplificar com o caso de Guaragi. De acordo com a população local, através de entrevistas, a disponibilidade de sinal de telefonia móvel tanto para serviços convencionais quanto para conexão 3G são escassas no distrito devido à pouca qualidade da infraestrutura disponibilizada na localidade, não sendo suficiente para atender a demanda existente. Da mesma forma, a conexão à Internet via rádio também fica prejudicada, pois necessita-se da utilização da mesma torre de distribuição de sinal a celulares. Portanto, são recorrentes as reclamações da má qualidade de sinal 3G e via rádio no distrito por causa do baixo investimento em infraestrutura, além de que muitos indivíduos alegam possuírem aparelhos (celulares principalmente) que não possuem suporte necessário para conexão com a Internet, pois possuem tecnologia “defasada”.

Mas, como alternativas como ADSL não estão à disposição da maioria dos moradores, o anseio pelo consumo de informação e cultura global força os indivíduos (que possuem recursos suficientes para aquisição de aparelhos) a contratarem os serviços mesmo com qualidade reduzida, dessa forma encontramos na vila de Guaragi a grande utilização de conexão via rádio, cerca de 77,3% dos usuários, como apresentado pelo Gráfico 1:

Gráfico 1. Tipos de conexão utilizada em Guaragi.

Fonte: Pesquisa de campo realizado pelo autor (2014).
Org.: CONEGLIAN, F. M.

Podemos concluir que existe a intensa preocupação do mercado em expandir sua produção e influência em escala global, isso se dá através da difusão de produtos e ideologias que agregam ao processo de ampliação do capitalismo através da busca de relações mundializadas. Porém, existem espaços que não são totalmente acolhidos (estruturalmente e culturalmente) neste processo de globalização, pois as tecnologias de informação não chegam a todos, fica evidente uma exclusão de pessoas e espaços que estão de certa forma, à margem das lógicas e conjunturas globais.

2.3 DA GÊNESE À EXPANSÃO DA INTERNET

Das modernidades presentes no cotidiano dos indivíduos devemos nos atentar à evolução e a gradativa inserção das comunicações na vida diária das cidades e do campo. Além da economia que tomou proporções planetárias nas últimas décadas, a comunicação ganhou essa mesma abrangência com a criação e disseminação do uso de redes interativas surgidas com as transformações tecnológicas, dentre elas a mais importante para este trabalho é o advento e expansão do uso da Internet.

A integração potencial do texto, imagens e sons num mesmo sistema – interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global em condições de acesso aberto e de preço acessível – muda de forma fundamental o caráter da comunicação. (...) O surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial está mudando e mudará para sempre nossa cultura (CASTELLS, 2007, p. 414).

Sendo assim, o acesso à informação através das comunicações midiáticas leva à aproximação dos lugares, ou seja, a instantaneidade da comunicação globalizada torna possível o conhecimento imediato de acontecimentos e, dessa forma, cria entre o lugar e o acontecimento uma relação de escala mundial (SANTOS, 2008). Portanto, a comunicação e a informação são capazes de ligar pequenas localidades, como o distrito de Guaragi, com grandes metrópoles globalizadas. Dessa forma, através deste processo, as pessoas, as transações financeiras e comerciais de diferentes escalas se espalham pelos quatro cantos do planeta.

A Internet é estabelecida como uma influente ferramenta que facilita e promove a comunicação em escala global entre pessoas e instituições. Através dela, a rede global de produção e comércio são fortalecidos devido a aplicação de tecnologias voltadas para sustentar processos produtivos e transações de bens e serviços (TIGRE, 1999).

Para compreendermos o grau de inserção e constância da Internet nas relações humanas e sua capacidade de fazer parte do cotidiano de muitas pessoas, é necessário, primeiramente, considerar seu processo de criação e as novas conjunturas que surgiram após sua expansão.

Para Costa (1999)²³, a Internet é o conjunto de todas as redes e não como normalmente é pensada sendo uma única rede. Internet é o conjunto de meios físicos (linhas e computadores) e programas (como o protocolo TCP/IP) usados para o transporte de informações. A Web e a Internet são coisas distintas, sendo a Web apenas um dos serviços disponíveis através da Internet.

Segundo Castells (2007) a Internet foi criada e desenvolvida nas três últimas décadas do século XX devido a estratégias militares, cooperação científica e à iniciativa tecnológica tendo como origem o trabalho da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. A primeira rede²⁴ de computadores, chamada de ARPANET, entrou em funcionamento em 1969 com apenas quatro nós, ligando centros de pesquisas que colaboravam com o Departamento de Defesa.

²³ Em seu glossário na tradução de Cibercultura de Pierre Lévy (1999).

²⁴ Tomamos como conceito de rede a postulada por Castells (2007) sendo um conjunto de nós interconectados. O nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta, ou seja, redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, para isso precisam compartilhar os mesmos códigos de comunicação.

A partir dessa interconexão, os cientistas começaram a usá-la para comunicações próprias, o que dificultava a separação entre a pesquisa voltada para fins militares e as conversas pessoais. Sendo assim, em 1983, houve a divisão entre ARPANET para fins científicos e a MILNET para fins militares. Após a década de 1980 várias fundações criaram redes científicas, porém, todas utilizavam a ARPANET como base do sistema de comunicação passando para o nome de ARPA-INTERNET, mudando seu nome com o tempo para se chamar INTERNET (CASTELLS, 2007).

Em 1995, a Internet deixou de ser operada pelo governo estadunidense passando a ser totalmente privatizada devido a pressões comerciais, ao crescimento de redes de empresas privadas e de redes cooperativas sem fins lucrativos. O crescimento no volume de comunicações, além do aprimoramento de tecnologia de transmissão, só foi possível graças a um protocolo de comunicação que permitia que todos os tipos de redes pudessem usar, onde todos os computadores pudessem “conversar” entre si, este protocolo foi criado em 1978, o TCP (servidor-a-servidor) e o IP (inter-redes) que possibilitaram que todos os computadores ficassem aptos a decodificar entre si os pacotes de dados que trafegavam em alta velocidade pela Internet (CASTELLS, 2007). Assim, a Internet deixou de ser constituída por redes acadêmicas e se transformou em um espaço com estrutura virtual a serviço da acumulação (PIRES, 2004).

Essa interconexão possibilitou a criação de um novo espaço, virtual, o ciberespaço definido por Lévy (1999) como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores, ou seja, é o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos que transmitem informações provenientes de fontes digitais, pois o caráter virtual da informação é que marca a distinção do ciberespaço. “Ciberespaço” é uma palavra inventada por William Gibson em 1984 em seu romance intitulado *Neuromante*, onde ciberespaço definia “o universo das redes digitais”.

Segundo Lévy (1999), com seu uso corrente foi sendo enraizada a palavra “realidade” como sinônimo de uma presença que seja tangível, ou seja, um espaço físico/material possui o mesmo sentido de realidade. Porém, o virtual também é real, contudo é comumente utilizado erroneamente como oposto de real:

(...) Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto à concretização

efetiva ou formal. (...) Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real (...). (LEVY, 1999, p. 15).

Sendo assim, o virtual existe e não é material, portanto, ele não deve ser considerado um antônimo à realidade. Para Wertheim (2001), o ciberespaço não é governado pelas leis puramente físicas, pois a “posição” dentro do ciberespaço não pode ser expressa em termos de uma localização matemática como no espaço físico, descrito pela ciência moderna. Mesmo assim, o ciberespaço é um espaço genuíno, pois quando entramos no domínio virtual, somos transportados a um espaço com sua própria lógica e geografia. Este espaço é imaterial, não palpável, porém real.

Conforme Negroponte (1995), o espaço da informação (Ciberespaço) não é limitado às três dimensões. A expressão de uma ideia ou linha de pensamento no mundo digital pode incluir uma rede multidimensional de indicadores apontando para novas formulações ou argumentos.

De acordo com Negroponte (1995) no mundo digital as distâncias significam cada vez menos, o usuário da Internet dificilmente pensa quando acessa o domínio digital. As pessoas ainda vivem em lugares, porém a função e o poder em nossas sociedades estão cada vez mais organizados no espaço de fluxos, a dominação estrutural de sua lógica altera de forma fundamental o significado e a dinâmica dos lugares (CASTELLS, 2007).

Portanto, o ciberespaço permite que as pessoas possam interagir entre si, independentes de sua localização no espaço físico, apenas possuindo acesso aos equipamentos que permitem o ingresso aos domínios da Internet.

Para Silva (2008), a junção de áudio, imagem e textos proporcionada simultaneamente e as interações realizadas através da rede mundial de computadores é que tem atraído a atenção dos diversos grupos das sociedades humanas, essa fascinação gera mudanças no comportamento diário dos indivíduos de forma única, como mostra Silva (2008):

Essas transformações, que podem ser tanto positivas quanto negativas em alguns aspectos, já podem ser apontadas no dia a dia a exemplo da utilização desses meios para comunicação pessoal sobre determinado assunto, novas linguagens e comportamentos, como passar horas em frente a um computador vendo um site de relacionamento ou conversando on-line com um amigo e mesmo alguém que acabou de conhecer na rede (SILVA, 2008, p. 11).

De acordo com Tancman (2004), essas relações sociais no ciberespaço, apesar de virtuais, tendem a repercutir ou concretizar-se no mundo real. Marca, portanto, um novo tipo de sociedade. O uso da Internet favorece a criação de novas comunidades, as comunidades virtuais, que podem ser definidas como uma rede eletrônica autodefinida de comunicações interativas e organizadas ao redor de interesses ou fins em comum, embora às vezes a comunicação se torne a própria meta (RHEINGOLD, 1993).

Os modos de usar a Internet e toda configuração de interação social dentro do ambiente virtual constitui o que pode ser chamado de Cibercultura, que é definido por Lévy (1999) como sendo o conjunto de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento da Internet como um meio de comunicação, que surge com a interconexão mundial de computadores. As interações entre pessoas acontecendo dentro do ciberespaço constroem novas sociabilidades através de comunidades virtuais.

Lévy (1999) afirma que as técnicas são condicionantes e não determinantes, ou seja, elas estão em conjunto com outras estruturas sociais e as formas de uso da técnica são produzidas dentro de culturas específicas. Sendo assim, a técnica não tem juízo de valor predeterminado (boa, má ou neutra). Esse fator depende do uso que se faz dela e o uso é condicionado pela cultura.

Cada vez mais o Estado legitima informações provenientes do ciberespaço, e isso só se dá porque a própria população está de certa forma inserida dentro desse domínio. E como o mundo virtual é reflexo das relações que se dão no mundo material, podemos observar estruturas que advêm da materialidade que remetem a problemas envolvendo a Internet, e é nesse aspecto que, especificamente, exemplificam-se os crimes virtuais, extensões da criminalidade que permeiam as sociedades que, agora, tomam também o caráter virtual.

Podemos notar que uma atividade que se torna parte constituinte do cotidiano de uma sociedade é legitimada quando criam-se leis para gerir a forma como é praticada essa atividade. Portanto, nas últimas décadas os usos de meios digitais ganharam caráter sólido na sociedade brasileira. Sendo assim, a Internet é legitimada enquanto ferramenta mediadora de relações sociais, quando o Estado cria legislação específica para definir quais atividades virtuais são criminosas, lícitas ou ilícitas.

Dessa forma, para o controle e gestão normativa das relações de comércio na Internet, é imprescindível a criação de um método de regulamentação jurídica deste processo que envolve fluxos. As legalidades e ilegalidades são determinadas conforme a expansão das relações virtuais, pois os mecanismos de regulamentação devem levar em conta o desenvolvimento da economia digital (dentre outras conjunturas que hoje possuem uma face digital) calcada num sistema financeiro baseado no capital mundializado (PIRES, 2004).

Para exemplificarmos essa regulamentação elencamos uma Lei e um Decreto brasileiros de 2012 e 2013 respectivamente, ambas possuindo o termo “Internet” dentre seus campos referentes a “assunto” e foram publicadas do Diário Oficial da União.

A Lei número 12.737 (ANEXO A) publicada no Diário Oficial da União, página 1, em 03 de dezembro de 2012²⁵, arranja as tipificações criminais de delitos referentes à informática. Essa Lei é composta pelo Artigo 154-A, de interesse para o presente estudo, que considera pena de detenção à invasão de dispositivos:

Invadir dispositivo informático alheio, conectado ou não à rede de computadores, mediante violação indevida de mecanismo de segurança e com o fim de obter, adulterar ou destruir dados ou informações sem autorização expressa ou tácita do titular do dispositivo ou instalar vulnerabilidades para obter vantagem ilícita (Diário Oficial da União, Lei número 12.737, 2012).

O Decreto número 7.962, publicada no Diário Oficial da União, página 1, em 15 de março de 2013²⁶, dispõe sobre a contratação de comércio eletrônico. Esse Decreto abrange os aspectos dispostos no Artigo 1º, sobre:

I – informações claras a respeito do produto, serviço e do fornecedor;
II – atendimento facilitado ao consumidor; e
III – respeito ao direito de arrependimento.
(Diário Oficial da União, Artigo 1º do Decreto número 7.963, 2013)

Este Decreto é composto por 9 Artigos, todos eles se desdobram sobre os temas apresentados nos três itens deste Artigo 1º como podemos observar no ANEXO B.

Pode-se concluir através das leis apresentadas que o Estado (através de sua normatização) autentica informações provenientes do ciberespaço, e isso só ocorre

²⁵ Disponível em <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=03/12/2012>, acessado em 11 de agosto de 2014.

²⁶ Disponível em www.pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1000&pagina=1&data=15/03/2013, acessado em 11 de agosto de 2014.

porque a população está de fato inserida dentro desse domínio virtual e as relações e atos praticados virtualmente têm influência “real” (material) na vida cotidiana dos indivíduos.

Dessa forma, o modelo de produção capitalista é acelerado e ganha proporções planetárias e temporalidade imediata devido a geração e propagação de informações em grande quantidade e de forma rápida. Mesmo a Internet não ter sido originariamente vinculada à busca de acumulação, tem-se, conseqüentemente, a rede de interconexão mundial de computadores como símbolo dos avanços técnicos nas telecomunicações e na informática e, junto com a informação transmitida são comunicadas as ideologias que reproduzem as dinâmicas sociais de acumulação e rotação do capital.

3. O RURAL E O VIRTUAL: AS RELAÇÕES DOS MORADORES DE GUARAGI COM A INTERNET.

Neste capítulo serão apresentados os dados e realizadas as análises sobre as sistematizações dos questionários aplicados à população da vila de Guaragi. As análises buscarão responder aos questionamentos levantados pelos objetivos específicos acerca do uso e das expectativas dos moradores do distrito frente à Internet.

Foi utilizado questionário fechado (Apêndice A) para analisar os usos e impressões dos moradores que têm acesso à Internet diariamente. Também foi aplicado questionário (Apêndice B) para os moradores que não têm contato com a Internet em seu dia a dia, essas informações auxiliarão para a definição de suas expectativas, imaginários e pensamentos acerca do uso da Internet na vila do distrito.

A seleção dos moradores para a aplicação dos questionários foi feita de duas formas: de maneira aleatória com transeuntes nas áreas públicas e, também, por indicação (após a aplicação do questionário) de parentes, vizinhos e pessoas potencialmente interessadas em responder as questões em suas casas, a amostragem tentou envolver a maior dispersão no espaço da vila do distrito.

A metodologia aplicada para as entrevistas é a saturação de dados que, segundo Minayo (2000), consiste na coleta de informações até quando não surjam relatos singulares, ou seja, deve-se coletar dados até que estes não apresentem novidades de discurso e que não se constituam com contribuições significativas e adicionais à análise dos mesmos. As respostas se tornam semelhantes mesmo considerando a experiência individual dos entrevistados, pois as representações sociais da realidade são produzidas por um processo social (Bauer e Gaskell, 2005).

Foram realizadas 36 entrevistas com os moradores da vila, estas foram transcritas e sistematizadas no modelo apresentado nos Apêndices C e D. Após realizar a inserção dos dados coletados nos modelos propostos, foram realizadas novas sistematizações através da construção de apêndices (exemplificado no Apêndice E) com o intuito de agrupar as experiências coletadas em cada questão das entrevistas, partindo das falas específicas de cada entrevistado mas ao mesmo tempo possibilitando uma visão ampla e geral dos dados.

Para facilitar a compreensão das análises, denominaremos 2 grupos pesquisados, um composto pelos entrevistados que não possuem contato cotidiano ou nunca tiveram relação com a Internet (Grupo *off-line* – 14 entrevistados) e outro formado por aqueles moradores que utilizam serviços virtuais em seu cotidiano frequentemente (Grupo *on-line* – 22 entrevistados).

3.1 OLHANDO PARA O OUTRO: PRODUÇÕES DE SENTIDOS DE SI.

Neste primeiro momento, para começarmos a traçar uma visão panorâmica sobre os imaginários e inserções da Internet na vila de Guaragi, analisaremos os dados coletados nas entrevistas em busca de representações que reproduzem a visão do “outro”. É através da classificação e determinação das bases referentes ao “nós” e aos “outros” que as identidades sociais começam a ser definidas por integração e diferenciação (ARRUDA, 1998). Dessa forma, é necessário que analisemos o que o grupo *off-line* pensa sobre as pessoas que utilizam a Internet diariamente e, também, o que o grupo *on-line* imagina acerca das vivências dos indivíduos distantes das tecnologias digitais.

3.1.1 Os navegadores para os *off-lines*.

A população entrevistada do grupo *off-line* percebe a Internet como um elemento “de fora” de sua cultura quando pensa sobre os usuários diários dos meios virtuais. A imagem do “outro” está associada à ideia de evolução da humanidade e desenvolvimento econômico e social alavancadas pelo uso de novos artifícios, de acordo com Santos (2000), a busca por manter-se atualizado com as novas tecnologias disponíveis no mercado se faz através do receio de ser ultrapassado pela ideia de evolução e futuro que elas representam. Assim fica evidente na fala dos entrevistados a elaboração de uma imagem de desenvolvimento pessoal e social de quem utiliza Internet, isso referente aos espaços onde o seu uso é intenso e enraizado.

É construída, assim, a representação de que o uso da Internet serve apenas ao “outro”, ou seja, a uma determinada população e cultura e a um espaço único que não é o seu, a cidade. Essa fala dos entrevistados pode ser compreendida através

das reflexões de Marques (2000) e Monte-Mór (2004) que discorrem sobre a associação do espaço urbano com a ideia de modernização e desenvolvimento.

Estes moradores *off-line* associam a ideia de que a Internet, sendo uma modernidade, tem seu uso mais eficiente e útil nas cidades, já no campo, atrelado à ideia de atraso e isolamento, seu uso não teria as mesmas necessidades como no espaço urbano.

Portanto, percebemos que a Internet é vista pelos moradores com muitas características positivas, porém toda sua potencialidade só é efetivamente acessada em uma cultura e espaço que possuem a velocidade e a dinâmica social que exigem as facilidades da Internet como, por exemplo, as lógicas encontradas nos cotidianos das cidades.

Compreendemos, também, o receio na aproximação com os elementos da cultura do “outro”, pois, segundo os moradores, os perigos sempre deixam mais vulneráveis aqueles que não são “destinados” a utilizá-la. O modo de vida rural é associado à inocência e às virtudes de simplicidade (WILLIAMS, 1989), dessa forma o grupo *off-line* acredita que os indivíduos do espaço rural não teriam as ambições e astúcias da vida urbana para operar tecnologias que servem primeiramente às necessidades e anseios dos cidadãos.

Assim sendo, o maior uso da Internet no distrito rural, devido à ideia de inocência de sua população, traria muitos problemas para a vivência cotidiana, muitos moradores se preocupam com a troca de prioridades dos usuários, que deixariam de viver o real para ficarem conectados ao mundo virtual e, assim, não dariam importância necessária ao vínculo do “nós” na vivência local. Esse receio é fundamentado na ideia de que as transformações que o uso da Internet vem realizando em diversas sociedades também se dá sobre o comportamento dos indivíduos que Santos (2008), quando fala sobre a técnica, aponta que com a inserção maior de seu uso nas sociedades, ela tende a impor relações, modelar o meio e comandar as relações entre o indivíduo e seu entorno. Dessa mesma forma, Silva (2008) exemplifica pontualmente essa mudança de relações e comportamentos observando atitudes como passar horas conectado e a frente do computador vendo sites de relacionamento.

Assim sendo, com base nas imagens do “outro” criadas pelos moradores *off-line*, a Internet é vista como uma ferramenta bastante positiva para o modo de vida urbano, pois é lá que suas potencialidades podem ser aproveitadas e, dessa forma,

os usuários dessa tecnologia têm muitos benefícios. Fica clara a associação dessa modernidade a um outro lugar, pertencente a uma outra cultura que, com sua inserção no cotidiano do distrito cria receios de mudanças nas conjunturas sociais de Guaragi.

3.1.2 Os excluídos virtuais para os *on-lines*.

Os entrevistados do grupo *on-line* entendem a Internet como um elemento inerente ao processo de desenvolvimento da humanidade e que, quem não conseguir acompanhar as evoluções das tecnologias em geral, ficará cada vez mais atrasado em relação ao mundo.

Dessa forma, a Internet é vista por quem a acessa diariamente como uma ferramenta útil para a vida dos moradores do distrito, sendo até uma necessidade para se ter uma vida mais ágil e econômica e também para expandir horizontes de informação e conhecimento. Assim, a visão dessa população entrevistada sobre quem não tem acesso a equipamentos virtuais é focada na ideia e atraso, onde quem não navega na Internet deixa de ter muitos benefícios que só ela é capaz de prover, desde benefícios sociais e econômicos (como comunicação e aproximação de pessoas) até intelectuais (relacionadas ao acesso a informações e aumento de conhecimento).

É recorrente a ideia de que a Internet propicia acesso a informações diferentes das encontradas nos meios comuns existentes (TV, rádio, jornal, etc.), dessa forma os indivíduos que não possuem acesso ao meio virtual ficam presos às atualizações provenientes desses meios limitados de informação. Neste sentido, a população distante da Internet se torna, aos olhos de quem a possui em seu dia a dia, menos atualizada sobre os assuntos que ultrapassam suas vivências e relações dentro do distrito.

Esse pensamento de que o artificial traz muitos benefícios para os indivíduos e se torna essencial no mundo atual pode ser entendida como uma busca a um ideal mundializado, é a busca pelo modelo técnico que, de acordo com Santos (2008), junto com a racionalização tende a distanciar progressivamente o homem e seu entorno. Para Santos (2000), a busca por essa sociedade globalizada é de caráter ideológico de uma minoria que acaba se estendendo para a totalidade, ou seja, faz-

se acreditar que é essencial evoluir junto com as tecnologias e dominá-las para não ser ultrapassado pelo processo de evolução ao ideal global (LIPOVETSKI, 2004).

É inegável a agilidade que o uso da Internet oferece para determinadas tarefas cotidianas nas sociedades, Harvey (1996) descreve que as possibilidades oferecidas pelo artifício se tornam atraentes, onde o tempo natural da ocorrência dos eventos é deixado de lado para a sobreposição do tempo artificial das coisas, mais rápido, possibilitado pelo aprimoramento das técnicas. Sendo assim, as pessoas que não possuem acesso às tecnologias virtuais são vistas pelo grupo *on-line* enquanto pertencentes a outro ritmo, que levam sua vida em outra sintonia, mais lenta e difícil em comparação com quem possui rapidez oferecidas pela Internet, isso pode ser exemplificado explicitamente na seguinte fala: "pra quem não conhece a Internet ficam bem difíceis as coisas" (Entrevista, 2014)²⁷.

Dessa forma, fica clara também a relação dos indivíduos entrevistados com sua percepção do tempo, de um lado temos a Internet representando a evolução tecnológica de um mundo globalizado associado, de acordo com Santos (2001) a um tempo rápido (hegemônico) e de outro temos a população alheia ao mundo virtual (o "outro") representando uma perspectiva de atraso associada à vivência de um tempo lento (hegemonizado).

Fica claro no discurso do grupo *on-line* que o não uso da Internet não é um elemento que afeta nem causa transtornos ao cotidiano do distrito enquanto espaço rural. Porém, existe a ideia de se desenvolver e tornar-se mais próximo às lógicas globais, portanto, existe a vontade de aproximar-se de modernidades e instrumentos tecnológicos específicos que representam essa aproximação mundial, neste caso o não uso da Internet é um obstáculo ao alcance deste objetivo.

Assim sendo, para eles o mundo tende a ficar mais tecnológico e as populações que não se adaptarem à essa conjuntura vão permanecer atrasadas em relação à evolução da humanidade, ou seja, os moradores *on-line* veem o "outro" como marginalizados em um processo contínuo, abrangente e ao qual não se pode conter.

3.2 OS IMAGINÁRIOS SOBRE A INTERNET.

²⁷ Informação fornecida por morador *on-line* ao autor durante entrevista na vila do distrito de Guaragi, 2014.

Os moradores entrevistados dos dois grupos estudados, através de suas vivências, representações e informações, criam imaginários acerca da Internet. Assim, analisamos neste momento os pensamentos expressados durante as entrevistas que levam à construção das imagens que abordam o mundo virtual e as novas tecnologias.

3.2.1 Imaginando a Internet de longe.

Segundo Krüger (2007) com o desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação, foi possível permitir a entrada de informações diretamente dentro dos lares através do rádio e da televisão, estes aparelhos oferecem entretenimento e informações em tempo real, porém o uso da Internet permitiu outro tipo de dinâmica com a informação, diferentemente da receptação passiva de dados da TV e do rádio, a Internet propicia uma relação de interatividade do usuário com as informações virtuais (BARRETO, 2009).

Dessa forma, a população de Guaragi *off-line* pensa o uso da Internet associado com o acesso à informação, mas uma informação com características distintas dos meios convencionais, ou seja, o meio virtual, enquanto uma alternativa ao rádio e à TV, permite a procura de informações específicas do interesse de cada usuário, de forma singular e autônoma.

Para alguns moradores, a fama de alguns sites ultrapassa a sua noção sobre a Internet e se tornam sinônimos da mesma, é o caso do Facebook²⁸ e YouTube²⁹, ambos associados tanto a perda de tempo (como uma característica negativa) quanto à possibilidade de comunicação e entretenimento alternativos (como pontos positivos).

Assim sendo, Tancman (2004) esclarece que as relações sociais virtuais favorecem a criação de comunidades virtuais, o site facebook.com permite a comunicação e a troca de informações (escritas, fotográficas e audiovisuais) entre os usuários que possuem interesses ou objetivos comuns, Rheingold (1993) define as comunidades virtuais como sendo uma rede eletrônica autodefinida de

²⁸ Rede social baseada na ideia de partilha e comunicação de informações, dessa forma o site Facebook se torna um espaço de discussão de ideias, entretenimento, partilha, encontro e informação (PATRÍCIO, 2010).

²⁹ Plataforma digital agregadora de conteúdos audiovisuais marcada por sua dinâmica, diversidade e criatividade (BURGESS, 2009).

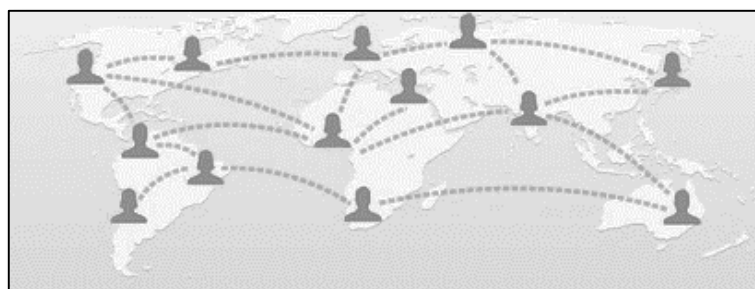
comunicações interativas organizadas ao redor de interesses ou fins comuns e compartilhados, embora às vezes a comunicação se torne a própria meta.

Dessa forma, para esses entrevistados a maior representatividade do Facebook está na sua capacidade de facilitar a comunicação entre os indivíduos servindo como aproximador de pessoas. A visão dos moradores converge com o objetivo do site, pois

Facebook's mission is to give people the power to share and make the world more open and connected. People use Facebook to stay connected with friends and family, to discover what's going on in the world, and to share and express what matters to them.³⁰

Assim, o principal objetivo deste site de relacionamentos é conectar as pessoas permitindo a comunicação entre elas. A ideia de conexão entre pessoas é reafirmada até mesmo na imagem de apresentação do site facebook.com (Figura 9), onde percebe-se o caráter de conexão de todo o mundo a partir da conexão entre seus usuários:

Figura 9. Imagem da entrada de acesso do usuário.



Fonte: <https://www.facebook.com/>

O site youtube.com oferece a exibição de conteúdos de diversas fontes e para diversos interesses, este site é visto como uma alternativa aos programas exibidos pela televisão, pois ele disponibiliza de forma bastante dinâmica suas informações, o usuário tem total liberdade em acessar os dados de sua plataforma de acordo com suas necessidades e interesses. Os vídeos do site divergem em categorias que atendem desde curiosidades e entretenimento até estudos e opinião³¹, porém para

³⁰ Em tradução livre pelo autor: a missão do Facebook é dar às pessoas o poder do compartilhamento e fazer o mundo mais aberto e conectado. As pessoas usam o Facebook para ficarem conectadas com amigos e familiares, para descobrir o que está acontecendo no mundo, e para compartilhar e expressar o que é importante para elas. (Disponível em https://www.facebook.com/facebook/info?tab=page_info, acessado em fevereiro de 2015).

³¹ Segundo informações encontradas no próprio YouTube, o site “oferece um fórum para as pessoas se conectarem, informarem e inspirarem outras pessoas por todo o mundo”, dessa forma, o objetivo do site é a interação entre pessoas em escala global mediada pela criação e distribuição de conteúdos. Disponível em <https://www.youtube.com/yt/about/pt-BR>, acessado em fevereiro de 2015.

os moradores entrevistados a característica marcante do site está relacionado aos seus conteúdos relacionados especificamente ao entretenimento.

Sendo o facebook.com e o youtube.com associados, de acordo com o grupo *off-line*, principalmente à comunicação e entretenimento respectivamente, fica atrelada à eles e à própria Internet a imagem de passatempo e de ser prejudicial para quem a utiliza demasiadamente, apesar de possuir pontos positivos de aproximação de pessoas e acesso a conteúdos exclusivos.

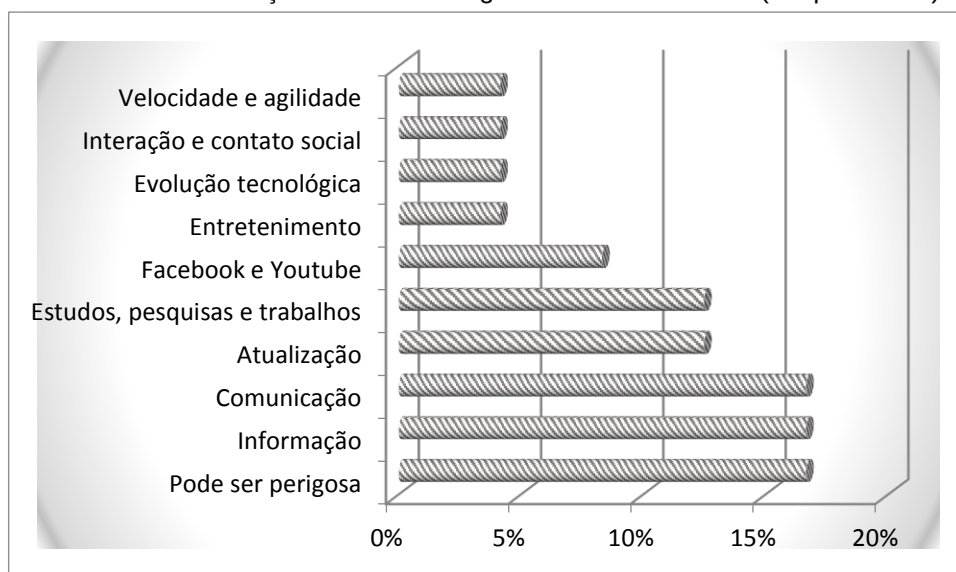
O medo de usar a Internet e o imaginário sobre os perigos que seu uso pode oferecer estão fortemente presentes entre os moradores que não a acessam cotidianamente. Esse pensamento é formado com base em histórias acessadas em algum momento de suas vidas, que acabaram por marcá-los fortemente. As falas de alguns moradores sugerem até mesmo a repulsa à Internet devido aos problemas que ela pode vir a trazer para si e seus familiares: “não tem valor nenhum (...) tem muita coisa que não presta” (Entrevista, 2014)³² e “Eu falo pra minha menina: não vai muito longe com isso aí, isso aí é perigoso”³³ são exemplos de que a sua imagem está associada a perigo e riscos.

De acordo com os dados coletados durante as pesquisas de campo, observamos que o imaginário relacionado a problemas e perigos é bastante presente entre o grupo *off-line*, essa informação aparece na mesma intensidade que as associações à informação e comunicação (Gráfico 2):

³² Informação fornecida por moradora *off-line* ao autor durante entrevista na vila do distrito de Guaragi, 2014.

³³ Informação fornecida por moradora *off-line* ao autor durante entrevista na vila do distrito de Guaragi, 2014.

Gráfico 2. Associações livres do imaginário sobre a Internet (Grupo off-line).



Fonte: Pesquisa de campo realizado pelo autor (2014).
Org.: CONEGLIAN, F. M.

Portanto, para aqueles que não acessam as tecnologias virtuais, suas impressões e imaginários são marcados por discursos provenientes de fontes externas, não examinados e comprovados por sua experiência, mas que as marcaram e contribuíram para a construção de representações acerca da Internet, pois as representações sociais são socialmente construídas que circulam e são reproduzidos através dos discursos (JODELET, 2001).

3.2.2 Pensando a Internet na proximidade.

A Internet tem sua imagem bastante positiva por parte de quem mantém contato com ela diariamente (grupo *on-line*), suas características marcantes estão no acesso dinâmico às informações, no auxílio ao aumento do conhecimento, na agilidade e preço como uma ferramenta de comunicação e também como meio facilitador para problemas de mobilidade que encontram no distrito.

Em relação à informação, os entrevistados apontam as possibilidades e vantagens da Internet em relação aos meios midiáticos convencionais presentes em Guaragi. Os conteúdos informacionais disponibilizados pela televisão, por exemplo, seguem uma rotina e são formatados homogeneamente, já a Internet possibilita o acesso a informações e a conteúdos de forma individualizada, seguindo as demandas do usuário, sem necessariamente seguir as sistematizações e interesses

presentes na TV. Para Castells (2007) essa nova forma de transmissão de informações interativamente é a evolução da comunicação de massa da mídia, onde a informação não é simplesmente apresentada por um pequeno grupo de pessoas como é o caso da TV e do rádio como citado anteriormente. Pela comunicação mediada por computadores existe a relação entre o receptor e o emissor da informação de forma interativa, ou seja, a informação deixa de ser simplesmente passada e receptada de forma sólida pelo indivíduo.

Alguns entrevistados associam a Internet ao aumento de conhecimento, dessa forma deve-se pensar que informação e conhecimento são elementos distintos. Assim sendo, a informação pode ser pensada de forma mais abrangente e que está associada a todo tipo de resultado acessado e proveniente de pesquisas acerca de curiosidades, utilidades, notícias e assuntos cotidianos, já conhecimento pode ser considerado especificamente às informações práticas relacionadas, principalmente, aos estudos formais e informais, ou seja, tem-se a informação enquanto fragmentação e o conhecimento como um processo que inclui a reelaboração e integração de informações captadas como dados, é crítica e totalizante (BACCEGA, 1998).

Dessa maneira, uma parcela dos entrevistados pensa a Internet enquanto auxiliadora nos processos de aprendizagem, tanto ajudando professores e alunos nas escolas quanto para as pessoas que buscam conhecimento de forma autônoma, para eles o meio virtual oferece material para estudos de diversas áreas, abrindo oportunidades únicas para o acesso ao conhecimento.

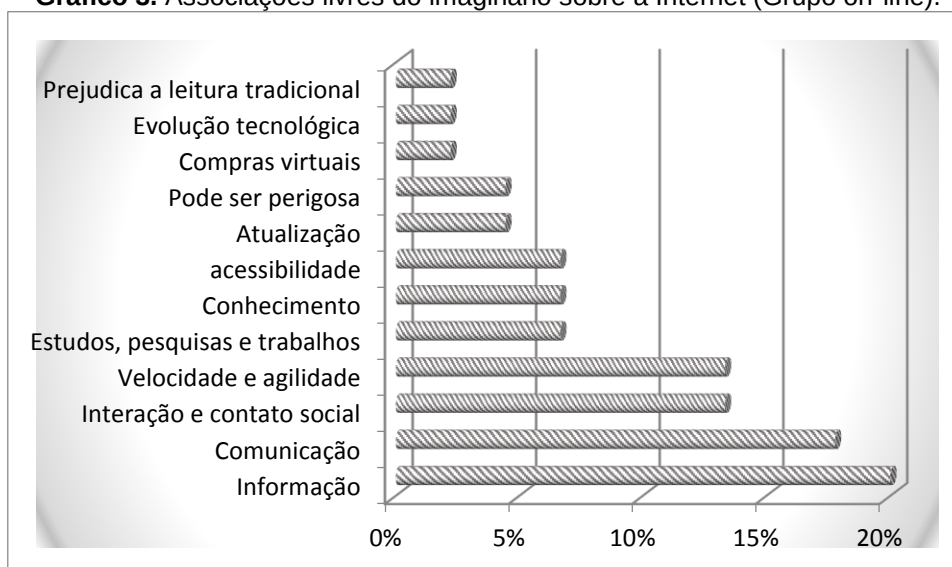
Grande parte do grupo *on-line* associa a Internet à comunicação, dessa forma, é enquanto um meio de comunicação acessível e ágil que a Internet passa a ser pensada por eles. Essa propriedade é apontada por eles devido suas vivências pessoais, assim, os moradores a utilizam para manter os laços entre familiares que residem em outras cidades, esse contato se mantém principalmente com o auxílio de sites de relacionamento (facebook.com). O uso da Internet como meio de comunicação é considerado como indispensável para alguns entrevistados, pois devido à sua rapidez ela é capaz de romper distâncias entre pessoas, possibilitando a manutenção de contatos sociais de forma singular devido às suas potencialidades. É considerada uma evolução dos meios de comunicação, pois associa a alta tecnologia empregada para sua conexão e seu relativo baixo custo, dessa forma, a

Internet representa uma transformação nos meios de comunicação pessoal, gerando novas linguagens e comportamentos dos indivíduos (Silva, 2008).

A característica do distrito em se encontrar a uma certa distância dos centros urbanos, faz com que muitos moradores pensem a Internet como sendo uma ferramenta para a diminuição desta barreira. Segundo a reflexão realizada por Negroponte (1995), através do domínio do mundo virtual as distâncias tendem a significar cada vez menos, sendo suplantadas de acordo com intensidade com que a Internet é assimilada pelas sociedades. Portanto, devido a velocidade e agilidade proporcionada pelo seu uso, a grande contribuição para os moradores é suprir as suas dificuldades de mobilidade, logo, essa população vê o uso da Internet como facilitadora de atividades diárias. Fica evidente a dificuldade que os moradores do distrito rural sentem em ter que se deslocar para o distrito sede quando precisam de algum serviço específico (como o bancário), portanto a carência em mobilidade desses moradores leva a observarem na Internet a sua capacidade de ultrapassar os limites físicos para acessar diversas ferramentas que ela disponibiliza.

Menções negativas também estão presentes no imaginário de alguns entrevistados *on-line*, o medo de usá-la aparece nas falas dos moradores, esse receio gira em torno de problemas e perigos específicos que seu uso pode gerar, diferentemente do medo expressado pelo grupo *off-line*. Estes perigos apresentados como, por exemplo, vírus e roubo de informações não são vistos como um meio que impede o uso da Internet, apenas serve para que os usuários naveguem de forma mais cuidadosa e em segurança. Tratando-se de segurança, ainda atentam para o problema recorrente de falta de legitimidade de muitas informações encontradas na Internet, o que pode trazer transtornos e se tornar perigoso para os usuários.

Aqui devemos comparar os imaginários de perigo da Internet entre os dois grupos estudados. Enquanto para os *off-line* o perigo é uma das características mais marcantes e é bastante recorrente (Gráfico 2), para o grupo *on-line* esse imaginário é pouco presente na fala dos entrevistados, ficando pouco visível no total das associações (Gráfico 3):

Gráfico 3. Associações livres do imaginário sobre a Internet (Grupo on-line).

Fonte: Pesquisa de campo realizado pelo autor (2014).
Org.: CONEGLIAN, F. M.

Pode-se concluir que os receios destes entrevistados são decorrentes de suas vivências e informações coletadas referentes a usos específicos do meio virtual, o contato com a iminência desses perigos é cotidiano, isso faz com que esses medos não se tornem limitadores e determinantes do seu acesso à Internet.

3.3 PENSANDO A INTERNET EM ESCALAS.

As pessoas entrevistadas apresentam visões gerais sobre os benefícios e malefícios do uso de meios virtuais de modo geral, porém, analisamos nesta etapa o pensamento segmentado desses moradores, ou seja, os imaginários sobre a função da Internet criados pelos dois grupos são distintos quando analisados em diferentes escalas. Portanto, ponderamos suas percepções acerca da função e valor da Internet desde configurações globais até o cotidiano da vila de Guaragi.

3.3.1 A Importância da Internet para os *off-lines*.

Discutimos aqui as diferentes percepções do grupo *off-line* sobre o uso da Internet em escala global e local.

3.3.1.1 Pra todos, para o mundo.

"É até mais fácil do que pegar um livro" (entrevista, 2014)³⁴, é assim que a população *off-line* pensa a Internet em relação à sua importância em escala global, para eles ela é a responsável por apresentar formas e ferramentas muito mais acessíveis às pessoas quando comparada a elementos "analógicos". Esse pensamento surge devido às múltiplas possibilidades geradas pelas ligações (links) que unem as informações dentro do domínio virtual pois, a Internet não sendo limitada às três dimensões, permite que as ideias expressas ou os dados disponibilizados incluam uma rede multidimensional de distintos indicadores que fornecem a possibilidade de novos conjuntos de análises e contextualizações (NEGROPONTE, 1995). Assim sendo, o que marca o ideário destes entrevistados é a Internet enquanto potencialidade, pois ela seria mais dinâmica e abrangente que livros, por exemplo, que seriam específicos e limitados.

O uso da Internet é visto por alguns moradores como sendo inútil para determinados usuários que somente a utilizam para entretenimento e contatos sociais, eles observam as qualidades que seu uso proporciona a quem a acessa especificamente para estudos e para o trabalho, ou seja, os pontos positivos de acesso à informação, agilidade e comunicação só são aproveitados por uma parcela da população. Sendo assim, os usuários que utilizam a Internet para outros fins acabam perdendo tempo do seu dia a dia e, assim, podem ter prejuízos devido ao excesso de conexão sem objetivos definidos.

Portanto, a Internet é vista pelos entrevistados como importante para a conjuntura mundial, ou seja, seu uso é essencial para manter as relações sociais atuais, porém essa importância é limitada à parcela da sociedade que utiliza dos meios virtuais para atividades profissionais e em setores formais, não sendo uma ferramenta efetiva para todos os usos e pessoas.

3.3.1.2 Para o distrito.

A fascinação pelas interações proporcionadas pela Internet e pela forma com que seus dados são apresentados na junção de áudio, imagem e texto simultaneamente atrai a atenção de diversos grupos populacionais (SILVA, 2008). É

³⁴ Informação fornecida por morador *off-line* ao autor durante entrevista na vila do distrito de Guaragi, 2014.

através desses dados e interações que muitas facilidades começaram a aparecer ao cotidiano das pessoas.

O maior acesso à Internet no distrito é visto como uma melhoria na qualidade de vida dos moradores que a utilizariam devido a certas facilidades que ela traria. É explicitada a vontade de se apropriar da comodidade e da agilidade de serviços específicos da Internet, como serviços bancários para o comércio local e a compra e venda de produtos pelo meio virtual para a população como um todo.

Porém, a grande parte dos entrevistados *off-line* associam negatividades à Internet quando pensam em seu uso no distrito. O pensamento marcante é que a Internet não traria benefícios para os moradores devido à baixa escolaridade da população de Guaragi e, assim, a susceptibilidade da população perante as novas tecnologias é grande.

Pela própria característica do distrito em ser rural e pequeno, esses indivíduos pensam a Internet como um elemento "de fora", a aproximação à uma modernidade que não teria real significado em sua utilização ali, sendo assim os pontos positivos da Internet que foram pensados são relacionados a outro espaço, um imaginário que agrega lugares e indivíduos distintos daqueles presentes em Guaragi.

Expressões como, por exemplo: “a gente foi criado sem isso, porque antes as pessoas se divertiam mais, hoje não, elas têm Internet e ficam mais fechadas”³⁵, evidenciam o pensamento desta população de que há a relutância em aceitar e permitir a presença de elementos novos na cultura local, no caso a Internet é vista como um meio anti-socializador, que é capaz de prejudicar o cotidiano e a vivência dos habitantes do distrito.

Assim, observamos uma dupla percepção sobre as funções da Internet para o grupo *off-line*. Primeiro, numa escala mundializada, a Internet aparece como ferramenta útil, ágil e, assim, indispensável para manter as lógicas atuais de relações humanas; em segundo lugar, pensando sobre o uso local da Internet, uma minoria observa as potencialidades de sua utilização, porém o imaginário que impera sobre a maioria dos entrevistados é a de que a Internet provê benefícios para os “outros”, considerando-se, portanto, “fora” espacialmente e culturalmente de uma

³⁵ Informação fornecida por morador *off-line* ao autor durante entrevista na vila do distrito de Guaragi, 2014.

lógica integradora e, assim, os benefícios encontrados em outros espaços, ali seriam considerados prejudiciais à vivência “tradicional” dos moradores.

3.3.2 A importância da Internet para os *on-lines*.

Analizamos neste momento as diferentes percepções do grupo *on-line* acerca do uso da Internet em escala global, local e pessoal.

3.3.2.1 Para todos, para o mundo.

Os moradores que utilizam a Internet no distrito a vêem com muitos pontos positivos: avanço tecnológico e evolução da humanidade, porta para a informação, rapidez, auxílio aos estudos e facilidade de comunicação são diversas vezes mencionadas como sendo os principais benefícios da Internet para o mundo atualmente.

Uma pequena parcela dos moradores observa a Internet como um símbolo do avanço tecnológico ao qual a humanidade chegou nos tempos atuais. Dessa forma, esses entrevistados apontam-na como um aparato tecnológico de uso diário, porém caracterizado como evolução do ser humano.

Considerando uma escala global, a Internet é pensada, por muitos dos entrevistados, como sendo um progresso dos meios de comunicação existentes até o seu surgimento, ele seria um elemento híbrido de rádios, televisões, telefones e celulares, sendo assim, oferece todas as comodidades e facilidades desses meios de comunicação, porém, de forma mais eficiente, rápida, dinâmica, individual e, por fim, mais barata que estes. São essas características da Internet, enquanto meio de comunicação, que servem como referência para esses moradores e, assim, baseiam as outras características apresentadas por eles como, por exemplo, a rapidez e facilidade na comunicação entre pessoas e a sua utilização para manter contatos profissionais.

O acesso e o auxílio às atividades referentes ao estudo e à expansão do conhecimento marcam a fala de parte dos entrevistados, estes vêem na capacidade que o uso da Internet oferece enquanto meio entre os indivíduos e os dados e informações virtuais, a sua face mais importante para o mundo contemporâneo.

A capacidade que os serviços e ferramentas virtuais possuem em ser rápidas e ágeis é parte do imaginário dos moradores que apontam esta característica como sendo um ponto forte da Internet na atualidade. Sendo assim, a Internet é referenciada com base no caráter prático que leva à vida dos usuários, elemento que é a marca do mundo atual (segundo Santos (2002) as relações humanas atuais são intermediadas pelo tempo rápido, ou seja, existe a tentativa de se harmonizar com o ritmo acelerado imposto aos indivíduos). A rapidez do mundo contemporâneo associado à agilidade que a Internet oferece cria, para o grupo *on-line*, a sensação de que o meio virtual é essencial para as pessoas viverem nos dias de hoje. Existe, ainda, a imaginária necessidade da população tentar acompanhar esses avanços tecnológicos para não se atrasar e perder a conexão com as inovações que surgem (Santos, 2000).

As falas dos moradores mostram que o uso da Internet se tornou tão interno aos indivíduos que, em seus imaginários, passou a ser um elemento sem o qual a humanidade não pode se desenvolver: “Hoje tudo é baseado em fazer as coisas pela Internet”³⁶ e “Hoje em dia não se faz mais nada sem Internet”³⁷ são representações de que as pessoas se tornaram dependentes do uso da Internet. Com o ganho de popularidade e maior acessibilidade da população nos últimos anos, o uso da Internet passou a fazer parte do cotidiano de muitos grupos, com a gradativa inserção da população ao domínio virtual muitas relações e serviços passaram a ser mediadas e realizadas através de computadores conectados à rede, essa nova cultura e sociabilidade geradas a partir dos modos de usar a Internet foi denominada por Levy (1999) como Cibercultura.

De acordo com o grupo estudado, devido ao alto grau de importância que a Internet possui atualmente, diversos moradores afirmam não conseguir imaginar o mundo sem conexão com a Internet. Estes entrevistados apontam a dependência que a sociedade atual tem da Internet, onde muitas coisas só são possíveis de serem realizadas com a ajuda do mundo virtual. Falas como: “Não tem como viver sem”³⁸, explicitam esse caráter de essencialidade que a Internet possui, que tende a

³⁶ Informação fornecida por morador *off-line* ao autor durante entrevista na vila do distrito de Guaragi, 2014.

³⁷ Informação fornecida por morador *off-line* ao autor durante entrevista na vila do distrito de Guaragi, 2014.

³⁸ Informação fornecida por morador *off-line* ao autor durante entrevista na vila do distrito de Guaragi, 2014.

manter-se cada vez que novas pessoas descobrem as comodidades e possibilidades oferecidas na conexão à Internet.

3.3.2.2 Para o distrito.

Visando a importância do uso da Internet especificamente no distrito, os entrevistados a olham com muitas qualidades, seja pra informação e conhecimento ou para diminuir o isolamento dos moradores quebrando distâncias e atraindo turistas.

O rádio e a televisão são os meios de consumo de informação dominantes em Guaragi, portanto a Internet serviria como um meio alternativo para complementar e acrescentar as informações captadas destes meios de comunicação de massa. Dessa forma, os entrevistados apontam para a potencial melhoria na capacidade de acesso à informação dos moradores, o que levaria à uma expansão informacional que extrapolaria o condicionamento espacial deles.

Os entrevistados pensam que ampliar o acesso à Internet em Guaragi ajudaria a aumentar o conhecimento dos moradores que são ainda, em sua maioria, controversos ao uso da Internet. Portanto, fica claro que os residentes do grupo *on-line* percebem que no distrito existe uma recusa grande por parte de parcela da população em usar meios virtuais em seu cotidiano. A importância da Internet no distrito de Guaragi é relevante para a educação da população mais jovem, o uso auxilia nas escolas locais, onde os professores podem preparar aulas e conteúdos diversificados e dinâmicos para seus alunos com o auxílio da Internet. Esses entrevistados veem o uso das redes virtuais como uma ferramenta que leva ao avanço da qualidade educacional, ajudando em pesquisas e na confecção de trabalhos, desde que devidamente conduzido pelos professores.

Segundo Barreto (2011), Guaragi possui características singulares devido à existência da necessidade de grande interação entre os moradores rurais com o município sede e o modo de vida urbano. A condição de distanciamento do distrito das áreas e serviços urbanos pode ser superado, de acordo com alguns moradores, com o uso da Internet, pois ela propicia a agilidade e supressão de distâncias através de serviços virtuais. Para a população entrevistada, essa característica da Internet permite a aproximação da população rural aos serviços encontrados somente nas sedes urbanas (Ponta Grossa e Irati), isso levaria a um avanço na

qualidade de vida da população local devido as facilidades geradas pelo uso dos serviços virtuais. O distanciamento do rural em relação aos serviços urbanos, apesar de existirem sobreposições e continuidades entre campo e cidade, se deve às práticas e funções específicas existentes nestes espaços que são múltiplas e aparecem de diversas formas³⁹.

Também é citado o potencial de divulgação turística do distrito através da Internet, apresentando a forma de vida rural e a vida distante do urbano como atrativos à visitação e potencializando o comércio e serviços locais. De acordo com Barreto (2011), o turismo rural (junto com a recreação e a preservação ambiental) é uma forma de refúgio buscado por muitas pessoas para se distanciar do modo de vida urbano, visto como um lugar bucólico e tranquilo, o campo ganha visibilidade a partir da década de 1990 e se apresenta como um espaço de lazer alternativo. Dessa forma, o grupo *on-line* observa os potenciais econômicos e culturais de seu espaço de vivência e observa os meios virtuais como possível ferramenta de exposição dessas potencialidades.

Portanto, diferentemente do grupo *off-line* que aponta funções diferentes para escalas distintas, o grupo *on-line* não segmenta os benefícios da Internet de acordo com as escalas, ou seja, tanto para a conjuntura mundial quanto para a lógica do distrito, o uso da Internet traz melhoramentos que atravessam as limitações espaciais.

3.3.2.3 Para suas vivências cotidianas.

Dois pontos estão fortemente presentes no pensamento dos entrevistados quando analisam a importância da Internet em sua vida cotidiana: os empresários apontam os benefícios que seu uso proporciona à sua vida profissional e a população em geral aponta sobre suas relações em sites de relacionamento que proporcionam comunicação e entretenimento para suas vidas.

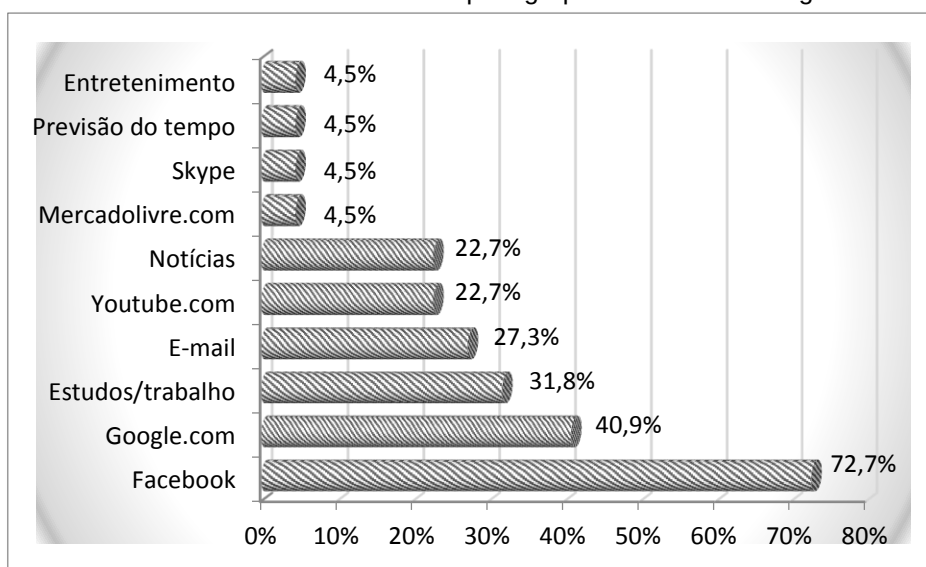
Sendo assim, muitos entrevistados têm a Internet como elemento profissional, ou seja, usam as ferramentas disponibilizadas no meio virtual para facilitar e agilizar seus trabalhos. Os empresários do comércio do distrito consideram a Internet indispensável em suas vidas profissionais mesmo com a baixa qualidade do sinal

³⁹ O campo propicia distintas práticas que vão desde pastores e caçadores até latifundiários e empresários agroindustriais, já as práticas da cidade aparecem como centralidade administrativa, comercial, industrial, dentre outras (WILLIAMS, 1989).

disponibilizado. Além do uso prático muitos moradores mantêm contatos profissionais através da Internet, tanto para relações comerciais como para procura por empregos.

A importância da Internet no distrito para o cotidiano de grande parcela da população está em torno das redes sociais (Gráfico 4). Cerca de 72,7% da população que utiliza a Internet, conecta-se ao Facebook durante suas conexões diárias:

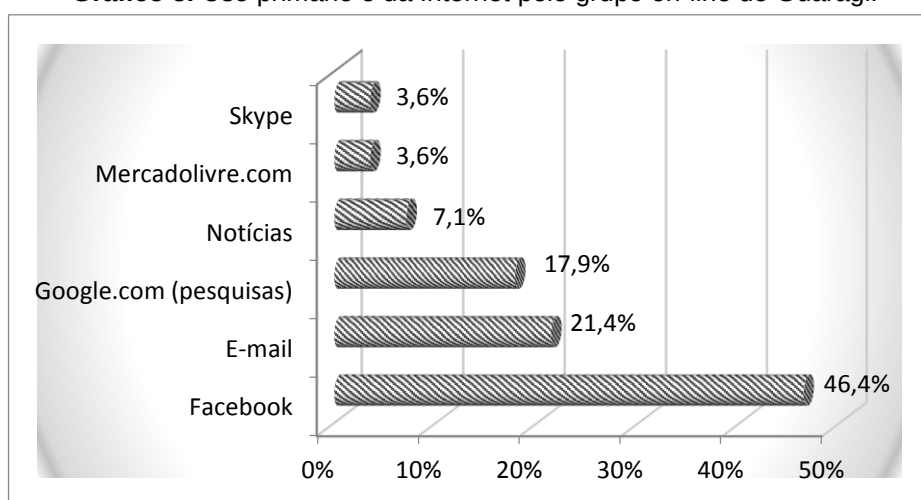
Gráfico 4. Usos da Internet pelo grupo on-line de Guaragi.



Fonte: Pesquisa de campo realizado pelo autor (2014).
Org.: CONEGLIAN, F. M.

Deste total, 46,4% dos usuários possuem o site facebook.com como o primeiro e principal elemento que os atraiem na Internet (Gráfico 5).

Gráfico 5. Uso primário e da Internet pelo grupo on-line de Guaragi.



Fonte: Pesquisa de campo realizado pelo autor (2014).
Org.: CONEGLIAN, F. M.

Assim, através destes sites, os moradores podem manter contato com amigos e familiares que moram em outras cidades, facilitando o contato entre essas pessoas. Para Castells (2007), os relacionamentos virtuais oferecem a oportunidade de vínculos sociais para pessoas que, caso contrário, viveriam vidas sociais mais limitadas, pois seus vínculos estão cada vez mais espacialmente dispersos, dessa forma o uso da Internet pode servir como uma ampliação do contato dos moradores rurais com indivíduos que vivem em realidades distintas.

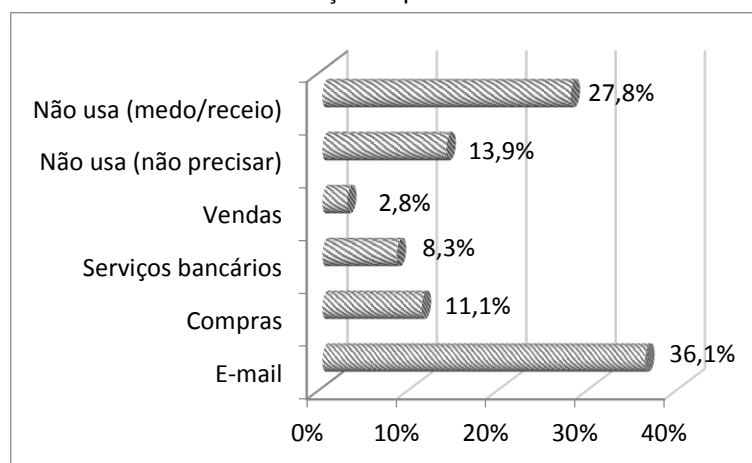
Assim sendo, o baixo custo da comunicação através da Internet é um atrativo comparado às interações proporcionadas pelo telefone por exemplo. Além do custo, o meio virtual permite o contato entre indivíduos de forma muito mais dinâmica que outros meios de comunicação, através de multimídias (texto, fotografia, vídeo e áudio) que possibilitam múltiplas formas de percepção e interação nos ambientes virtuais (SILVA, 2008).

Para uma pequena parte do grupo *on-line*, a Internet tem importância na área da educação, principalmente para aqueles que estão em processo de formação acadêmica, onde pesquisas virtuais são utilidades cotidianas desses indivíduos para o auxílio em seus estudos. Por fim, manter-se informado e atualizado é o objetivo principal na vida virtual de alguns poucos moradores, ou seja, utilizam a Internet efetivamente para ficarem informados de acontecimentos do mundo todo em diversos setores.

Analisando a importância que os entrevistados dão à Internet em uma escala bastante específica, a do seu cotidiano, pode-se concluir que para a maioria, existe uma Internet enquanto potencial de uso quase ilimitado tanto em escala global quanto para o local, porém em suas vidas cotidianas, o uso é limitado a poucas variações, mantendo-se em ações concentradas em poucos segmentos dentro das inúmeras possibilidades da Internet apresentadas para as escalas mais amplas.

Além dos usos para comunicação através de redes sociais, os entrevistados foram questionados sobre a utilização de ferramentas e serviços específicos que utilizam a Internet⁴⁰ (Gráfico 6). Isso nos permitirá pensar acerca da efetiva troca de serviços “analógicos” pela inserção de serviços virtuais no cotidiano do grupo estudado.

⁴⁰ Consideramos serviços e ferramentas específicas da Internet, aquelas que possuem uma base virtual e, dessa forma, só podem ser acessadas e efetivadas através de meios digitais. Dentre estes estão o e-mail, o comércio virtual (*e-commerce*) e serviços bancários em geral.

Gráfico 6. Serviços específicos da Internet.

Fonte: Pesquisa de campo realizado pelo autor (2014).
Org.: CONEGLIAN, F. M.

De acordo com os dados coletados, percebemos o grande uso apenas de ferramentas de mensagens eletrônicas (e-mail), seja para comunicação pessoal ou profissional, sendo mínimos os usos de outros serviços como o bancário e de comércio eletrônico.

Ainda, são significativos os apontamentos de quem não utiliza nenhuma ferramenta específica, cerca de 41,7% dos indivíduos do grupo *on-line*. Sendo que, deste total, 66,6% não o fazem devido ao receio dos potenciais perigos de suas utilizações.

Essa diferenciação entre e-mail e outros ofícios virtuais ocorre devido as ferramentas de mensagens eletrônicas não necessariamente estarem vinculadas à circulação financeira, já os outros serviços possuem alguma forma de movimentação monetária, seja para compras, vendas, transferências, etc.

Portanto, o receio em realizar transações que envolvem dinheiro é um bloqueio grande para a população, ou seja, são poucos os usos de serviços virtuais específicos no distrito devido à insegurança da população em fazer movimentações financeiras virtuais. Dessa forma, o nível de inserção da Internet na vida destes indivíduos não proporcionou, até o momento, a segurança necessária para a utilização desse tipo de serviço específico.

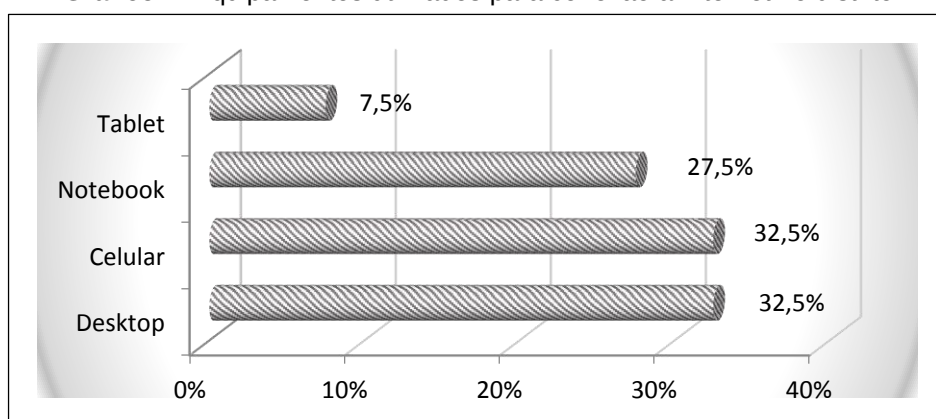
3.4 A INSERÇÃO DA INTERNET NA LÓGICA DO DISTRITO.

Para o grupo *on-line*, a Internet já faz parte de seu cotidiano. Cabe, neste momento, analisarmos qual o grau de inserção desta modernidade efetivamente na

vida destes moradores, ou seja, buscamos compreender qual a abertura (cultural e material) que essa população dá para o uso da Internet em suas vivências cotidianas. Portanto, devemos, primeiramente, apresentar e ponderar acerca dos modos de conexão mais comuns que o grupo *on-line* faz da Internet na vila do distrito de Guaragi.

Os aparelhos e o lugar de onde é acessada a Internet são importantes devido à mobilidade e o sentimento de segurança que os usuários possam sentir durante suas conexões. De acordo com os dados coletados nas entrevistas (Gráfico 7), compreendemos que a mobilidade não é uma característica com a qual o grupo *on-line* se preocupa muito para levar em consideração. Assim, observamos o grande uso de *notebooks* (27,5%) e *desktops* (32,5%) que possuem pouca ou nenhuma mobilidade para conexão e, da mesma forma, os celulares (32,5%) quando usados, são frequentemente utilizados nas casas dos usuários.

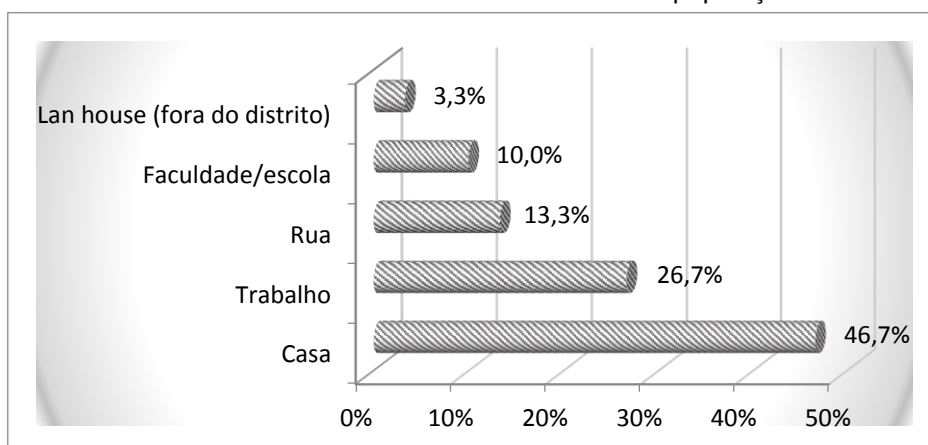
Gráfico 7. Equipamentos utilizados para conexão à Internet no distrito.



Fonte: Pesquisa de campo realizado pelo autor (2014).
Org.: CONEGLIAN, F. M.

A mobilidade no distrito não é muito eficaz devido aos problemas encontrados com o sinal de operadoras de telefone e provedoras de Internet que cobrem a região, dessa forma não é vantajoso para a população conectar-se na rua devido à fraca e instável conexão à Internet.

Observa-se, também, a constante conexão dentro de recintos fechados, como as casas e os locais de trabalho dos moradores (Gráfico 8), isso leva a pensar que o uso se dá onde os indivíduos se encontram “protegidos” em um ambiente confortável e especificamente preparados para a conexão, pois o acesso em pontos fixos (imóveis) é facilitado devido à qualidade dos serviços prestados na região.

Gráfico 8. Locais de conexão à Internet da população.

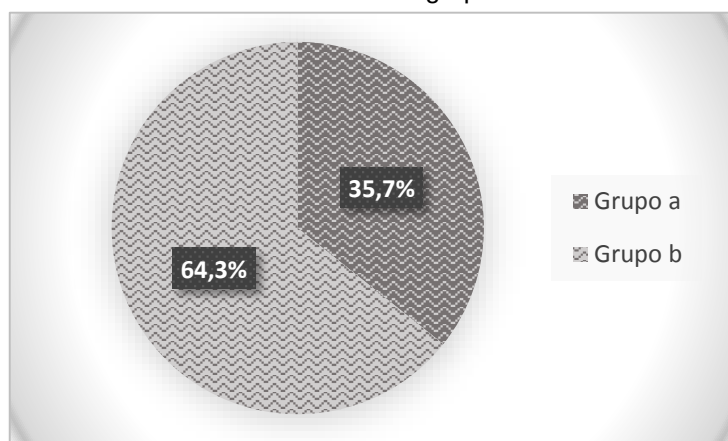
Fonte: Pesquisa de campo realizado pelo autor (2014).

Org.: CONEGLIAN, F. M.

Assim, percebemos que a falta de mobilidade existente no distrito se dá pela condição do sinal disposto para conexão à Internet, os aparelhos utilizados e os lugares de onde são realizadas as conexões são reflexo da qualidade do serviço prestado, se tornando, assim, estratégias da população. Portanto, a atual conjuntura de infraestrutura e de disposição de serviços relacionados à Internet impede, de certa forma, a expansão das experiências dos usuários nos domínios virtuais.

3.5 AS BARREIRAS PARA O USO DA INTERNET.

Pensando sobre o não uso da Internet do distrito, debruçamo-nos sobre os motivos do grupo *off-line* não ter acesso aos meios virtuais, ou seja, buscamos desvendar os motivos que levam os moradores a não efetivarem a utilização da Internet em suas vidas. Dessa forma, podemos separar o grupo desses indivíduos em dois: (a) um representado por aqueles que não utilizam e não o querem fazer e; (b) outro representado por aqueles que também não utilizam, mas gostariam de conectar-se (Gráfico 9).

Gráfico 9. Divisão do grupo off-line.

Fonte: Pesquisa de campo realizado pelo autor (2014).
Org.: CONEGLIAN, F. M.

3.5.1 As barreiras do Grupo a.

A Internet possui uma imagem bastante solidificada para quem não a utiliza diariamente, é vista como um obstáculo difícil de se superar e que pode trazer problemas aos que insistem em trazê-la ao cotidiano do distrito. Representando a velocidade, a agilidade e toda a efemeridade que existe no dia a dia dos habitantes do espaço urbano, a Internet passa a ser vista como algo distante dos moradores, algo que não possui necessidade de existência para o modo de vida do distrito.

De acordo com Williams (1989), o imaginário sobre o modo de vida rural carrega, dentre outras, a associação de ser um lugar de limitações e ignorância que, também, aparece na fala dos entrevistados quando consideram seus vizinhos e a si mesmos enquanto atrasados e brancos, isso tendo como ponto de referência o modo de vida urbano que leva a ideia de progresso e centralidade do saber e da comunicação.

São recorrentes as falas dos moradores apontando o quanto estão em descompasso com o mundo "fora" do distrito: "aqui são meio que atrasados (...) tudo continua a mesma coisa" (Entrevista, 2014)⁴¹, informações como esta apontam que os entrevistados possuem uma frequência de vida distinta da população urbana e que, de certa forma, a Internet seria um instrumento idealizado como um elemento do progresso urbano, porém não se encaixaria em um modo de vida mais lento, pautado numa cadência natural como o rural (BAGLI, 2010). Portanto, o distrito para

⁴¹ Informação fornecida por morador *off-line* ao autor durante entrevista na vila do distrito de Guaragi, 2014.

estes moradores se torna um refúgio e uma barreira para a Internet e para os perigos que ela carrega, ou seja, além dela representar um mundo afora a vivência cotidiana de Guaragi, o medo é também fator de distanciamento para essas pessoas.

Além do mundo virtual representar um ritmo de vida que não se adequa ao modo de vida rural, os moradores ainda são afligidos pela sua diminuta exposição ao ensino formal durante suas vidas, sendo assim o analfabetismo e a baixa escolaridade dos entrevistados são fatores que determinam seu afastamento voluntário de tecnologias em geral.

Como para acessar a Internet o mínimo exigido é a operação de computadores e celulares que permitem essa conexão, o próprio uso desses aparelhos se torna uma barreira difícil de transpor para esses indivíduos, pois é necessário o domínio básico da leitura para sua operacionalização.

Assim, existe a barreira imposta pelo baixo grau de escolaridade da população, pois é exigido tanto domínio do conhecimento intelectual dos equipamentos, quanto domínio de elementos específicos que exigem habilidades psicomotoras como, por exemplo, o controle do cursor através do mouse, a familiaridade com o teclado alfanumérico e a compreensão dos "caminhos" entre softwares diversos. Dessa forma, o analfabetismo digital torna-se um grande fator de exclusão em Guaragi.

3.5.2 Os obstáculos do Grupo b.

Para o acesso à Internet ser viável é preciso, de um lado a presença de infraestrutura que leve o sinal até o usuário, esses equipamentos são compostos de antenas, roteadores e servidores que distribuem sinais *wireless* para a conexão, existem empresas que são proprietárias desses equipamentos e vendem seu serviço aos interessados no uso dos mesmos, do outro lado, necessita-se do uso de equipamentos receptores deste sinal, estes de responsabilidade dos usuários, como computadores, *tablets* e celulares compatíveis para a captação e conexão à Internet.

Em Guaragi encontra-se problemas, de acordo com os entrevistados, nestes dois sistemas necessários para a conexão (a infraestrutura disponibilizada pelas empresas e nos equipamentos que os habitantes possuem) que se tornam obstáculos para quem deseja acessar o mundo virtual.

Primeiramente, a maior reclamação de quem tem dificuldades em acessar a Internet em Guaragi é com a qualidade do sinal fornecido pela única empresa que presta serviços de conexão via rádio no distrito, a Irati Telecomunicações. Tanto sinais de Internet quanto de telefonia móvel utilizam antenas de distribuição, a qualidade do serviço é variável de acordo com a potência dos equipamentos e da distribuição uniforme do sinal no espaço em que as antenas abrangem. Sendo assim, em Guaragi muitas localidades são pouco servidas deste sinal (tanto de telefonia móvel quanto de Internet), seja pela topografia da região ou pela potência insuficiente da distribuição para atender a demanda existente.

Essa dificuldade em ter acesso a serviços coloca os moradores, de certa forma, em uma situação de isolamento perante a cidade, Monte-Mór (2004) aponta que a representação do modo de vida rural é constantemente marcada pela ideia de isolamento, de distanciamento do urbano e da falta de acesso às modernidades, portanto, a dificuldade em ter o serviço de Internet no distrito contribui para a solidificação deste sentimento de descompasso e isolamento de um mundo diferente, o mundo urbano.

Analisando o outro foco problemático em acessar a Internet no distrito, os aparelhos eletrônicos dos moradores, nos deparamos com a situação de desigualdade econômica encontrada em Guaragi que, da mesma forma que é um fator excludente no espaço urbano, também se faz enquanto elemento definidor da exclusão digital no distrito. Sendo assim, segundo Santos (2000) a perversidade do processo de globalização, que atinge tanto o urbano quanto o rural de maneiras e intensidades diferentes, possui diversas faces, dentre estas está presente a polarização da riqueza e da pobreza nas sociedades, levando às desigualdades causadas pela sistemática promoção e exclusão decorrentes do modo de produção capitalista.

O acesso ao serviço de conexão à Internet demanda custos, tanto na compra de aparelhos receptores (celulares *smartphones*, microcomputadores, *notebooks* e *tablets*) que podem ser bastante altos, quanto na contratação dos serviços de conexão que necessitam despesas mensais, portanto, de acordo com a condição financeiras de parte dos moradores fica impossibilitada a manutenção do acesso ao mundo virtual, dessa forma devido ao alto custo do acesso à Internet, ela não está listada como prioridade para muitas famílias do distrito.

Assim, fica claro para estes entrevistados que o acesso à Internet em Guaragi é bastante baixo e existe o interesse de parte da população em conectar-se à ela, entretanto são elencados os impedimentos que geram essa exclusão no distrito:

- O preço elevado da conexão via rádio (*wireless*);
- O valor dos equipamentos necessários para poder se conectar e;
- A baixa qualidade do sinal (tanto de telefonia quanto de Internet) disponibilizado na região.

Assim, podemos concluir que o grupo *off-line* está dividido entre aqueles que veem a Internet como um empecilho para o modo de vida rural e aqueles que não conseguem transpor as barreiras econômicas ou intelectuais para usá-la. Essa percepção leva a acreditar que as novas tecnologias não chegam a todos os lugares nem estão à disposição de todos devido a barreiras culturais e econômicas. De um lado notamos a preocupação do mercado em expandir sua produção e influência em escala global através da propagação de produtos e ideologias, de outro, observamos a existência de espaços que não são totalmente abrangidos (estruturalmente e culturalmente) pelo processo de globalização, pois as tecnologias de informação não chegam a todos, fica evidente uma exclusão de pessoas e espaços (voluntária ou involuntariamente) que estão, de certa forma, à margem das lógicas e conjunturas globais.

3.6. A VIDA “REAL” E VIRTUAL DOS MORADORES.

Para compreendermos as relações da populações *on-line* com a Internet é necessário a análise sobre seus pensamentos acerca de suas relações fora do ambiente virtual e, também, do tempo disposto para a utilização da Internet em seu dia a dia.

A dualidade imaginada entre o virtual e o real como elementos opostos está evidente no imaginário de muitos entrevistados do grupo *on-line* e fica explícita em suas falas. Segundo Lévy (1996), com seu uso corrente foi sendo enraizada a palavra “realidade” como sinônimo de uma presença que seja tangível, ou seja, algo físico/material possui o mesmo sentido de realidade. Porém, o mundo virtual acessado pela Internet, mesmo sendo imaterial, não pode ser considerado antônimo à realidade, ele também é real, contudo é comumente utilizado erroneamente como oposto de real.

Os moradores que utilizam a Internet em seu dia a dia tentam deixar o mais claro possível que ela apenas ajuda em algumas tarefas, mas sempre suas prioridades giram em torno de sua vida e afazeres relacionados à vivência no distrito rural. Para dar essa clareza e ênfase, diversas associações são feitas para explicitar o que consideram como sendo sua "vida real", que consiste em atividades condicionadas pela lógica da vivência rural de Guaragi.

Assim sendo, há uma certa negação desse virtual que pode ser considerado uma afronta e até mesmo uma ameaça aos seus hábitos e costumes determinados e conduzidos pelas relações "tradicionais" dos moradores. Pode-se perceber que os entrevistados absorvem as tecnologias, mas ao mesmo tempo tentam preservar seu modo de vida rural, ou seja, os moradores convivem com a adaptação e a resistência às mudanças. O posicionamento desses moradores converge com a observação feita por Pretto (2008), onde com a intensificação da introdução de modernidades no campo, o modo de vida tradicional rural passa por processos que levam à sua preservação e à sua reelaboração.

Os moradores do grupo *on-line* ainda buscam criar uma delimitação entre o seu tipo de uso (considerado moderado e dispensável) e de um outro grupo que a utiliza de forma compulsiva e inconsequente, portanto, o esforço de distanciar-se do outro é mostrado pelas diferenças entre gerações ou pelo espaço onde vivem.

É recorrente em muitas entrevistas a diferenciação que se faz entre a relação com o virtual nas cidades e no distrito onde moram. Segundo eles, nos centros urbanos a Internet é melhor aproveitada em suas potencialidades, já no rural, devido a própria característica da população, ela tem uma função superficial em comparação ao caráter de essencialidade que ela possui nas cidades. Esse imaginário pode ser analisado através da reflexão de Marques (2002), onde o urbano é comumente representado como símbolo do desenvolvimento e do futuro, isso devido ao avanço do modo de produção capitalista primeiramente sobre a cidade, mancando-a com a ideia consequente de modernização.

A demarcação do outro também é feita entre as gerações, isso aparece em diversos momentos nas entrevistas: "(...) já sou da geração mais antiga, não sou tão dependente assim dela"⁴² e "Não, (...) eu não sou viciado"⁴³ são exemplos de que

⁴² Informação fornecida por morador *off-line* ao autor durante entrevista na vila do distrito de Guaragi, 2014.

está claramente delimitado os tipos de uso da Internet em seus imaginários de acordo com as faixas etárias.

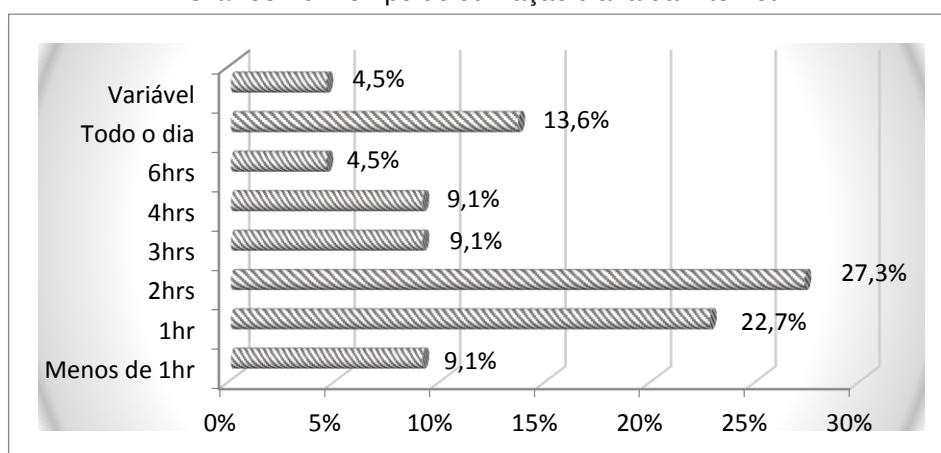
O vínculo maior com o ambiente virtual está associado à capacidade que os indivíduos mais jovens têm de dominar as tecnologias, de acordo com Schikmann (2001) e Tapscott (1998) para essa população jovem as tecnologias em geral não a intimida ou impressiona como nas gerações anteriores, ou seja, os indivíduos desta geração consideram os computadores e a Internet como sendo mais um aparelho doméstico. Neste momento é importante salientar que nem todos os jovens possuem a habilidade e a oportunidade de participar das relações virtuais devido à grande exclusão social e digital existente tanto nas cidades quanto no campo.

Dessa forma as características que marcam essa geração estão presentes nos imaginários dos entrevistados e associam o jovem como o indivíduo que cresceu com a expansão e o uso de equipamentos e informações digitais e se portam como “viciados” e “dependentes” dos elementos virtuais.

Portanto, existe a demarcação espacial e geracional que afasta o interlocutor e seu modo de uso da Internet dos outros indivíduos que a utilizam de forma intensiva, seja por residir nos centros urbanos ou por ser de uma geração que nasceu com as tecnologias digitais.

Outro ponto importante para a compreensão de quão intensa é a relação da população estudada com o ambiente virtual é a relação do tempo utilizado para a conexão com a Internet (Gráfico 10).

Gráfico 10. Tempo de utilização diária da Internet.



Fonte: Pesquisa de campo realizado pelo autor (2014).
Org.: CONEGLIAN, F. M.

⁴³ Informação fornecida por morador *off-line* ao autor durante entrevista na vila do distrito de Guaragi, 2014.

Cerca de 50% do grupo *on-line* utiliza a Internet por volta de 1 a 2 horas diárias. Dessa forma, evidenciamos que seu uso serve apenas para poucos objetivos e tarefas, sendo o maior tempo do dia reservado para atividades fora do mundo virtual, ou seja, a lógica de essencialidade e de manter-se continuamente conectado à Internet, como no imaginário acerca das tecnologias virtuais em escala global, não se aplica à vivência local dos moradores da vila de Guaragi.

Assim, consideramos que o modo de uso da Internet no distrito é condicionado pela cultura rural local, ou seja, são as singularidades do modo de vida dos moradores que molda o cotidiano do distrito, não sendo determinada rigidamente pela técnica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões sobre campo e cidade, bem como rural e urbano são recorrentes em diversas áreas do conhecimento científico e, assim, são balizadas de acordo com os interesses particulares de cada análise com aporte na realidade. Portanto, estes temas merecem ser discutidos e aprofundados constantemente devido às lógicas de mutabilidade espacial e temporal que permeiam as sociedades e influenciam nas reconfigurações constantes de espaços e grupos sociais.

Dessa forma, pensamos a materialidade do campo e da cidade e, também, os modos de vida rural e urbano, não como estáticos, mas em constante transformação. Não em forma de domínio de uma sobre a outra, mas em uma relação dialética, onde todos os envolvidos possuem um papel importante dentro dessa relação e, assim, fazem parte de um mesmo contexto e através das relações entre eles é que os espaços, as identidades, os cotidianos e os imaginários são construídos.

A característica da invariabilidade cultural tende a recair continuamente sobre o rural devido sua caracterização como tradicional, porém o modo de vida rural não é passivo, ou seja, são mutáveis, pois são capazes de incorporar valores e se reelaborar. As transformações ocorridas no rural não resultam na descaracterização do sistema sociocultural, já que as mudanças nos hábitos e costumes não ocorrem de maneira regular, mas sim, podem ocorrer segundo as vontades dos sujeitos.

Assim sendo, não devemos ver o rural como um produto de criação urbana, pois os indivíduos não se comportam apenas como espectadores das transformações, eles têm autonomia para protagonizar o seu modo de vida, assim, a população rural mantém suas “tradições” ao mesmo tempo em que reelaboram novas vivências através das próprias escolhas.

Compreendemos o rural e o urbano como modos de vida historicamente distintos onde os tempos e as relações são mediados de maneiras diferentes, por fatores e atividades que demandam distintas lógicas. Assim, não são extremos opostos, o rural e o urbano estão em constante relação dialética de trocas e interações que acumulam transformações nos dois polos.

As discussões acerca de ruralidades e urbanidades possibilitam pensar como os modos de vida são marcados por práticas sociais e representações singulares de distintos universos simbólicos e, ainda, como complementam a construção de

identidades dos indivíduos. Dessa forma, essa discussão permite pensar as ruralidades e urbanidades como possíveis de compartilhar os mesmos espaços, o campo e a cidade, nas práticas dos mesmos atores sociais, portanto são elementos que podem conviver sem, necessariamente, serem observados como meios antagônicos.

Os espaços e modos de vida estão em constante interação devido à dinâmica atual, onde o processo de globalização, através de novas tecnologias, contribuiu para ultrapassar as barreiras referentes às distancias geográficas e ao tempo. As tecnologias de informação são apropriadas pelo mercado para que os interesses globais (através de conglomerados administrativos, financeiros, etc.) possam ser articulados em escala global.

Assim, a mídia é considerada um forte aliado na disseminação das ideologias que envolvem as distintas instâncias de modelos mundializados, é utilizada como um instrumento a serviço da renovação contínua do modo de produção capitalista. Porém, devemos pensar que este processo de imposição ideológica não se dá de forma direta, pois as mensagens midiáticas são filtradas, reelaboradas, negadas e aceitas de diferentes formas a partir do repertório cultural dos receptores.

Existem espaços que não são totalmente acolhidos (estruturalmente e culturalmente) neste processo de globalização, pois as tecnologias de informação não chegam a todos, pois existe a exclusão de pessoas e espaços que estão de certa forma, à margem das lógicas e conjunturas globais.

Dentro das tecnologias de informação, a Internet é estabelecida como uma influente ferramenta que facilita e promove a comunicação em escala global entre pessoas e instituições. Através dela, a rede global de produção e comércio são fortalecidos devido à aplicação de tecnologias voltadas para sustentar processos produtivos e transações de bens e serviços.

Dessa forma, o modelo de produção capitalista é acelerado e ganha proporções planetárias e temporalidade imediata devido a geração e propagação de informações em grande quantidade e de forma rápida. Mesmo a Internet não ter sido originariamente vinculada à busca de acumulação, tem-se, conseqüentemente, a rede de interconexão mundial de computadores como símbolo dos avanços técnicos nas telecomunicações e na informática e, junto com a informação transmitida são comunicadas as ideologias que reproduzem as dinâmicas sociais de acumulação e rotação do capital.

A intensificação e a dinamização na relação entre o campo e a cidade podem resultar em alterações na estrutura da identidade do sujeito rural. Novos bens de consumo e serviços que representam simbolicamente o espaço urbano chegam ao campo, causando a reestruturação dos hábitos e da vivência dos sujeitos. No entanto, apesar de que o espaço urbano exerça um encantamento sobre os moradores do rural, existem elementos simbólicos característicos do espaço rural que são mantidos não apenas na memória como também no cotidiano dos moradores do campo. Apesar de Guaragi possuir diversas modernidades, dentre elas a Internet, e ser por elas influenciado ainda preserva suas especificidades, na maneira de viver, no trabalho e na paisagem do campo.

Pensando sobre a Internet, observamo-la não como uma ferramenta determinante, mas como condicionante, pois está em conjunto com outras estruturas sociais e as formas de uso da técnica são produzidas dentro de culturas específicas. Sendo assim, a técnica não tem juízo de valor predeterminado, esse fator depende do uso que se faz dela e o uso é condicionado pela cultura. Assim, consideramos que o modo de uso da Internet na vila do distrito de Guaragi é condicionado pela cultura rural local, ou seja, são as singularidades do modo de vida dos moradores que molda o cotidiano do distrito, não sendo determinada rigidamente pela técnica.

Pode-se perceber que o grupo estudado absorve as tecnologias, mas ao mesmo tempo tenta preservar seu modo de vida rural, ou seja, os moradores convivem com a adaptação e a resistência às mudanças. Portanto, mesmo que com o processo de globalização, o campo seja invadido por uma carga de elementos simbólicos característicos do espaço urbano, suas especificidades são preservadas junto à memória coletiva e individual e pela manutenção e preservação de um conjunto de significados peculiares desse espaço. Os sujeitos rurais compartilham uma série de similaridades culturais e históricas que estruturam o cotidiano e tornam o grupo coeso, diferenciando-o de outros grupos pelas suas características culturais.

Neste sentido, tanto o grupo *on-line* como o *off-line*, apesar de possuírem olhares distintos sobre o impacto do uso da Internet em seu espaço, guardam características comuns em suas vivências demarcadas por lógicas rurais.

Além disso, devem-se estender, também, as observações acerca das representações sociais construídas sobre os indivíduos rurais, pois elas estão fortemente presentes e enraizadas no imaginário popular. Pode-se tomar como exemplo, a própria vivência do pesquisador deste trabalho, estigmatizado por uma

infância repleta de representações construídas pelo “Chico Bento”, esperava encontrar em Guaragi uma população afastada das lógicas virtuais (semelhantes ao grupo *off-line*), porém contradito logo na primeira entrevista por um senhor composto por todas as características imagéticas de um indivíduo rural (chapéu, enxada, bota, etc.), entretanto com um largo conhecimento das práticas e caminhos do mundo virtual, representando um grupo coeso e grande de navegadores virtuais rurais.

Por fim, podemos observar o interesse da população, tanto os usuários da Internet como os distantes, em conectar-se com o mundo afora do espaço do distrito, seja através do acesso a informações e conteúdos em escala global, seja pelo interesse de se comunicar com familiares e amigos residentes das cidades próximas.

Este trabalho não tem por objetivo encerrar-se em si, diversas são as possibilidades para a continuação de pesquisas sobre os temas discutidos aqui, além de que, sendo uma pesquisa arcada pelo tempo, a mutabilidade de informações e lógicas espaciais é constante. Portanto, as pesquisas sobre os assuntos estudados neste trabalho devem ocorrer amplamente e constantemente para acompanhar as dúvidas e aspirações que surgem e movem as ciências.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.
- ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista**. 3. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ARRUDA, A. O Ambiente Natural e seus habitantes no imaginário brasileiro. In: **Representando a Alteridade**. Arruda. A. (org.).Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Conhecimento, informação e tecnologia. In: **Comunicação & Educação**. São Paulo: USP/Editora Moderna/Communication Research Trends. Ano IV, número 11. 1998.
- BAGLI, Priscila. Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Org.). **Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- BARBERO, Jesus Martin. **Dos Meios às Mediações**. Editora UFRJ, RJ. 2003.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. **Mentes que brilham: cérebro** 2.0. DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação - v.10 n.1 fev/2009.
- BARRETO, Vanessa Marques. **As especificidades do processo de formação histórico-geográfico do Distrito de Guaragi – Ponta Grossa (PR)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia – Gestão do Território), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa – PR.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BIAZZO, Pedro Paulo. **Campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em Geografia agrária**. In: 4º Encontro Nacional de Grupos de Pesquisa – ENGRUP, 132-150, São Paulo. 2008
- BORTOLOTTI, R. G. **Pressupostos para a abordagem semiótica da imagem religiosa**. 2011. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/12%20Bortolotti.pdf>>. Acesso em 30 de junho de 2014.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua: **YouTube e a Revolução Digital: Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009.
- CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa; CORRÊA, Walquíria Kruger. Ruralidades, urbanidades e a tecnicização do rural no contexto do debate cidade-campo. In: **Campo-território: revista de geografia agrária**, v. 3, n.5, p. 214-242. 2008.
- CARDOSO, Gustavo. **A mídia na sociedade em rede: filtros, vitrines, notícias**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. V. 1, 10ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Ed. 2. Lisboa: Difel, 1990.

COSTA, Regina H. M. R.; LANGENBUCH, Juergen Richard. Safras-Picos e Transferência de capital e iniciativas entre campo e cidade: Análise em cinco municípios Paulistas, p.7-13. In.: GERARDI, L. H. de O. (org.) **Ambientes estudados de geografia**. AGETEO, UNESP, Rio Claro, 2003.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. **Cidade e Campo: Relações e Contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

FAJARDO, Sergio. **Territorialidades corporativas no rural paranaense**. Guarapuava: Unicentro, 2008.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HOBBSBAWM, Eric J. **A era do capital: 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 3 ed. 1982.

JODELET, Denise. Representações Sociais: Um domínio em expansão. In: _____ (Org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

KRÜGER, Fernando Luiz; CRUZ, Dulce Márcia. **Jogos (virtuais) de simulação da vida (real): o The Sims e a geração Y**. Ciberlegenda (UFF), v. 9, p. 1-19, 2007.

LASTRES, Helena Maria Martins. FERRAZ, João Carlos. Economia da informação, do conhecimento e do aprendizado. In: LASTRES, Helena M. M; ALBAGLI, Sarita (org.) **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à cidade**. São Paulo: Documentos, 1969.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. **Tempo contra tempo, ou a sociedade hipermoderna**. In: Os tempos Hipermodernos. (pp. 51-103). SP: Barcarolla, 2004.

MARAFON, Glaucio José. Territorialidades, ruralidades e as relações campo-cidade. In: **Campo-território: revista de geografia agrária**. Edição especial do XXI ENGA-2012, p. 1-13. 2014

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **O conceito de espaço rural em questão**. São Paulo: Terra Livre, ano 18, n. 19. P. 95-112. 2002.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. Ed. Cultrix, São Paulo, 1964.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MOLAR, Jonathan de Oliveira. **Sou “caipira pira porá...”**: representações sobre o caboclo, do parasita da terra a paradigma da realidade nacional (1889-1945). In: Anais II Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 587-597. Londrina. 2009.

MONASTIRSKY, Leonel Brizolla, et al. **A “escala esquecida”**: modernização e políticas públicas nos distritos municipais. Temas & Matizes, v. 8, p.8-23. 2009.

MONTE-MÓR, Luís Roberto. **A relação Urbano-Rural no Brasil Contemporâneo**. In: II Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional, Santa Cruz do Sul, RS. 2004.

MONTES, Silma Rabelo. **ENTRE O CAMPO E A CIDADE**: As territorialidades do distrito de Tapuira (Uberlândia – MG) – 1975 a 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia – MG, 2006.

MORAES, Denis. O capital da mídia na lógica da globalização. In: Moraes, Dênis (org). **Por uma outra comunicação**. Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro, Record, p. 187-216. 2003.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: companhia das letras, 1995.

NUNES, Carla Cristina.; PINTO, Vicente. Paulo dos Santos. **Campo, cidade, urbano e rural**: categorias e representações. In: Anais IV Simpósio Internacional de Geografia Agrária e V Simpósio Nacional de Geografia Agrária. Rio de Janeiro. 2009.

PASSOS, Carlos Artur Krüger. Novos modelos de gestão e as informações. In: LASTRES, Helena M. M; ALBAGLI, Sarita (org.) **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PATRÍCIO, Maria Raquel; GONÇALVES, Vítor. **Facebook**: rede social educativa? In: I Encontro Internacional TIC e Educação. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. 2010.

PETRACIOLI, Fernando. **Do antigo – mas às vezes necessário – acesso por linha discada às redes 3G**. In: PCWorld: seu consultor para a tecnologia digital. 2008. Disponível em www.pcworld.com.br, acessado em fevereiro de 2015.

PIRES, Hindenburgo Francisco. **Estruturas virtuais de acumulação e cibercidades**: das estruturas territoriais às estruturas virtuais de acumulação. Geo Crítica / Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, vol. VIII, núm. 170(59), Agosto, 2004.

PRETTO, Fabelis Manfron; MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. **Reflexões sobre os conflitos entre a manutenção da cultura local rural e o anseio por**

“modernidades” na vila do distrito de Guaragi, em Ponta Grossa – PR. Terr@plural, v.7, n.2, p.305-322, 2013.

_____. **O (re)conhecimento do patrimônio cultural rural:** as vivências dos moradores do Distrito de Guaragi, Ponta Grossa (PR). 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia – Gestão do Território), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa – PR.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Do rural e do urbano no Brasil In: SZMRECSÁNYI, Tamás; QUEDA, Oriowaldo. (Org.) **Vida rural e mudança social.** São Paulo: Editora Nacional, 1979.

RHEINGOLD, Howard. **The virtual community**, reading, MA: Addison-wesley. 1993.

ROCHA, Márcio Mendes. A relação cidade/campo no contexto de uma sociedade global: alguns limites e horizontes. In: **Temas & Matizes**, Cascavel, v. 9, n. 16, p. 39-46, jul./dez. 2009.

RUA, João. Urbanidades e novas ruralidades no estado do rio de Janeiro: Algumas considerações teóricas. In: MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Marta Foeppel (orgs) **Estudos de Geografia Fluminense.** Rio de Janeiro: Infobook, 2002.

_____. **A resignificação do rural e as relações cidade-campo:** uma contribuição geográfica. Revista da ANPEGE, Fortaleza, n. 2, ano 2, p. 45-66, 45-66, 2005.

_____. As crises vividas pelo estado do Rio de Janeiro e a emergência de novas territorialidades em áreas rurais. In: **Abordagens teórico-metodológicas em Geografia Agrária.** Rio de Janeiro:EDUERJ, 2007, p. 271-198.

SANTOS, Milton. O tempo nas cidades. In: **Estudos sobre o tempo: O tempo na Filosofia e na História.** AUGUSTO. Maria Helena Oliva. São Paulo: IEA/USP, 1989.

_____. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Por uma geografia nova.** São Paulo: Edusp, 2002.

_____. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Técnica, espaço e tempo:** globalização e meio técnico-científico informacional. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

COIMBRA, Rosângela Gamba C. de; SCHIKMANN, Rosane. **A Geração Net.** In: Encontro nacional da associação nacional dos programas de pós-graduação em administração, 25, 2001. Anais... Campinas: Anpad, 2001.

SILVA, Carlos Alberto F. da; TANCMAN, Michéle. **A dimensão socioespacial do ciberespaço:** uma nota. Revista GEOgraphia, ano 1. n 2. 55-66. 1999.

SILVA, Aldemir Nicolau da. **Comunicação & Nova Mídia**: as mudanças geradas pela internet no cotidiano dos jovens em João Pessoa. VIII Conhecimento em Debate, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – UFPB. 2008.

SOBARZO, Oscar. O rural e o urbano em Henri Lefebvre. In: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Org.). **Cidade e Campo**: Relações e Contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SOUZA, Maurício de. **Almanaque Temático Chico Bento**: A Roça e a Cidade. São Paulo: Panini Comics, n. 19. 2011.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Org.). **Cidade e Campo**: relações e contradições entre urbano e rural. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

TANCMAN, Michéle. **A territorialidade do ciberespaço**. 2004. Disponível em: <http://www.tamandare.g12.br/ciber/territoriovirtual.pdf>. Acessado em outubro de 2010.

TAPSCOTT, Don. **Geração Digital**, do original "Growing Up Digital: The Rise of the Net Generation" McGraw-Hill, 1998.

TIGRE, Paulo Bastos. Comércio eletrônico e globalização: desafios para o Brasil. In: LASTRES, Helena M. M; ALBAGLI, Sarita (org.) **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias**: O Brasil é menos urbano do que se calcula. Autores Associados, Campinas – São Paulo, 2002.

VILLA VERDE, Valéria. **Territórios, ruralidade e desenvolvimento**. Curitiba: IPARDES, 2004.

_____. **Ruralidade, agricultura familiar e desenvolvimento**. Curitiba: IPARDES, 2010.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A ruralidade no Brasil moderno. Por um Pacto Social pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACCA, N. (Org.). **Una nueva ruralidad en América Latina?** Buenos Aires, p. 31 – 44: 2001.

WERTHEIM, Margaret. **Uma história do espaço de Dante à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

_____. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

APÊNDICE A – Tópico guia para coleta de dados para o Grupo *on-line*

As aplicações dos questionários aos moradores do distrito que utilizam a Internet aconteceram entre os meses de julho e dezembro de 2014. O número de moradores entrevistadas do grupo *on-line* foi de 22 pessoas, já do grupo *off-line* foram 14 entrevistados.

Foi realizada uma pré-entrevista para verificar a disposição do entrevistado em falar sobre o tema e para estabelecer sua adequação ao grupo estudado *on-line* ou *off-line* para, assim, iniciar a aplicação do questionário.

A entrevista buscou considerar aspectos específicos também em relação aos gêneros, faixa etária e escolaridade dos entrevistados. Sendo uma pesquisa qualitativa, foi definido o ponto de saturação para todas as questões da entrevista.

Informação contextual sobre entrevista e entrevistado

Data da entrevista:	Lugar da entrevista:
Duração da entrevista:	Ano de nascimento:
Nome:	Local de nascimento:
Profissão:	Tempo de residência no distrito:
Escolaridade:	

Pré-entrevista

Você conhece a Internet

Sim, usa ou não.

Não

TÓPICO GUIA (para respostas afirmativas)

Você usa a Internet?

Sim

- 1) O que pensa sobre a Internet.
- 2) Sobre a utilização da Internet
 - a) Equipamentos
 - Qual tipo de conexão. Encontra algum problema.
 - Qual aparelho.
 - b) Forma de uso
 - Qual o lugar (casa, escola, rua...).
 - Quanto tempo usa no dia.
 - c) Uso
 - O que você mais gosta de acessar.
 - Além disso, o que mais acessa.
 - Usa algum serviço (compras, bancos, email, etc). Teve problemas?
- 3) Acha importante a Internet nos dias de hoje.
 - Para todos, para o mundo;
 - Para o Distrito, atividades rurais/profissionais
 - Pra você.
- 4) O que acha de quem não usa Internet.
- 5) Você já deixou de fazer (ou dar importância) alguma coisa local (rural) por causa do uso da Internet.

APÊNDICE B – Tópico guia para coleta de dados para o Grupo *off-line*

Informação contextual sobre entrevista e entrevistado

Data da entrevista:	Lugar da entrevista:
Duração da entrevista:	Ano de nascimento:
Nome:	Local de nascimento:
Profissão:	Tempo de residência no distrito:
Escolaridade:	

Você conhece a Internet

Sim, usa ou não.

Não

TÓPICO GUIA (para respostas afirmativas)

Você usa a Internet?

Não

- 1) O que pensa sobre a Internet.
- 2) Conhece alguém que usa (família, vizinhos, etc)
- 3) O que acha de quem usa a Internet.
- 4) Tem vontade de utilizá-la
 - Não (por quê?)
 - Sim (o que a impede?)
- 5) Acha importante a Internet nos dias de hoje
 - Para todos, para o mundo;
 - Para o distrito, atividades rurais/profissionais;

**APÊNDICE C – Modelo de sistematização de dados coletados em entrevistas
do Grupo *on-line***

Informação contextual sobre entrevista e entrevistado

Data da entrevista: 03/06/2014 Lugar da entrevista: Escola - Guaragi
 Duração da entrevista: 11 min Ano de nascimento: 1984 (30 anos)
 Nome: Lilian Antoniacomi Melo Local de nascimento: Ponta Grossa
 Profissão: Professora Tempo de residência no distrito: 29
 anos
 Escolaridade: Pós-graduação

Pré-entrevista
 Você conhece a Internet.

Sim, usa ou não.
 Não

TÓPICO GUIA (para respostas afirmativas)

Você usa a Internet?
Sim

1) O que pensa sobre a Internet.

Um ótimo meio de comunicação para interação com pessoas que estão longe, para pesquisas que auxiliam para o aumento do conhecimento. Aponta para a velocidade que a Internet proporciona a informação.

2) Sobre a utilização da Internet

a) Equipamentos

- Qual tipo de conexão. Encontra algum problema.

Usa a Internet via rádio, já tentou usar conexão 3G pelo celular, mas pela dificuldade de alcançar bom sinal através do celular acabou não usando mais esse tipo de conexão.

- Qual aparelho.

Utiliza notebook e tablet.

b) Forma de uso

- Qual o lugar (casa, escola, rua...).

Conecta-se em casa, porém já usou no trabalho, mas como o sinal na escola é ruim deixou de usar, gostaria que o acesso no local de trabalho fosse eficiente para auxiliar em seu trabalho.

- Quanto tempo usa no dia.

Utiliza cerca de 1 hora por dia.

c) Uso

- O que você mais gosta de acessar.

Seu primeiro acesso é sempre seu e-mail, pois como faz curso on-line precisa sempre se contatar por e-mail.

- Além disso, o que mais acessa.

Utiliza redes sociais (Facebook) para interação com amigos e faz pesquisas para criar conteúdos para suas aulas.

- Usa algum serviço (compras, bancos, email, etc). Teve problemas?

Nunca fez compra pela Internet pois tem insegurança em utilizar estes serviços, utiliza apenas consultas bancárias pela Internet mas nunca faz movimentações financeira virtuais.

3) Acha importante a Internet nos dias de hoje.

- Pra todos, para o mundo;

Destaca pontos positivos e negativos do uso da Internet, como positivo cita a velocidade do acesso à informação e da contribuição para a educação, um ponto negativo da Internet é a quantidade de informação que não é verídica, também cita a exposição pessoal nas redes sociais.

- Para o Distrito, atividades rurais/profissionais

O uso da Internet no Distrito melhorou a qualidade da educação, onde os professores podem levar conteúdos diferentes para as salas de aula. Porém existem muitas pessoas que não têm acesso no Distrito. Muita gente só tem como fonte de informação a televisão, a Internet possibilita leituras e pontos de vistas diferentes.

- Pra você.

Para o uso pessoal a maior importância da Internet é manter contato e poder se comunicar com pessoas que estão longe, para manter vínculos, porém muitas vezes o contato pessoal com quem está perto fica menos constantes.

4) O que acha de quem não usa Internet.

Se a pessoa não tem acesso e não procura outras fontes de informação ela está sendo muito prejudicada. Porém pessoas que utilizam seu tempo de outras formas e que sejam produtivas, o uso da Internet pode não fazer falta. O problema maior é quem quer ter acesso mas não consegue, como no caso da maioria dos moradores do Distrito

5) Você já deixou de fazer (ou dar importância) alguma coisa local (rural) por causa do uso da Internet.

“Não, eu faço muitas mais outras coisas” do que ficar na Internet, procura fazer atividades manuais e musicais (bordado, coral, violão...).

**APÊNDICE D – Modelo de sistematização de dados coletados em entrevistas
do Grupo *off-line***

Informação contextual sobre entrevista e entrevistado

Data da entrevista: 15/07/2014 **Lugar da entrevista:** Casa
Duração da entrevista: 06 min **Ano de nascimento:** 1973 (41 anos)
Nome: Luciana Ferreira de Souza **Local de nascimento:** Ponta Grossa
Profissão: Do lar **Tempo de residência no distrito:** 41 anos
Escolaridade: Ensino médio completo

Pré-entrevista

Você conhece a Internet.

Sim, usa ou não.

Não

TÓPICO GUIA (para respostas afirmativas)

Você usa a Internet?

Não

1) O que pensa sobre a Internet.

Associa a Internet enquanto uma evolução (tecnológica).

2) Conhece alguém que usa (família, vizinhos, etc)

Tem familiares que utilizam a Internet diariamente.

3) O que acha de quem usa a Internet.

Dependendo do uso da Internet pode ser perigoso, para cometer crimes etc, mas também fala dos benefícios que ela pode trazer para a educação, auxiliando na escola e em pesquisas.

4) Tem vontade de utilizá-la

- Não (por quê?)

Não tem vontade mesmo tendo curso de computação, pois tem medo de usar a Internet. Acredita que qualquer descuido que possa ter usando pode ser perigoso. “Eu falo pra minha menina: não vai muito longe com isso aí (Internet), isso aí é perigoso”.

5) Acha importante a Internet nos dias de hoje

- Pra todos, para o mundo;

O uso da Internet para quem trabalha e estuda é muito importante atualmente.

- Para o distrito, atividades rurais/profissionais;

“A gente foi criado sem isso, porque antes as pessoas se divertiam mais, hoje não, elas têm Internet e ficam mais fechados”.

**APÊNDICE E – Modelo de sistematização de dados analisados em apêndices
(questão aplicada ao grupo off-line que não possui vontade em utilizar a
Internet)**

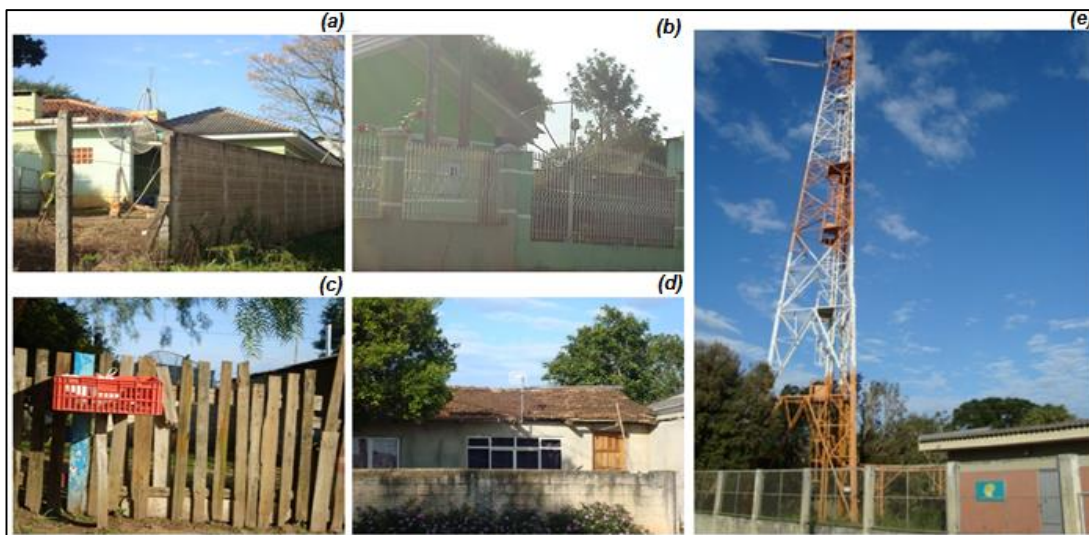
Este modelo de sistematização de dados nos permitiu analisar desde a fala individual de cada entrevistado (primeira coluna), passando para uma conjuntura grupal (segunda coluna) levando em consideração os aspectos de aproximação dos elementos apresentados entre os entrevistados, até chegarmos à uma análise mais complexa (terceira coluna) que, mantendo o olhar sobre os dados individuais e coletivos, nos possibilitou a inserção de elementos bibliográficos que ajudavam, de certa forma a entendermos e contextualizarmos os elementos das outras colunas.

Tem vontade de utilizá-la?		
Não (por quê?)		
Não tem vontade, pois acredita que teria muitas dificuldades em usar computadores.	A falta de escolaridade dos moradores do distrito como um fator desestimulante é um ponto bastante relevante e ressaltado pelos entrevistados que não usam a Internet e não pretendem usá-la. O pouco acesso à educação em suas vidas dificulta seu contato ao elemento básico para conexão, o computador. Pois operá-lo necessita o domínio da leitura primeiramente, partindo para elementos específicos de sua operacionalização que exigem habilidades psicomotoras como, por exemplo, o controle do cursor através do mouse, a familiaridade com o teclado alfanumérico e a compreensão dos "caminhos" entre softwares diversos.	A Internet possui uma imagem bastante solidificada para quem não a utiliza diariamente, é vista como um obstáculo difícil de se superar e que pode trazer problemas aos que insistem em trazê-la ao cotidiano do distrito. Representando a velocidade, a agilidade e toda a efemeridade que existe no dia-a-dia dos habitantes do espaço urbano, a Internet passa a ser vista como algo distante dos moradores, algo que não possui necessidade de existência para o modo de vida do distrito. De acordo com Williams (1989) o imaginário sobre o modo de vida rural carrega, dentre outras, a associação de ser um lugar de limitações e ignorância que, também, aparece na fala dos entrevistados quando consideram seus vizinhos e a si mesmos enquanto atrasados e toscos, isso tendo como ponto de referência o modo de vida urbano que leva a ideia de progresso e centralidade do saber e da comunicação (WILLIAMS, 1989). São recorrentes as falas dos moradores apontando o quanto estão em descompasso com o mundo "fora" do distrito: "aqui são
Não tem vontade devido seu pouco tempo de estudo e à sua dificuldade de utilizar computadores.		

Não tem vontade, principalmente devido ao seu pouco acesso aos estudos (analfabeta), o que dificultaria o contato com computadores.		meio que atrasados (...) tudo continua a mesma coisa" (entrevista, 2014), informações como esta apontam que os entrevistados possuem uma frequência de vida distinta da população urbana e que, de certa forma, a Internet seria um instrumento idealizado como um elemento do progresso urbano, porém não se encaixaria em um modo de vida mais lento, pautado numa cadência natural como o rural (BAGLI, 2010), portanto o distrito para estes moradores se torna um refúgio e uma barreira para a Internet e para os perigos que ela carrega, ou seja, além dela representar um mundo afora a vivência cotidiana de Guaragi, o medo é também fator de distanciamento para essas pessoas. Além do mundo virtual representar um ritmo de vida que não se adequa ao modo de vida rural, os moradores ainda são afligidos pela sua diminuta exposição ao ensino formal durante suas vidas, sendo assim o analfabetismo e a baixa escolaridade dos entrevistados são fatores que determinam seu afastamento voluntário de tecnologias em geral.
Não tem vontade mesmo tendo curso de computação, pois tem medo de usar a Internet. Acredita que qualquer descuido que possa ter usando pode ser perigoso. "Eu falo pra minha menina: não vai muito longe com isso aí (Internet), isso aí é perigoso".	Para quem possui o conhecimento básico para operar computadores e, assim, acessar a Internet, o que os impede é a imagem negativa que estes possuem do seu uso. O ideário de alguns entrevistados gira em torno do alto grau de periculosidade ao qual o indivíduo fica exposto quando está conectado, portanto entre estas pessoas e o uso da Internet está solidamente erigido o obstáculo do medo.	Como para acessar a Internet o mínimo exigido é a operação de computadores e celulares que permitem essa conexão, o próprio uso desses aparelhos se torna uma barreira intransponível para esses indivíduos, pois é necessário o domínio básico da leitura para sua operacionalização. Dessa forma o analfabetismo digital torna-se um grande fator de exclusão em Guaragi.
Não possui vontade em usar a Internet e não sabe o motivo por não querer mesmo com os incentivos de seus filhos.	<u>"Eu falo pra minha menina: não vai muito longe com isso aí (Internet), isso aí é perigoso".</u>	

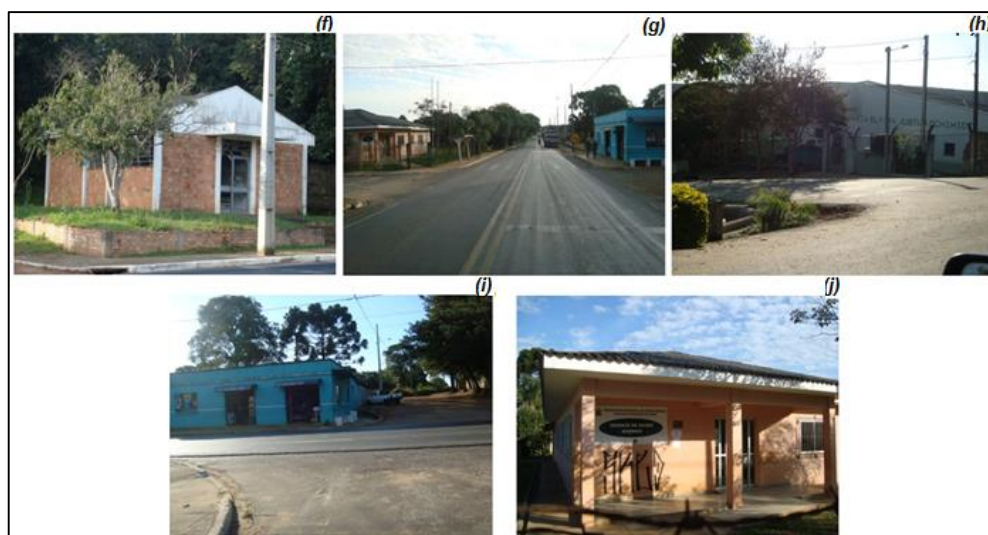
**APÊNDICE F – Fotografias das representações de urbanidades no distrito de
Guaragi.**

Fotografias referentes ao acesso às tecnologias de informação no distrito de Guaragi. Estão presentes na vila do distrito principalmente as captações de sinal de TV por parabólicas (a, b e c), porém encontramos também antenas de captação de sinal de Internet via rádio, *wi-fi* (d), além da antena distribuidora de sinais de telefonia (e).



Fonte: CONEGLIAN, F. M. (2015).

No distrito de Guaragi é encontrada infra-estrutura caracterizada como urbana pelo IBGE, como asfalto (g), luz elétrica e telefone, módulo policial (f), posto de saúde (j), escola de ensino fundamental (h) e médio e, também, comércio em geral (i) para abastecer a vila e o interior do distrito.



Fonte: CONEGLIAN, F. M. (2015).

Estão localizados na vila do distrito diversos templos religiosos cristãos, dentre eles uma Igreja Católica (l) e uma Igreja Protestante (k) apresentadas nas fotografias a seguir.



Fonte: CONEGLIAN, F. M. (2015).

Existe uma linha de transporte coletivo que passa dentro da vila do distrito ligado ao terminal do bairro de Oficinas no centro urbano do município de Ponta Grossa.



Fonte: CONEGLIAN, F. M. (2015).

Durante a pesquisa de campo nos deparamos com uma imagem icônica sobre a utilização de tecnologias no rural. Um jovem utiliza seu celular recostado em uma árvore sobre um muro, esta imagem representa os meios tecnológicos não como determinantes dos modos de vida, mas sim como parte de um conjunto das estruturas sociais, ou seja, seus usos são condicionados pela cultura local.



Fonte: CONEGLIAN, F. M. (2015).

ANEXO A



DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO

República Federativa do Brasil - Imprensa Nacional

Em circulação desde 1º de outubro de 1862

Ano CXLIX Nº 51-A

Brasília - DF, sexta-feira, 15 de março de 2013



Sumário

PÁGINA

Seção 1

Atos do Poder Executivo.....	1
Presidência da República.....	3

Seção 2

Atos do Poder Executivo.....	3
Presidência da República.....	3

Seção 1

Atos do Poder Executivo

DECRETO Nº 7.962, DE 15 DE MARÇO DE 2013

Regulamenta a Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, para dispor sobre a contratação no comércio eletrônico.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, caput, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto na Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990,

D E C R E T A :

Art. 1º Este Decreto regulamenta a Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, para dispor sobre a contratação no comércio eletrônico, abrangendo os seguintes aspectos:

- I - informações claras a respeito do produto, serviço e do fornecedor;
- II - atendimento facilitado ao consumidor; e
- III - respeito ao direito de arrependimento.

Art. 2º Os sites eletrônicos ou demais meios eletrônicos utilizados para oferta ou conclusão de contrato de consumo devem disponibilizar, em local de destaque e de fácil visualização, as seguintes informações:

I - nome empresarial e número de inscrição do fornecedor, quando houver, no Cadastro Nacional de Pessoas Físicas ou no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas do Ministério da Fazenda;

II - endereço físico e eletrônico, e demais informações necessárias para sua localização e contato;

III - características essenciais do produto ou do serviço, incluindo os riscos à saúde e à segurança dos consumidores;

IV - discriminação, no preço, de quaisquer despesas adicionais ou acessórias, tais como as de entrega ou seguros;

V - condições integrais da oferta, incluídas modalidades de pagamento, disponibilidade, forma e prazo da execução do serviço ou da entrega ou disponibilização do produto; e

VI - informações claras e ostensivas a respeito de quaisquer restrições à fruição da oferta.

Art. 3º Os sites eletrônicos ou demais meios eletrônicos utilizados para ofertas de compras coletivas ou modalidades análogas de contratação deverão conter, além das informações previstas no art. 2º, as seguintes:

I - quantidade mínima de consumidores para a efetivação do contrato;

II - prazo para utilização da oferta pelo consumidor; e

III - identificação do fornecedor responsável pelo site eletrônico e do fornecedor do produto ou serviço ofertado, nos termos dos incisos I e II do art. 2º.

Art. 4º Para garantir o atendimento facilitado ao consumidor no comércio eletrônico, o fornecedor deverá:

I - apresentar sumário do contrato antes da contratação, com as informações necessárias ao pleno exercício do direito de escolha do consumidor, enfatizadas as cláusulas que limitem direitos;

II - fornecer ferramentas eficazes ao consumidor para identificação e correção imediata de erros ocorridos nas etapas anteriores à finalização da contratação;

III - confirmar imediatamente o recebimento da aceitação da oferta;

IV - disponibilizar o contrato ao consumidor em meio que permita sua conservação e reprodução, imediatamente após a contratação;

V - manter serviço adequado e eficaz de atendimento em meio eletrônico, que possibilite ao consumidor a resolução de demandas referentes a informação, dúvida, reclamação, suspensão ou cancelamento do contrato;

VI - confirmar imediatamente o recebimento das demandas do consumidor referidas no inciso, pelo mesmo meio empregado pelo consumidor; e

VII - utilizar mecanismos de segurança eficazes para pagamento e para tratamento de dados do consumidor.

Parágrafo único. A manifestação do fornecedor às demandas previstas no inciso V do caput será encaminhada em até cinco dias ao consumidor.

Art. 5º O fornecedor deve informar, de forma clara e ostensiva, os meios adequados e eficazes para o exercício do direito de arrependimento pelo consumidor.

§ 1º O consumidor poderá exercer seu direito de arrependimento pela mesma ferramenta utilizada para a contratação, sem prejuízo de outros meios disponibilizados.

§ 2º O exercício do direito de arrependimento implica a rescisão dos contratos acessórios, sem qualquer ônus para o consumidor.

§ 3º O exercício do direito de arrependimento será comunicado imediatamente pelo fornecedor à instituição financeira ou à administradora do cartão de crédito ou similar, para que:

I - a transação não seja lançada na fatura do consumidor; ou

II - seja efetivado o estorno do valor, caso o lançamento na fatura já tenha sido realizado.

§ 4º O fornecedor deve enviar ao consumidor confirmação imediata do recebimento da manifestação de arrependimento.

Art. 6º As contratações no comércio eletrônico deverão observar o cumprimento das condições da oferta, com a entrega dos produtos e serviços contratados, observados prazos, quantidade, qualidade e adequação.

Art. 7º A inobservância das condutas descritas neste Decreto ensejará aplicação das sanções previstas no art. 56 da Lei nº 8.078, de 1990.

Art. 8º O Decreto nº 5.903, de 20 de setembro de 2006, passa a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 10.

Parágrafo único. O disposto nos arts. 2º, 3º e 9º deste Decreto aplica-se às contratações no comércio eletrônico." (NR)

Art. 9º Este Decreto entra em vigor sessenta dias após a data de sua publicação.

Brasília, 15 de março de 2013; 192º da Independência e 125º da República.

DILMA ROUSSEFF
José Eduardo Cardozo

DECRETO Nº 7.963, DE 15 DE MARÇO DE 2013

Institui o Plano Nacional de Consumo e Cidadania e cria a Câmara Nacional das Relações de Consumo.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, caput, inciso VI, alínea "a", da Constituição,

D E C R E T A :

Art. 1º Fica instituído o Plano Nacional de Consumo e Cidadania, com a finalidade de promover a proteção e defesa do consumidor em todo o território nacional, por meio da integração e articulação de políticas, programas e ações.

Parágrafo único. O Plano Nacional de Consumo e Cidadania será executado pela União em colaboração com Estados, Distrito Federal, Municípios e com a sociedade.

Art. 2º São diretrizes do Plano Nacional de Consumo e Cidadania:

I - educação para o consumo;

II - adequada e eficaz prestação dos serviços públicos;

III - garantia do acesso do consumidor à justiça;

IV - garantia de produtos e serviços com padrões adequados de qualidade, segurança, durabilidade e desempenho;

V - fortalecimento da participação social na defesa dos consumidores;

VI - prevenção e repressão de condutas que violem direitos do consumidor; e

VII - autodeterminação, privacidade, confidencialidade e segurança das informações e dados pessoais prestados ou coletados, inclusive por meio eletrônico.

Art. 3º São objetivos do Plano Nacional de Consumo e Cidadania:

I - garantir o atendimento das necessidades dos consumidores;

II - assegurar o respeito à dignidade e segurança do consumidor;

III - estimular a melhoria da qualidade de produtos e serviços colocados no mercado de consumo.

TABELA DE PREÇOS DE JORNAIS AVULSOS

Páginas	Distrito Federal	Demais Estados
de 02 a 28	R\$ 0,30	R\$ 1,80
de 32 a 76	R\$ 0,50	R\$ 2,00
de 80 a 156	R\$ 1,10	R\$ 2,60
de 160 a 250	R\$ 1,50	R\$ 3,00
de 254 a 500	R\$ 3,00	R\$ 4,50

- Acima de 500 páginas = preço de tabela mais excedente de páginas multiplicado por R\$ 0,0107

ANEXO B



DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO

República Federativa do Brasil - Imprensa Nacional

Em circulação desde 1º de outubro de 1862

Ano CXLIX Nº 232

Brasília - DF, segunda-feira, 3 de dezembro de 2012



Sumário

	PÁGINA
Ato do Poder Legislativo	1
Ato do Poder Executivo	2
Presidência da República	9
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento	11
Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação	24
Ministério da Cultura	24
Ministério da Defesa	26
Ministério da Educação	28
Ministério da Fazenda	29
Ministério da Justiça	43
Ministério da Previdência Social	54
Ministério da Saúde	54
Ministério das Cidades	79
Ministério das Comunicações	79
Ministério das Relações Exteriores	83
Ministério de Minas e Energia	84
Ministério do Desenvolvimento Agrário	94
Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome	95
Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior	98
Ministério do Esporte	100
Ministério do Meio Ambiente	101
Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão	101
Ministério do Trabalho e Emprego	105
Ministério dos Transportes	112
Conselho Nacional do Ministério Público	113
Ministério Público da União	113
Tribunal de Contas da União	120
Poder Judiciário	151
Entidades de Fiscalização do Exercício das Profissões Liberais	155

Ato do Poder Legislativo

LEI Nº 12.735, DE 30 DE NOVEMBRO DE 2012

Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, o Decreto-Lei nº 1.001, de 21 de outubro de 1969 - Código Penal Militar, e a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, para tipificar condutas realizadas mediante uso de sistema eletrônico, digital ou similares, que sejam praticadas contra sistemas informatizados e similares; e dá outras providências.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA
Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Esta Lei altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, o Decreto-Lei nº 1.001, de 21 de outubro de 1969 - Código Penal Militar, e a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, para tipificar condutas realizadas mediante uso de sistema eletrônico, digital ou similares, que sejam praticadas contra sistemas informatizados e similares; e dá outras providências.

Art. 2º (VETADO)

Art. 3º (VETADO)

Art. 4º Os órgãos da polícia judiciária estruturarão, nos termos de regulamento, setores e equipes especializadas no combate à ação delitosa em rede de computadores, dispositivo de comunicação ou sistema informatizado.

Art. 5º O inciso II do § 3º do art. 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 20.

§ 3º

II - a cessação das respectivas transmissões radiofônicas, televisivas, eletrônicas ou da publicação por qualquer meio;

....." (NR)

Art. 6º Esta Lei entra em vigor após decorridos 120 (cento e vinte) dias de sua publicação oficial.

Brasília, 30 de novembro de 2012; 191ª da Independência e 124ª da República.

DILMA ROUSSEFF
José Eduardo Cardoso
Paulo Bernardo Silva
Maria do Rosário Nunes

LEI Nº 12.736, DE 30 DE NOVEMBRO DE 2012

Dá nova redação ao art. 387 do Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 - Código de Processo Penal, para a detração ser considerada pelo juiz que proferir sentença condenatória.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA
Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A detração deverá ser considerada pelo juiz que proferir a sentença condenatória, nos termos desta Lei.

Art. 2º O art. 387 do Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 - Código de Processo Penal, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 387.

§ 1º O juiz decidirá, fundamentadamente, sobre a manutenção ou, se for o caso, a imposição de prisão preventiva ou de outra medida cautelar, sem prejuízo do conhecimento de apelação que vier a ser interposta.

§ 2º O tempo de prisão provisória, de prisão administrativa ou de internação, no Brasil ou no estrangeiro, será computado para fins de determinação do regime inicial de pena privativa de liberdade." (NR)

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 30 de novembro de 2012; 191ª da Independência e 124ª da República.

DILMA ROUSSEFF
José Eduardo Cardoso

LEI Nº 12.737, DE 30 DE NOVEMBRO DE 2012

Dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos; altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal; e dá outras providências.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA
Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos e dá outras providências.

Art. 2º O Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, fica acrescido dos seguintes arts. 154-A e 154-B:

"Invasão de dispositivo informático

Art. 154-A. Invasão de dispositivo informático alheio, conectado ou não à rede de computadores, mediante violação indevida de mecanismo de segurança e com o fim de obter, adulterar ou destruir dados ou informações sem autorização expressa ou tácita do titular do dispositivo ou instalar vulnerabilidades para obter vantagem ilícita:

Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa.

§ 1º Na mesma pena incorre quem produz, oferece, distribui, vende ou difunde dispositivo ou programa de computador com o intuito de permitir a prática da conduta definida no caput.

§ 2º Aumenta-se a pena de um sexto a um terço se a invasão resulta prejuízo econômico.

§ 3º Se da invasão resultar a obtenção de conteúdo de comunicações eletrônicas privadas, segredos comerciais ou industriais, informações sigilosas, assim definidas em lei, ou o controle remoto não autorizado do dispositivo invadido:

Pena - reclusão, de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos, e multa, se a conduta não constitui crime mais grave.

AVISO

CIRCULOU EM 30/11/2012 A EDIÇÃO EXTRA Nº 231-A
Também disponível no endereço: www.in.gov.br - Pesquisa nos Jornais

TABELA DE PREÇOS DE JORNAIS AVULSOS

Páginas	Distrito Federal	Demais Estados
de 02 a 28	R\$ 0,30	R\$ 1,80
de 32 a 76	R\$ 0,50	R\$ 2,00
de 80 a 156	R\$ 1,10	R\$ 2,60
de 160 a 250	R\$ 1,50	R\$ 3,00
de 254 a 500	R\$ 3,00	R\$ 4,50

*Acima de 500 páginas = preço de tabela mais excedente de páginas multiplicado por R\$ 0,0107

Falsificação de cartão

<http://www.in.gov.br> osvidoria@in.gov.br
 RUA, LUIZ DE OLIVEIRA, 1111 - FLORESTA - 13081-100 - RIBEIRÃO PRETO - SP
 CNPJ: 04196645/0001-00
 Fone: 0800 725 6287

DILMA ROUSSEFF
Alexandre Rocha Santos Padilha

Atos do Poder Executivo

d) quatorze DAS 102.1:

II - planejar, executar, coordenar e controlar as atividades de articulação da Secretaria de Administração com a Autoridade Certificadora Raiz - AC Raiz, da Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil;